

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**GABRIELA RODRIGUES LIMA**

**A FEITIÇARIA ANDINA NA CONQUISTA DO PERU: AS PLANTAS NOS  
DOCUMENTOS DE EXTIRPAÇÃO DE IDOLATRIAS E TRATADOS  
MÉDICOS NOS SÉCULOS XVI E XVII**

**FRANCA  
2017**

**GABRIELA RODRIGUES LIMA**

**A FEITIÇARIA ANDINA NA CONQUISTA DO PERU: AS PLANTAS NOS  
DOCUMENTOS DE EXTIRPAÇÃO DE IDOLATRIAS E TRATADOS  
MÉDICOS NOS SÉCULOS XVI E XVII**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em História. Área de concentração: História e Cultura Social.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal.

Lima, Gabriela Rodrigues.

A feitiçaria andina na conquista do Peru : as plantas nos documentos de extirpação de idolatrias e tratados médicos nos séculos XVI e XVII / Gabriela Rodrigues Lima. – Franca : [s.n.], 2017.

97 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal.

1. Idolatria. 2. Feitiçaria. 3. Plantas medicinais. I. Título.

CDD –985.03

**GABRIELA RODRIGUES LIMA**

**A FEITIÇARIA ANDINA NA CONQUISTA DO PERU: AS PLANTAS NOS  
DOCUMENTOS DE EXTIRPAÇÃO DE IDOLATRIAS E TRATADOS  
MÉDICOS NOS SÉCULOS XVI E XVII**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em História.

**BANCA EXAMINADORA**

**PRESIDENTE:** \_\_\_\_\_

**Professora Doutora Ana Raquel Martins da Cunha Portugal,  
UNESP/Franca**

**1º EXAMINADOR:** \_\_\_\_\_

**2º EXAMINADOR:** \_\_\_\_\_

**Franca, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.**

*Para meus  
pais, Antônio Amilton e Inês, e a minha  
irmã Rafaela.*

## AGREDECIMENTOS

A jornada até a finalização deste trabalho não foi desacompanhada, graças às energias boas do Universo posso aqui agradecer a muitas pessoas.

Primeiramente, agradecer a minha família pela educação, amor e carinho que me proporcionaram vivenciar todas as experiências por mim já experimentadas, obrigada por sempre me ensinarem a ter coragem de buscar os meus sonhos, e encontrar forças para realizá-los, me apoiando em todas as minhas escolhas.

Agradeço a Professora Doutora Ana Raquel Portugal por todo o caminho decorrido de orientação, pois desde o meu 2º ano a sigo pelos corredores buscando direção para meus trabalhos.

Agradeço aos Prof. Dr. Lélío Luiz de Oliveira e Prof. Dr. Yllan de Mattos pelas preciosas instruções dadas no exame de qualificação que puderam me guiar na construção final deste trabalho

Agradeço a todos aqueles que pude conhecer no Peru, aos meus amigos de trilhas, das ruas e das feirinhas, pois fizeram a diferença em minha visão de mundo. Reconheço em especial a Laura Gutierrez e Melecio, funcionários do Arquivo Arzobispal de Lima, onde pude experimentar o contato pessoal com as fontes históricas do índice de “*feitiçarias*”, e perceber quão árduo é o ofício do historiador. E a Liliana Hurtado, professora do departamento de história da PUC-LIMA, pois me acolheu em sua casa me dando dicas preciosas de onde poderia encontrar na sua cidade a bibliografia da qual eu necessitava para este trabalho.

Agradeço as minhas amigas Fernanda Vieira e Júlia Pereira pelo apoio ao longo do caminho.

Agradeço a Bárbara Schneider companheira de mestrado pelo amparo nos momentos de preocupação.

Agradeço ao meu melhor amigo e namorado Ricardo Voltolini, que desde o dia em que fui aprovada no Programa de Pós Graduação pode me acompanhar, me acolhendo e animando nos momentos de frustrações e desânimos, sempre me motivando a não desistir.

Agradeço a minha amiga e chefe Isilda Ribeiro por ter-me proporcionado através de sua amizade e compreensão a vivência de minha viagem em Fevereiro de 2016 ao Peru.

Agradeço a CAPES pelo o financiamento de parte dessa pesquisa e a UNESP pela formação.

*“Também devemos reformar nossas vidas no sentido da compreensão do outro. Por quê? Por que é notável que temos uma grande dificuldade para compreender um estrangeiro que tem costumes diferentes, ritos diferentes, crenças diferentes, às vezes religiões diferentes. Temos dificuldade para compreender e sentir que ele é como nós. Pois o específico das relações entre os humanos é que o outro é, ao mesmo tempo diferente e parecido conosco. Ele é diferente por sua singularidade, suas características próprias, seu caráter. Mas ele é parecido conosco pela capacidade de sofrer, de amar, de chorar, de rir de refletir.”*

(Edgar Morin)

*“... la América, parece ésta una hermosa, y robusta Doncella, y la Europa, una Vieja consumida y estéril. La América ofrece por todas partes á la vista los hermosos atractivos de verdes y frondosísimos bosques, que em Enero, como en Mayo, y todo el año, están vestidos, y cargados de sus frutos:[...] Bien que una, y otra, a pesar de la diferencia de juventud, y vejez, con que se presentan, y cuentan la misma edad; si no es que halla sido aquella una nueva produccion del Criador ...”*

(Montesquieu)

LIMA, Gabriela Rodrigues. **A feitiçaria andina na conquista do Peru**: as plantas nos documentos de extirpação de idolatrias e tratados médicos nos séculos XVI e XVII. 2017. 97 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2017.

## RESUMO

A expansão marítima proporcionou ao homem europeu o contato com o Novo Mundo, onde se relacionaram com culturas, tradições e costumes diferentes. Levando consigo nas naus o imaginário mágico europeu, as práticas dos povos andinos foram interpretadas como sobrenaturais pelos espanhóis nos dois primeiros séculos da colonização. Nesse sentido, o presente trabalho tem como intenção compreender como os costumes indígenas nos séculos XVI e XVII onde hoje temos localizado o território do Peru foram encarados como feitiçaria pelos espanhóis. Tendo como foco a utilização de plantas, também será analisado de que forma as ervas nesse mesmo momento foram utilizadas como inovação farmacêutica e medicinal. Para isso, investigaremos os documentos de extirpação de idolatrias do Arquivo Arzobispal de Lima, o tratado do médico sevilhano Nicolás Monardes, e as contribuições dos jesuítas Bernabé Cobo e Joseph de Acosta sobre as descrições da natureza americana. Assim, pretende-se contribuir para a compreensão das diferentes abordagens e o que elas representavam naquele contexto, pois enquanto de um lado temos o pensamento do homem europeu marcado pelo imaginário mágico, de outro temos mais de um pensamento racional que buscou lucro, inovação científica e progresso urbano, gerando diversos renascimentos e nos mostrando vários prismas desse período histórico.

**Palavras-chave:** Idolatria; Feitiçaria; Plantas Medicinais.



## ABSTRACT

The maritime expansion has provided the European man the contact with the New World, where they related to cultures, traditions and different habits. Taking with the ships the magical European imaginary, even though the practices of the Andean people were considered supernatural by the Spanish in the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries. The present study intends to comprehend how the native habits from the period, where nowadays is located the Peruvian territory, were viewed as witchcraft, focusing in the usage of plants. In contrast, it will be analyzed how the herbs from that same moment were used as pharmaceutical and medicinal innovations. For that, we will consider the documents of extirpation of idolatry from the Arzobispal de Lima Archive, the Sevillian medic Nicolás Monardes' treaty, and the contributions from the Jesuits Bernabé Cobo and Joseph de Acosta about the descriptions of the American nature. Therefore, we expect to contribute with the comprehension of the different insights and what they represented in that context, since while in one side we have the European man's way of thinking marked by the magical imaginary, on the other one we have more than one rational thinking that sought profit, scientific innovation and urban progress generating many revivals, showing us several prisms from that historical period.

**Keywords:** Idolatry; Witchcraft; Medicinal Herbs.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO I – A FEITIÇARIA NOS PROCESSOS DE IDOLOATRIAS .....	18
1.1 A feitiçaria e a extirpação .....	18
1.2 Relatos de visitas: as plantas como elemento da idolatria.....	30
1.3 A Feitiçaria na Conquista da América e novas perspectivas.....	40
CAPÍTULO II – NOVOS PRISMAS PARA A FEITIÇARIA- MEDICINA E CURA	49
2.1 Nicolás Monardes, o homem que deu luz a natureza do Novo Mundo.....	49
2.2 O olhar dos jesuítas.....	59
2.3 Medicina e Religião: Uma síntese de suas contribuições.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	79
REFÊNCIAS.....	87

## INTRODUÇÃO

O crescimento das viagens náuticas gerou o grande movimento de expansão marítima nos séculos XVI e XVII proporcionando ao homem europeu o contato com o Novo Mundo, onde foi possível uma relação com culturas, tradições e costumes diferentes. Estes homens levaram junto das naus o imaginário mágico europeu e as práticas dos povos andinos foram concebidas como sobrenaturais. Diante de tal contexto, o presente trabalho busca compreender como os costumes dos indígenas que residiam onde hoje temos localizado o território do Peru, nos séculos XVI e XVII, foram encarados como feitiçaria, abordando de forma especial o uso de elementos naturais.

Por outro lado, também será analisado de que modo as ervas nesse mesmo momento foram utilizadas como inovação farmacêutica e medicinal. Assim, pretende-se colaborar para a compreensão das diferentes concepções e o que elas representavam naquele contexto, pois enquanto vemos em uma face o senso europeu carregado de interpretações mágicas sobre o mundo, na outra temos fatores diversos em ascensão, como a busca do lucro, a inovação científica e o progresso urbano gerando múltiplos renascimentos, nos mostrando um momento de transição histórica.

Para isso, fragmentaremos nosso trabalho em dois sentidos. O primeiro Capítulo tratará das fontes que incriminavam aqueles que praticavam o que chamavam de feitiçaria, visto que enquanto na Europa lutavam contra as ditas “bruxas” e “feiticeiras” as perseguindo, torturando e por fim as matando através das condenações realizadas pelo Tribunal da Santa Inquisição, no Novo Mundo, com mecanismos diferentes, porém com o mesmo objetivo de acabar com o paganismo e levar a tida como “verdadeira religião” aos nativos, criou-se a ferramenta das extirpações de idolatrias. Para analisar tal ângulo, investigaremos os processos de extirpações de idolatrias contidos no livro *“Cultura Andina Y Represión: procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII”* do autor Pierre Duviols. Estes que foram retirados do Arquivo Arzobispal de Lima, no índice intitulado *“hechicerías”* onde podemos encontrar 192 documentos que são processos judiciais que ocorreram entre os séculos XVI e XVII.

E, tomando o devido cuidado para com tal tipo de fonte, uma vez que foi produzida no contexto religioso, buscaremos entender uma perspectiva da sociedade colonial que interpretava as tradições dos nativos como mágica e tinha como necessidade desenraizar os costumes locais expandindo a religião Católica Apostólica Romana para os domínios do

Novo Mundo, a fim de compreender melhor os porquês das condenações, tendo assim o retrato claro da falta de compreensão em relação a alteridade nesses tempos, ainda que essa concepção passasse longe dos interesses dos colonos naquela época.

Com isso buscamos no alicerce da religião cristã o livro mais importante para os seus fiéis, a Bíblia Sagrada, para entender de onde veio a luta contra os ídolos e as idolatrias, posto que em quase todo o texto sagrado dos católicos há advertências de que aqueles que têm como adoração instrumentos, estátuas, plantas, pedras, árvores e elementos da natureza estão pecando, pois não se adora a criatura, mas sim o criador. Dessa forma se monta o primeiro capítulo, abordando sobre o prisma das condenações desenfreadas e sem compreensão das diferenças culturais dos ameríndios, pois “Muitas vezes feiticeiros eram chamados de médicos embusteiros, mas também agentes concretos do malefício com plantas<sup>1</sup>”.

Contudo, este trabalho analisa os desdobramentos de um período que assim como os outros tempos históricos não devem ser apreendidos com apenas uma única visão. Partindo das fontes dos tratados médicos de Nicolás Monardes e do livro do jesuíta Bernamé Cobo, temos as virtudes das plantas sendo colocadas como especiais para inovar a medicina.

Não foi sem motivo que em seus relatos afirmarem serem dispensáveis os médicos espanhóis, pois os originários do país dominavam técnicas de cura mais eficientes. (...) eram conhecidos não só os colhedores oficiais de ervas medicinais, mas também os colla huayu, ou boticários ambulantes, que levavam consigo ervas secas, além de medicamentos minerais<sup>2</sup>.

O livro “*Primera, Segunda y Tercera partes de la historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras índias occidentales, que sinven en medicina*”, do médico Nicolás Monardes, será trabalhado em nosso segundo capítulo. O doutor Monardes levou para a Europa uma nova forma de fazer medicina, “*Monardes contrapuso explícitamente esta terapêutica ‘racional’ al uso empírico de los medicamentos<sup>3</sup>*”, e este empirismo admirava nos ameríndios: “*(...) las bases de la nueva medicina estaban en la experiencia. Experiencia que admiraba de los sanadores indígenas (...)*<sup>4</sup>”.

---

<sup>1</sup> VARELLA, Alexandre C. **A embriaguez na conquista da América** – Medicina. Idolatria e Vício no México e Peru, Séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2013. p.31.

<sup>2</sup> THORWALD, Jurgen. **O segredo dos médicos antigos**. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p.293.

<sup>3</sup> UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. **Plantas Medicinales Del Perú**. Antología I. Lima, 2006 p. X.

<sup>4</sup> VARELLA, Alexandre C. Op. cit., p. XI

Dessa forma destacaremos as plantas peruanas nas quais o médico faz referência em sua obra, ervas estas que foram apontadas como recurso para os índios realizarem seus feitiços, conforme consta dos processos de extirpação de idolatrias. Nicolás Monardes, porém, destacou suas virtudes terapêuticas e enfatizaremos as que são mencionadas nos processos de idolatria (devido à vastidão de plantas abordadas no livro) como a folha de coca, o milho, a vilca, a batata, o tabaco e os animais como o cuy e as aranhas, além de tratar sobre as rochas que também eram utilizados em tratamentos medicinais. Para mais, Monardes nos retratou em seus escritos outra percepção desse tempo, visão que não retira a virtude dos índios e nos mostra outros lugares da história desse século das navegações, o espaço das virtudes:

(...) representam uma entidade sobrenatural de poder para os índios, o que pensar do significado da planta para os colonizadores? A cultura do tabaco é natural na América, a erva foi usada desde tempos imemoriáveis por praticamente todas as populações aborígenes aficionadas pelo fumo e outros usos da erva. Já os espanhóis também são conquistados, inclusive, pela erva, concluindo que fumar é muito bom e bem medicinal.<sup>5</sup>

Seguindo o ideal de buscar outras perspectivas da dita feitiçaria na América, seguiremos analisando as percepções dos jesuítas sobre os costumes incas. A partir de 1609 e 1610 a Companhia de Jesus começou com seus trabalhos de evangelização no Peru, porém os métodos de catequização eram diferentes dos que estavam sendo utilizados pelos colonos: os religiosos desta ordem acreditavam na educação como ferramenta eficaz para a conversão dos andinos, para isso fundaram escolas e através do ensino procuraram relacionar e aproximar a realidade dos dois mundos.

O primeiro jesuíta que abordaremos é Bernabé Cobo, este homem percorreu os caminhos do “paraíso terrestre” e registrou toda a sua jornada em seu livro *“La Historia del Nuevo Mundo”*. Trabalharemos aqui com os excertos IV, V e VI que tratavam sobre as características naturais da América, plantas, árvores e minerais medicinais, dentre os quais destacaremos aqueles que foram apontadas nos documentos de extirpações de idolatrias, assim como as plantas do livro de Nicolás Monardes. Cobo ao contrário do médico sevilhano viveu na América e teve contato direto com as culturas nativas e com os rituais de cura e por assim ser, fora conhecido posteriormente por ser um religioso diferenciado ao

---

<sup>5</sup> VARELLA, Alexandre C. Op. cit., p.22.

tratar na cultura local:

(...) como un Dioscórides americano, investigó las propiedades curativas de las hierbas y árboles principalmente del Perú, a las propiedades medicinales de las piedras, gredas y animales, sin tocar por razones religiosas la medicina psíquica usada por los rublos andinos<sup>6</sup>.

Bernabé Cobo nos trouxe uma característica nova para aquele momento, um religioso que separou ciência de religião. Sabe-se que nos rituais andinos o padre os considerava desnecessários, porém Cobo estudou sobre as novas plantas relatando suas eficácias, comparando com as do Velho Mundo e descreveu suas semelhanças. Passou a ser conhecido como jesuíta científico do Novo Mundo. Devemos nos atentar que dadas concepções foram empregadas posteriormente e que Cobo assim como a grande maioria dos outros clérigos daquele tempo não acreditavam nas tradições, mas sim nos elementos naturais e no conhecimento que os andinos possuíam desses vegetais para curar seus enfermos, assim, abordaremos tais questões no segundo capítulo que também contará com a perspectiva do jesuíta José de Acosta e Bartolomé de Las Casas<sup>7</sup>.

Acosta, diferentemente de Cobo, será mais exigente ao seu diagnóstico diante das atitudes dos ameríndios. Naquele tempo, assim que os índios passaram a serem batizados não seria mais aceito que continuassem com as tradições da sua antiga religião pagã, por isso destacou em sua obra “*Historia Natural y Moral de las Indias*” alguns proveitos sobre a natureza do Novo Mundo – todavia, sempre enfatizando que os rituais dos Incas eram idolatria. Trataremos sobre tais embates no encerramento do segundo capítulo, trazendo uma síntese dos pensamentos dos jesuítas, do médico Monardes; além disso, discutiremos sobre os ideais de frei Bartolomé de las Casas, religioso dominicano que viveu boa parte de sua vida na América, este decidiu por defender os índios e para isso escreveu vários livros e diversos textos no intuito de que se mudasse a situação que os nativos eram tratados.

Encerraremos, assim, o segundo capítulo, com as perspectivas daqueles que não reputavam como idolatria ou ensinamentos do demônio o fato de os andinos curarem com elementos naturais seus enfermos, ou o ato de vislumbrarem qualquer ação com relação a “Pachamama”, lembrando não o uso de plantas, mas por vezes os rituais. Portanto,

---

<sup>6</sup> UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. Op. cit., p. 113.

<sup>7</sup> Utilizamos em nossa pesquisa perspectivas variadas a cerca da utilização dos elementos naturais para a cura do ser humano. Por isso buscamos em diversos personagens, mesmo que de ordens e formações diferentes como é o caso de Acosta de Las Casas, o nosso objeto de estudo. Para compreender como estes homens consideravam a utilização da farmacopéia andina como importante elemento para cuidar dos enfermos.

trataremos de abordar a ótica que interpretava tais fatos como “feitiçaria”.

Este trabalho tem como intenção dissertar sobre os diversos desdobramentos desse tempo e refletir sobre alguns embates daquele período. Era medicina ou idolatria? Por ocorrer tal impasse houve a abertura para as extirpações de idolatrias e os problemas ocorreram. Destarte, elegemos o seguinte título para este trabalho: “A feitiçaria andina na conquista do Peru: as plantas nos documentos de extirpação de idolatrias e tratados médicos nos séculos XVI e XVII”. O termo escolhido fora “feitiçaria” por nos atentarmos às diferenças entre as palavras “bruxaria” e “feitiçaria”, pois cada qual possui sua especificidade, esta que será retratada no primeiro capítulo. Da mesma forma procederemos com o conceito de “conquista”, entendendo que é a obtenção daquilo que se ambiciona há algum tempo, ou seja, a cobiça pelo Paraíso Terrestre, por novas terras para expandir os domínios europeus, onde cada país investiu na construção de naus para que o mundo fosse desbravado e o comércio trouxesse cada vez mais lucros para o Velho Continente – este que necessitava de especiarias e, embora não fosse essa a razão principal, acabaram por ter contato com diversas culturas, primeiramente orientais e mais tardar com os ameríndios. Esse processo trouxe proximidades que transformaram todo um período onde cada qual conhecia somente o seu espaço; as navegações levaram a possibilidade de dominarem novos sabores, técnicas, línguas, costumes e claro nosso objeto de estudo uma nova medicina, condenada por alguns e exaltada por outros.

Com isso é possível enxergar o presente trabalho a partir da análise de vários prismas que nos possibilitam o olhar sobre como as medicinas foram vistas e utilizadas na colônia ou na Espanha, nos viabilizando diferentes visões de mundo. A idolatria nos ofereceu a ideia de que aquilo que os índios acreditavam era uma falsa religião, copiada pelo demônio. O livro de Alexandre Varella “*A embriaguez na conquista da América*”, nos servirá de importante norte para refletir a cerca dos proveitos medicinais que os espanhóis obtiveram com as ervas naquele tempo e, nas palavras do próprio historiador:

Entrementes, como acentuaria Rabelais entre outros eruditos na mesma época, a Europa vivia num mundo de reconhecimento e uso dos poderes das plantas e poções – enquanto remédios para as dores do corpo e da alma, apesar das políticas governamentais e clericais em guerra contra as feiticeiras e particularmente contra aquelas chamadas bruxas, suas ervas e unguentos do arrebatamento, continuamente associados ao poder perturbador do Diabo. Os europeus também seguiam nas bebedeiras, apesar das batalhas morais contra os efeitos que corroessem a sobriedade, quer seja pelo vinho, pelas cervejas e outros licores, consideradas sendas

abertas para uma diversidade de pecados que levariam à danação da alma<sup>8</sup>.

Para tratarmos dos desarranjos desse tempo utilizaremos como metodologia as abordagens históricas da História Cultural, debatendo com os autores Roger Chartier e Michel de Certeau, os quais nos orientarão na compreensão das ambiguidades dos séculos XVI e XVII, para que assim possamos oferecer um túmulo escriturário ao motivo deste trabalho, dando ênfase para o nosso objeto que está no passado<sup>9</sup>.

A partir do entendimento de que nossa fonte provém de um local e de uma instituição que não poderia o produzir de maneira diferente, temos assim que as suas representações também acabaram por serem forjadas pelos grupos que as formaram<sup>10</sup>. Dessa forma, nosso trabalho se articula diante do saber dizer a respeito daquilo que se calou no passado<sup>11</sup>.

Ademais, sob o amparo da História Cultural tentaremos através da escrita articular as representações do século das Grandes Navegações, utilizando as noções de representações, lugar que tornam determinados contextos possíveis e juntamente com alguns princípios da antropologia, como a alteridade que está dada no reconhecer que o outro é distinto, ou seja, que a cultura contrária é diferente, e que, reconhecendo que os indivíduos são distintos, pode-se aceitar ou combater – embora o certame tenha ocorrido seguramente pela falta de consciência para com a alteridade.

Ao longo de nosso texto se perceberá que a os incas não abandonaram suas tradições apesar das extirpações de idolatrias se darem de forma constante; e, além de continuarem com seus costumes, temos que muitos deles, o uso plantas, por exemplo, foram utilizados pelos colonos e por espanhóis na Europa, como é o caso do médico Nicolás Monardes que divulgou seu livro em centenas de universidades de medicina europeias, nos mostrando que a colonização da América pelos europeus não se tratou de um caminho definitivo que levou à aculturação<sup>12</sup>, mas sim a uma trilha de diversas representações dadas pelos múltiplos lugares em que os agentes históricos puderam estar, seja na Igreja Católica Apostólica Romana ou no campo científico da medicina. Não foi nosso propósito nesta dissertação criar uma abordagem comparativa entre bem e mal, e nem tampouco colocar a religião dos europeus como pavorosa e os médicos como angelicais, mas sim nos foi interesse

---

<sup>8</sup> VARELLA, Alexandre C. Op. cit.,p.30.

<sup>9</sup> DE CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p.15.

<sup>10</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.p.17

<sup>11</sup> DE CERTEAU, M. Op. cit., p. 15.

<sup>12</sup> VARELLA, Alexandre C. Op.cit.,p.15. (Entendemos o conceito de aculturação como desintegração das culturas, levando ao desaparecimento dos elementos das tradições anteriores que se extinguem.)



vislumbrar e ressaltar como há distintas leituras de um mesmo objeto histórico, onde “(...) a idolatria representa principalmente uma forma de leitura e geralmente de condenação dos costumes ou atos indígenas (considerados idolátricos) pelos cristãos na conquista da América<sup>13</sup>”, e analogicamente a medicina dos incas está interligada a este julgamento idolátrico, porém se mostra respeitável quando médicos e até mesmos os jesuítas como Bernabé Cobo ressaltam a importância das propriedades medicinais da natureza no Novo Mundo.

Por conseguinte, teremos em nosso trabalho dois capítulos: o primeiro apresentará a face das extirpações de idolatrias e como estas se opuseram aos costumes, tradições e a cultura local os catalogando como feitiçaria, não respeitando a alteridade e acabando por levar para o Novo Mundo epidemias de intolerância religiosa e crises demográficas por conta de doenças europeias, as quais sepultaram milhares de indígenas<sup>14</sup> ;e, consecutivamente, traremos um segundo capítulo que refletirá sobre a feitiçaria frente a ciência, ou seja, os novos conhecimentos sobre plantas e métodos de cura que os andinos utilizavam e foram reconhecidos como mais variados e por vezes mais eficientes que os do Velho Mundo. Esperamos aqui ecoar novas percepções de um tempo em que demônios assombravam e andavam juntamente com a razão.

---

<sup>13</sup> VARELLA, Alexandre C. Op. cit., p. 35.

<sup>14</sup> COOK, Noble David. **La conquista biológica La enfermedades em el Nuevo Mundo**. Espanha: Siglo, 2005.

## CAPÍTULO I – A FEITIÇARIA NOS PROCESSOS DE IDOLOATRIAS

### 1.1 A feitiçaria e a extirpação

A Época Moderna foi um período de grandes transformações para o homem: da degradação do Feudalismo, ascensão do Capitalismo, Reformas Religiosas e descobertas científicas. Foi também o tempo das Grandes Navegações, onde um Novo Mundo foi desbravado, colonizado e modelado a partir do imaginário mágico do homem moderno europeu.

Para compreender as ações dos europeus na América é importante entender o contexto da Europa do século XVI e XVII, no qual o homem estava se tornando racional, ao mesmo tempo em que o “imaginário do mágico” estava presente na sociedade. Esse período foi palco de transformações sociais contraditórias, com o surgimento de várias descobertas científicas e o advento das Inquisições, Guerras Religiosas e a Caça às Bruxas.

Grande parte da população europeia era analfabeta, vivia à margem de um sistema econômico que estava se dissolvendo e com resquícios da crise ocorrida no século XIV trazidas pela Peste Negra, que tiveram como consequência a fome e a pobreza. Em decorrência dessa situação em grande parte da Europa, o medo e a instabilidade foram sentimentos vividos pela população e o refúgio deste medo foi a religião.

A religiosidade popular diferenciava-se da cultuada nas igrejas, como a autora Laura de Mello e Souza aponta: “(...) era impregnada de magismo e de elementos folclóricos, (...)”<sup>15</sup>; o homem do início desse tempo dava mais importância à audição do que a visão e na questão da crença, “(...) a descrença não fazia parte do universo mental (...)”<sup>16</sup>, assim esse período era um misto entre o pensamento mítico e a ascensão de um entendimento racional.

A crença no Diabo era tão importante quanto em Deus, pois ele complementava a noção da existência divina. Ao demônio se colocava a culpa dos fatos ruins, como a fome e as doenças e a divindade, as graças concedidas, além de tal relação acreditavam que haviam pessoas ligadas aos fatos bons e ruins, dessa forma a crença em bruxas e em feiticeiras foi marcante nesse período. O sobrenatural era intrínseco no homem moderno e esse contexto se integra no que foi o imaginário das pessoas do período da expansão marítima, este foi

---

<sup>15</sup> SOUZA, Laura de Mello e. **A Feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: ÁTICA, 1987. (Série Princípios), p.7.

<sup>16</sup> Idem.

transportado para o Novo Mundo, onde levaram para a nova terra visões fantásticas, trouxeram para os índios seu inferno de chamas<sup>17</sup>, destino final de todos que não seguissem a “verdadeira” religião.

As navegações surgiram nessa conjuntura, na qual o desenvolvimento científico já vinha ganhando crescimento desde o século XV com o Renascimento na Itália, bem como em Portugal, o qual já havia iniciado suas aventuras em mar aberto. Mostrava-se assim um momento humanista, onde se buscava o conhecimento e se admirava cada vez mais o homem<sup>18</sup>. Porém, mesmo sendo um período onde se queria alcançar o conhecimento racional, os navegadores ainda não ousavam pensar abertamente contra as escrituras bíblicas. Esta época foi marcada por diversas histórias sobre os mistérios dos oceanos, criaturas fantásticas e terras sagradas e míticas – ademais, eram essas as condições que esperavam encontrar os navegadores espanhóis em suas viagens influenciados pelos romances de cavalaria. Este tempo foi reflexo de uma “relação entre a progressão dos eventos históricos e a mutação dos mundos imaginários no espírito daqueles que neles tomaram parte<sup>19</sup>”.

O que naquele período representava o Novo Mundo? Esta expressão era comum naquele tempo por conta das escrituras bíblicas e de lendas antigas que eram contadas de geração em geração. No século XV, já especulavam a existência de terras novas, “(...) onde brilhavam outras estrelas desconhecidas dos europeus (...)”<sup>20</sup>. Cristóvão Colombo tinha a Bíblia Sagrada como motivação e justificativa para suas viagens, pois tinha a crença de que as palavras ali descritas eram profecias. Assim lia e propagava com afincos as mensagens do livro do profeta Isaías e Apocalipse de São João que diziam sobre um diferente território “Eu vi um novo céu e uma nova terra<sup>21</sup>”.

Nesse mundo onde havia um “imaginário coletivo”<sup>22</sup> que circulava na consciência dos homens, marcado pela fantasia da busca do “Paraíso Perdido”, do “Éden Terrestre”, e pela “Terra Prometida”, o homem europeu esbarrou com o território americano. Essa recém

---

<sup>17</sup> DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800** Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1923. p. 263.

<sup>18</sup> MAGASICH-AIROLA, Jorge & BEER, Jean Marc de. **América Mágica: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o paraíso**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.p. 30.

<sup>19</sup> Ibidem, p.12.

<sup>20</sup> GRUZINSKI, Serge. **La colonización de lo imaginario, sociedades indígenas y occidentalización em el México español**. Siglos XVI-XVIII. Fondo de Cultura Económica, México. 2000.p.21.

<sup>21</sup> Ibidem. p.22.

<sup>22</sup>Entendemos aqui que a noção de “imaginário coletivo” reflete a ideia da união das representações de determinada comunidade que quando são compartilhados acabam por simbolizar as características da comunidade ou espaço. (Cf. MAGASICH-AIROLA, Jorge & BEER, Jean Marc de. Op. Cit., p. 18).

descoberta fez abrir rumos para novos caminhos, pois se pensava naquele momento que os mitos<sup>23</sup> misturados às histórias bíblicas estavam ao alcance das mãos. A imaginação antes somente relacionada ao Oriente expandiu-se para a América, terreno fértil para as idealizações de uma cultura que buscava riquezas além-mar<sup>24</sup>.

Temos então um cenário de conflito de universos: presente em todos os períodos históricos. A primeira característica desse tempo era a religião que interpretava o desconhecido das viagens a partir de uma visão mítica e com base nas escrituras; a segunda já se tratava de um olhar Renascentista, racional e empírico, aonde vimos as primeiras manifestações de pensamentos desvinculados da religião.

Os ditos conquistadores foram impulsionados para as atividades científicas<sup>25</sup>, porém seguiam seus caminhos na confusão entre a realidade e a fantasia, entre a cobiça e a religião. Como exemplo tem-se Colombo que, mesmo buscando enriquecer com as navegações, descrevia que as características da América compactuavam com a do Paraíso da Sagrada Escritura. Assim:

Entre a América e o Velho Mundo estende-se o Oceano Atlântico, raramente evocado nas tradições bíblicas e, no entanto rico em crenças, de origem muitas vezes obscura, que povoam a imaginação dos descobridores da América<sup>26</sup>.

Neste quadro das navegações onde a imaginação se misturava com a ambição, no século XVI estes sujeitos náuticos se depararam com as tradições, costumes e ritos de um povo que já vivia no “paraíso terrestre”. Na Cordilheira dos Andes e nas costas do Pacífico estava o Tahuantinsuyo<sup>27</sup> que fora formado por diversas cidadelas que iam do sul da Colômbia à Floresta Amazônica, organizado na figura central do Inca-Filho do Deus Sol, o território era todo cortado por estradas que serviam para unir o vasto território no qual ocupavam, sendo que estas tinham como principal caminho levar à cidade de Cuzco. A força dos Incas se deu por diversos motivos, os principais estão relacionados à língua falada, o quéchua, que era imposta a todos inclusive aos povos conquistados durante suas expansões, para assim fortalecer suas tradições. Outra característica marcante foi a centralização que se

---

<sup>23</sup> Não pretendemos no presente trabalho discutir as várias explicações acerca do conceito de “mito”.

<sup>24</sup> MAGASICH-AIROLA, Jorge, BEER, Jean Marc de. Op. cit., p.17.

<sup>25</sup> Ibidem, p.36.

<sup>26</sup> Ibidem, p.194

<sup>27</sup> Tahuantinsuyo é o nome original em quéchua dado a supremacia de territórios e povos conquistados pelos Incas; não será, portanto utilizado neste trabalho o termo Império Inca, mas sim Tahuantinsuyo já que o primeiro se trata de um conceito europeu.

encontrava na cidade de Cuzco e o forte laço ideológico da religiosidade de culto ao Sol<sup>28</sup>. Porém, assim que os espanhóis chegaram ao território americano, o Tahuantinsuyu vivenciava momento de conflitos e assassinatos entre os governantes; tal crise estava combinada com as previsões de que homens mais poderosos estavam por chegar e tomar o território destes, os europeus.

Diante de tal cenário, os forasteiros europeus chegaram ao que acreditavam ser o paraíso, mas, ao invés de os nativos serem confundidos com “anjos”, já que estavam no “céu terrestre”, sua cultura fora caracterizada com influências do Diabo, o qual quis expandir os domínios do pecado, assim como fizera com os europeus, pois havia sido banido do território espanhol com a exclusão dos mouros em 1492. Como na América não seria possível “expulsar” os índios, deveriam investir pesado nas extirpações de idolatrias para eliminar o demônio do Novo Mundo: “(...) evitar no Peru a renovação de semelhante desastre e combater a idolatria enquanto ainda era tempo<sup>29</sup>”.

Mas de onde vem à motivação para a realização das extirpações? A base teológica da religião católica faz se compreender o porquê do pensamento dos homens desse período. Vários fragmentos bíblicos tratam sobre idolatria e magia. Com essas passagens bíblicas podemos compreender o pensamento e a justificativa da realização das extirpações de idolatrias, das destruições dos templos, ídolos e huacas<sup>30</sup> dos povos nativos. O Livro do Êxodo nos traz o seguinte trecho:

Não terás outros deuses diante da minha face. Não terás para ti escultura, nem figura alguma do que estás no céu, ou embaixo, sobre a terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante delas e não lhes prestará culto<sup>31</sup>.

Dessa maneira, logo no início do livro de maior importância para a religião católica, há a advertência e a ordem de que não se deveriam possuir mais de um Deus e que não se poderia adorar nenhum tipo de figura ou objeto, pois o verdadeiro Criador era único e somente a Ele deveria se prestar culto.

---

<sup>28</sup>GRUZINSKI, Serge. **La colonización de lo imaginario, sociedades indígenas y occidentalización en el México español**. Siglos XVI-XVIII. Fondo de Cultura Económica, México. 2000.p.23.

<sup>29</sup> DELUMEAU, Jean. Op. cit. p. 267.

<sup>30</sup>As *huacas* eram divindades ou lugares nos quais os Incas veneravam ou os locais onde realizavam seus sacrifícios ou oferendas.

<sup>31</sup>BÍBLIA. A. T. ÊXODO. In Bíblia. Português. **Bíblia Sagrada contendo o Antigo Testamento**. Tradução portuguesa pelos monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Ave Maria, 2004, p.120.

No livro de Levítico temos mais uma condenação ao que a religião cristã chama de idolatria a aqueles que praticavam idolatria que era justamente a ação de venerar instrumentos, pois o Redentor não estaria presente em alma em tais coisas: “Não volteis para os ídolos, e não façais para vós deuses de metal fundido. Eu sou o Senhor, vosso Deus<sup>32</sup>”. Em I Coríntios há mais uma advertência “Portanto caríssimos, fugi da idolatria<sup>33</sup>”.

Não condenavam somente a utilização de imagens, mas também o fato de terem elementos da natureza como deuses, desse modo aqueles que estimavam e louvavam como se a natureza por si própria fosse o Criador era algo indevido segundo a Bíblia Sagrada, pois Deus é Onicriador, sendo assim, fora ele o instituidor de todos os elementos naturais do mundo, quem os colocou no planeta para dar qualidade à vida humana e para que os homens pudessem apreciar as suas maravilhas e não para que estas fossem confundidas com o Criador. Na Bíblia há trechos que reprovam tais atitudes como o capítulo da Carta aos Romanos:

Mudaram a majestade de Deus incorruptível em representações e figuras de homem compatível de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso, Deus os entregou aos desejos dos seus corações, à imundície de modo que desonram entre si os próprios corpos. Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoravam e serviram a criatura em vez do criador, que é bendito pelos séculos<sup>34</sup>”.

Mas o que os cristãos católicos apostólicos fariam então com aqueles que não cumpriam com os alertas da sagrada escritura? A Bíblia também dá as instruções sobre como agir diante de tal situação. A eliminação de tais práticas seria o caminho correto a seguir contra os caminhos incorretos e contrários a vontade do que acreditavam ser a única verdade de vida, extinguir, portanto todas as práticas que eram a favor de outros deuses.

Assim, no livro de Apocalipse podemos relacionar o trecho com o fato de os extirpadores destruírem as huacas dos nativos “(...) não cessavam de adorar o demônio e os ídolos de ouro, de prata, de bronze, de pedra e de madeira, que não podem ver nem ouvir, nem andar. Não se arrependem de seus homicídios, seus malefícios (...)”<sup>35</sup>. Com isso, podemos refletir mais uma passagem que confirma que ter a natureza como divindade era pecado, no livro

---

<sup>32</sup> BÍBLIA. A. T. LEVÍTICO. In Bíblia. Op. Cit., p. 163.

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> BÍBLIA. N.T. CARTA AOS ROMANOS. In Bíblia. Op. Cit., p.1450.

<sup>35</sup> BÍBLIA. N.T. APOCALIPSE. In Bíblia. Op. Cit., p. 1565.

de Miquéias segue a exortação:

Tirarei do meio de ti os ídolos e as estrelas, e cessarás de adorar a obra de tuas mãos. Extirparei de tua terra os bosques sagrados e arrasarei tuas cidades. Em minha cólera e fervor, tomarei vingança das nações que não obedecerem<sup>36</sup>.

Dentro desse contexto bíblico, a magia também aparece como elemento a ser desenraizado das tradições dos povos pagãos, pois para os cristãos somente Deus poderia controlar as vidas, do nascimento à morte; das enfermidades à saúde além de que exclusivamente Ele saberia o passado, presente e futuro, por isso os ditos feiticeiros deveriam ser condenados. E em um pequeno versículo no capítulo de Malaquias há repreensão contra aqueles que praticavam o que acreditava-se ser magia: “Virei ter convosco para julgar vossas questões e serei uma testemunha pronta contra os mágicos (...)”<sup>37</sup>.

Após a leitura desses pequenos trechos bíblicos pode-se entender muito do que ocorreu na América e o porquê de compreenderem e lidarem com a cultura dos nativos da forma como ocorreu e enxergarem de imediato a necessidade de evangelização, catequização e extirpação dos rituais dos índios, pois estes estavam em total desacordo com os dizeres, exortações e recomendações dos versículos, livros e cartas que compõe a Bíblia Sagrada dos católicos. Assim, podemos constatar como a Bíblia se faz fonte importante para podermos compreender a fundamentação dos pensamentos dos clérigos naquele período e o porquê de atuarem da maneira na qual temos registrado nos processos de extirpação de idolatrias. A Bíblia, que era e ainda é o livro mais importante da religião Católica Apostólica Romana, pois serve de ferramenta de estudo e manual de instrução de como agir em vários momentos da vida do homem, fez com que os espanhóis dos séculos XVI e XVII ao olharem o Novo Mundo que estava para eles repletos de pagãos, como local onde a evangelização deveria se dar de maneira efetiva e coercitiva, vissem como iminente que o mal que ali habitava deveria ser combatido para que estes povos não fossem corrompidos pelo Diabo e que ali fizesse jus ao velho nome de Paraíso Terrestre com uma população temente a Deus, mesmo que para isso fosse necessária uma opressão máxima.

Assim, era preciso suprimir as práticas que foram catalogadas como pagãs<sup>38</sup>: já em 1541 foi sugerido ao Rei da Espanha a ideia de extinguir a religião dos nativos e logo nasceram os

---

<sup>36</sup> BÍBLIA. N.T. MIQUÉIAS. In Bíblia. Op. Cit., p. 1253.

<sup>37</sup> BÍBLIA. N.T. MALAQUIAS. In Bíblia. Op. cit., p. 1282.

<sup>38</sup> DUVIOLS, Pierre. **Cultura Andina e Represión:** Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII. Cusco: centro de estudos rurales andinos “Bartolomé de las Casas”, 1986. p. XXVII.

primeiros manuais de como as visitas de extirpação deveriam ser realizadas. Um dos tópicos, por exemplo, era de que a visita duraria por volta de oito dias e o visitador deveria ficar no povoado e destruir todas as huacas e lutar contra todo tipo de idolatria<sup>39</sup>.

Mas o que foi a extirpação de idolatrias? Esta foi uma ferramenta utilizada para desarticular e destruir a religião dos nativos. No Peru ela se deu com muita força e apoio das autoridades locais. A motivação inicial para a organização das extirpações foi a resistência indígena em suas práticas, costumes e rituais. Um dos exemplos foi o fato de os nativos não aceitarem serem sepultados em igrejas – aliás, o ato de simplesmente serem enterrados já era inaceitável para estes, pois o ritual de morte dos índios consiste de forma diferenciada, sendo que cada tribo o realizava à sua maneira.

Com isso aconteciam diversos assaltos às igrejas, com a finalidade de roubar os corpos para procederem com o ritual fúnebre de acordo com os costumes locais. Diante de tal situação, realizaram-se Concílios na cidade de Lima para regredirem como seriam as visitas, castigos e quais atos seriam considerados idolatrias. O primeiro Concílio foi realizado no ano de 1561, neste ficaram decididos os castigos corporais. No segundo, realizado no ano de 1567, discutiram sobre a persistência dos indígenas em suas tradições, apesar de todo o trabalho realizado das visitas. Assim a decisão desta reunião foi que a repressão fosse ainda maior e, para isso, buscariam todas as huacas para destruírem, assim como os templos que passaram a ser ocupados por cruces, para a edificação da religião cristã. Mesmo após todas essas coibições aconteceu o III Concílio no ano de 1583, porém decidiram suavizar os castigos, com exceção daqueles que fossem condenados por feitiçaria.

Além da Igreja, o poder civil também interferia nos assuntos de idolatrias, no entanto nem sempre os interesses eram os mesmos, pois a colaboração entre os representantes do vice-rei e os eclesiásticos algumas vezes não se realizava.

O período de forte repressão ao culto dos nativos foi vivenciado no governo do vice-rei Toledo em meados de 1564 e logo após as decisões que foram tomadas no II Concílio, pois os ameríndios estavam reestruturando suas tradições e costumes e os incas poderiam se tornar poderosos novamente. Toledo justificou ao Rei da Espanha todo o procedimento das extirpações contra os costumes dos índios com o argumento de que estes possuíam pacto com o demônio e que a luta contra os feiticeiros deveria ser constante. Desse modo, foram reunidos diversos visitadores para que os perseguissem:

---

<sup>39</sup>DUVIOLS, Pierre. **Cultura Andina e Represión:** Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII. Cusco: centro de estudos rurales andinos “Bartolomé de las Casas”, 1986. p. XXVIII.



(...) para justificar a conquista dos infieis não submissos e a pilhagem de seus tesouros: os incas pecaram contra o verdadeiro Deus obrigando as populações a adorar ídolos, fechando-lhes assim o caminho da salvação; além disso, a idolatria é um pecado contra a natureza, pois vem acompanhada necessariamente de antropofagia, de sacrifícios humanos, de sodomia e bestialidade<sup>40</sup>.

O período de maior atividade das extirpações de idolatrias foi entre os anos de 1610 e 1660, sendo que a primeira visita aos moldes de visitantes/juízes eclesiásticos foi em 1610. As etapas para a realização das visitas que foram estipuladas a partir de 1613 foram as seguintes: assim que o visitante chegava a determinado povoado, os nativos tinham três dias para entregar todas suas *huacas* e denunciar aqueles que eram ídólatras ou feiticeiros. Após o tempo estipulado cremavam as *huacas* publicamente e para aqueles que eram feiticeiros seguiam as penas do Concílio III de Lima, que consistia na prisão por dois anos prestando serviços aos colonos.<sup>41</sup> Os feiticeiros passavam por um interrogatório onde em grande parte eram torturados e acabavam por confessar aquilo que os visitantes queriam ouvir. Assim, os extirpadores utilizavam-se do argumento de que os nativos faziam juramento, por isso tudo o que diziam era, portanto verdade, fazendo com que fossem condenados<sup>42</sup>:

A idolatria indígena teve, portanto costas largas: justificou a colonização e suas pilhagens, e explicou até a destruição demográfica das populações índias. Supremo passe de mágica do demônio ocidental: enganou seus mais ferozes adversários fornecendo-lhes em boa hora uma ideologia que os lavava de todos os seus crimes<sup>43</sup>.

O clero na América hispânica era dividido em regular e secular. O trabalho do primeiro seguia sendo elogiado, pois estes buscavam uma evangelização desinteressada de vantagens, o que era proveitoso por ser mais econômico para a Coroa. Já os seculares recebiam queixas por denúncias de que só queriam se enriquecer através da relação com os índios. O Concílio III de Lima foi ligado às decisões do Concílio de Trento, marcando assim os rumos também da igreja no Novo Mundo, pois antes de 1574 a Igreja era liderada pelos regulares, era mais simples, econômica e próxima dos ameríndios. Porém, após 1574 a Igreja defendida pelo Concílio de Trento propôs elevar o nível intelectual dos sacerdotes,

<sup>40</sup> DELUMEAU, Jean. Op. cit. p. 261.

<sup>41</sup> DUVIOLS, Pierre. Op. cit. p. XXXI.

<sup>42</sup> Ibidem p. XXXVII.

<sup>43</sup> DELUMEAU, Jean. Op. cit. p. 263.

concedendo mais poder aos bispos e centralizando as decisões nas mãos do rei. Tal fator gerou um conflito entre o clero regular e secular que refletiu diretamente na forma de lidar com as idolatrias, pois com o poder concentrado nas mãos do clero secular esta se tornou mais violenta no combate aos idólatras<sup>44</sup>.

Os jesuítas, contudo, pensavam de forma diferente, pelo menos no início de seu propósito evangelizador, pois não era necessário extinguir todos os costumes dos povos nativos, mas somente aqueles que não fossem de fato cristãos. Por pensarem de tal maneira, aprenderam muito sobre a forma de lidar com as plantas e as medicinas tradicionais, pois entre a mescla entre o rito e a cura, o fator da cura muito interessou aos jesuítas que eram também os médicos daquele período, os que cuidavam dos hospitais.

O sacrifício dos índios não representava a maldade, pois o que eles sacrificavam era o que possuíam de mais valioso, conforme os dizeres de Las Casas (religioso dominicano),<sup>45</sup> pois os povos autóctones sacrificavam folhas de coca e milho em vários de seus rituais religiosos ditos feitiçaria, plantas que representavam importância elevada para a religião destes. O padre Jesuíta Acosta, por exemplo, não condenava os pagãos antes de eles saberem do verdadeiro Deus, porém após serem catequizados não haveria justificativa para seguirem com seus costumes. Então, diante desse contexto, a extirpação se fazia necessária:

(...) já não é aplicável em um país cuja evangelização começou que é o caso da América. Pois a idolatria constitui então um obstáculo à graça dos evangelhos e incita os neófitos a voltar a seus ritos passados. [...] Impõem-se nesse caso o dever de extirpação e o banimento de toda ‘superstição’ diabólica [...], usando-se, se necessário, do poder e da autoridade<sup>46</sup>.

Assim, apesar de muitos dos jesuítas acreditarem que a mudança de crença se daria pelo “amor e não pela dor”, a extirpação de idolatrias seguiu sendo acima de tudo um ato de repressão<sup>47</sup>. Além disso, as histórias que os europeus já conheciam “deturparam” a visão dos extirpadores, fazendo-os encontrar no Novo Mundo o temível demônio, o qual perseguiram em sua terra natal, relacionando os cultos dos ameríndios com as tradições pagãs europeias.

Um dos atos de idolatria que os espanhóis mais condenavam era a feitiçaria, termo utilizado por eles para interpretar os ritos religiosos de povos encarados como pagãos. Nesse período há algumas diferenças entre bruxaria e feitiçaria, disparidade essa que se dá

<sup>44</sup> DUVIOLS, Pierre. Op. cit. p. XLIII.

<sup>45</sup> Traremos um capítulo com as especificidades de Bartolomé de las Casas e José de Acosta para o nosso tema.

<sup>46</sup> DELUMEAU, Jean. Op. cit. p. 262.

<sup>47</sup> DUVIOLS, Pierre. Op. cit. p. XXVIII

justamente na Modernidade; o seguinte trecho de Laura de Mello e Souza explica tais diferenças:

No primeiro caso, (feitiçaria) não haveria pacto demoníaco, e a feiticeira se encarregaria *individualmente* de fabricar poções e filtros mágicos com vistas a solucionar problemas com os quais se achasse envolvida. No segundo caso, (bruxaria) caso ocorreria *pacto* - sujeição ao Príncipe das Trevas - e conjuro de demônios, invocados como auxiliares nas atividades maléficas<sup>48</sup>.

A bruxaria de forma geral era atribuída às práticas coletivas e rurais, que seriam realizados de forma passiva, pois acima da bruxa estaria o Príncipe das Trevas e os seus participantes estariam unidos por um pacto. As bruxas possuíam características únicas tais como a do *zoomorfismo*, na qual podiam se disfarçar de animais para poderem realizar seus atos maléficos e a capacidade de estarem em dois lugares ao mesmo tempo, em quanto uma “cópia” ficava em sua casa a outra seguia para o *sabbat*<sup>49</sup>.

A feitiçaria, diferenciadamente da bruxaria, seria praticada de forma individual, ou seja, no Velho Mundo o feiticeiro produzia suas poções, perfumes, venenos e filtros mágicos de forma particular a fim de solucionar os problemas de quem o procurasse; e, apesar das condenações feitas, a população necessitava do trabalho do feiticeiro para curar seus malefícios tanto físicos como para solucionar seus problemas os mais diversos, como aproximar, afastar e às vezes até matar pessoas. Desse modo, “Pode se dizer que feitiçaria é um fenômeno social arquetípico-oriundo de antigos sistemas agrícolas de tendência matriarcal, (...)”<sup>50</sup>. Assim podemos relacionar esta interpretação e entender melhor a relação que fizeram com os costumes andinos que muito se assemelhavam aos dos povos que sabiam o manejo e as propriedades das plantas que curam.

O dito “feiticeiro” pelos colonizadores era figura essencial nas tribos indígenas, pois era este que conservava e ordenava os rituais, além de que, era o que sabia manejar as ervas, pois era o curandeiro desses povos. Com a forte repressão, muitos tiveram que se esconder em terras distantes ou abandonadas<sup>51</sup>.

O manejo com as plantas é um costume antigo que vem desde a antiguidade. É um dos

<sup>48</sup> SOUZA, Laura de Mello e. **A Feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: ÁTICA, 1987. (Série Princípios). p.12.

<sup>49</sup> Ibidem. p.18.

<sup>50</sup> NOGUEIRA, Carlos. R. F. **Bruxaria e História: As práticas mágicas no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1991. p. 30 apud CHILDE, 1950. p. 64-6.

<sup>51</sup> DUVIOLS, Pierre. Op. cit. p. LXXVIII.

fatores que perpassa os tempos históricos, vai se diluindo e se coloca de variadas formas dependendo do contexto<sup>52</sup>. Da mesma maneira, a utilização de plantasé comum em rituais desde tempos primitivos, seja como elemento de cura, ou como fator medicinal, em oferendas, na alimentação, como veneno e às vezes sendo idolatradas como deuses de determinadas culturas. Um dos primeiros estudos sobre a utilização de ervas data de mais de 3.700 a.C. pelo chinês ShenWung<sup>53</sup>, e é desses tempos que vem a ideia de que “para cada enfermidade há um remédio natural”. Elas são referenciadas na Bíblia como método de cura, apesar de os cristãos posteriormente, como no momento das extirpações de idolatrias, acreditarem que a cura das enfermidades somente se daria pela fé em Deus.

A relação entre magia e ervas vem desde tempos remotos, no mundo Ocidental existem fontes que trazem os relatos da utilização da farmacopéia como primeiro recurso no qual o ser humano teve contato para sua cura e alimentação. Embora “A classificação da fauna e da flora americana segundo critérios totalmente objetivos só deveria surgir no século das luzes<sup>54</sup>”, escritos que relacionavam a natureza com a religião católica já eram presentes na literatura, como por exemplo, o livro de Ashnole de 1511 que trata de conhecimentos sobre animais, plantas e minérios, mas lidava com esses assuntos em harmonia com o Criador<sup>55</sup>.

Os índios, principalmente os ditos feiticeiros, praticavam a medicina natural, “(...) conheciam árvores cuja madeira comunicava à água e espantosos poderes curativos, o que impressionou vivamente os exploradores<sup>56</sup>”. A partir das histórias que acreditavam, temos descrições como as de Américo Vespúcio: “Eles vivem 150 anos e raramente ficam doentes. Se têm alguma doença grave, eles mesmos se tratam com certas raízes de plantas<sup>57</sup>”. Muitos acreditavam que a longevidade dos índios estaria ligada à sua forma de vida orgânica e sua medicina natural, outra parte já tinha a crença de que existia uma fonte da juventude na América<sup>58</sup>.

Com o passar dos anos de exploração vimos existir uma nova configuração de pensamentos no Novo Mundo, porém, continuava-se usando textos antigos para justificar os atos de extirpação, bem como argumentos apresentando “a inferioridade natural dos índios,

---

<sup>52</sup> MAGASICH-AIROLA, Jorge, BEER, Jean Marc de. Op cit .p. 239.

<sup>53</sup> SILVA, Maria Benetida. **Breve história das ervas**. Users Matrix Data Center, 2003. p.1.

<sup>54</sup> Ibidem, p.233.

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> MAGASICH-AIROLA, Jorge, BEER, Jean Marc de. Op cit, p. 82.

<sup>57</sup> Idem.

<sup>58</sup> Ibidem, p.84.

oposta à superioridade de seus conquistadores<sup>59</sup>”, pois os colonos eram prudentes e inteligentes, seguindo-se assim firmemente com o propósito de levar adiante a eliminação das venerações; além disso, acreditavam que “Sendo o demônio ao mesmo tempo o inspirador e o objeto das religiões indígenas, era evidentemente necessário destruir os templos, os objetos sacros e os arquivos do paganismo<sup>60</sup>”.

As extirpações de idolatrias e os documentos de processos nos demonstram também que houve resistência por parte dos índios à religião imposta pelos espanhóis, pois, mesmo que de forma clandestina, as tradições continuaram a acontecer. Cada localidade possuía um povo com costumes específicos e, apesar de possuírem vários simbolismos semelhantes, a documentação que segue com os relatos sobre as plantas teve a necessidade de ser analisada através de vários fatores, partindo dos princípios antropológicos, históricos, culturais e simbólicos e considerando-se em destaque sempre que se tratava de uma representação ideológica a partir da perspectiva católica e de um tempo em que o homem passava por um momento de transição de pensamentos.

---

<sup>59</sup> DELUMEAU, Jean Op. cit. p. 261.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 265.

## 1.2 Relatos de visitas: as plantas como elemento da idolatria

A época moderna foi palco de um processo complexo de transição e trânsitos entre as culturas<sup>61</sup> devido às navegações que tinham como objetivo enriquecer os reinos e os homens que se aventuravam no oceano cheio de mistérios. Povos de costumes diferentes entraram em contato e as interações entre as culturas geraram diversas interpretações. Nesse sentido, a extirpação de idolatria tomou o caminho de ser a política de coerção dos costumes locais<sup>62</sup>. Os escritos dos espanhóis sejam estes crônicas ou processos contra os índios são carregados dos próprios costumes destes, pois “Os cronistas para escrever seus relatos se utilizaram da sua própria tradição, histórica e metodológica para escrever sobre os Andes<sup>63</sup>”.

O entendimento da cultura alheia marcado pela própria religião cristã fez com que os espanhóis enxergassem o demônio nos rituais andinos, pois se recuperaram as histórias de bruxarias e feitiçarias europeias. Dessa forma, as temáticas naturais também foram qualificadas como sobrenaturais entendendo que naquele momento o sobrenatural era o que não fosse conhecido pela fé cristã e era considerado fora do normal para aquele período.

As plantas também fizeram parte da representação fantástica dos extirpadores; os índios possuíam uma relação muito forte, por exemplo, com a folha de coca e com o milho, e estas plantas não eram utilizadas com somente uma finalidade, mas sim inúmeras, porém na grande maioria dos relatos que se seguirão mostravam-nas essenciais nos rituais de oferenda, pois eram sagradas. Os extirpadores preocupados com a identificação dos maus costumes, também condenaram tais oferendas com plantas, por relacionarem essas práticas com os comportamentos dos feiticeiros do Velho Mundo.

A colônia nesse período foi espaço de interação cultural, portanto ao explorarmos os documentos de extirpação de idolatrias atentamos para a compreensão de que eles são reflexos daqueles próprios que os escreveram, como já mencionamos acima. Ao analisar tais fontes, ganhamos ao possuímos uma perspectiva que descreve de forma detalhada e minuciosa os ritos ameríndios<sup>64</sup>. Atentando-nos então para os limites das perspectivas dos

---

<sup>61</sup>NOBOA, Bernardo. **4-12 abril 1657 (San Juan de Machaca) Causa de ydolatrias hecha a pidimiento del fiscal eclesiatico contra: los yndios e yndias gechiseros docmatizadores confesores sacristans ministros de ydolos del pueblo de San Juan de Machaca.** apud DELUMEAU, Jean Op. cit. p. 265.

<sup>62</sup>VARELLA, Alexandre C. **Ver em visões:** a filosofia natural entre práticas e saberes com plantas dos índios, sécs. XVI e XVII. XXVII. Simpósio Nacional de História, Anpuh: Natal, 2013.p.1

<sup>63</sup>G. Y. PEASE, Franklin. **Los Incas.** Lima: FondoEditorial de laPontificiaUniversidad Católica Del Perú, 2015.p.11.

<sup>64</sup>VARELLA, Alexandre C. **Sobre a resistência alucinógena dos índios através do relato dos “extirpadores**

documentos de extirpação, pois lá estão os representantes da igreja católica, homens que vão interpretar a utilização de plantas como feitiçaria, vamos aqui investigar o olhar dos relegiosos da colônia sobre a utilização dos elementos da natureza no momento da conquista do Peru.

As fontes que seguem fazem parte da segunda parte do livro “*Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII*” de autoria de Pierre Duviols, este que colheu tais documentos no Arzobispado de Lima, os transcreveu e os reuniu em tal obra.

Os primeiros escritos apreciados são os do padre Bernado de Noboa. Este vigário nasceu no vice-reino do Peru em 1603, seguiu a vocação de religioso e em 1661 passou a viver em Cajatambo, onde lá foi responsável por 13 povoados<sup>65</sup>. Assim como a maioria dos religiosos, lutou contra a idolatria dos índios para que estes se convertessem à verdadeira fé que para eles era a que propagava a Igreja Católica.

Em nossas investigações encontramos relatos sobre as plantas em diversos processos, o primeiro desses é o documento datado de 11/12 de março de 1656 do povoado de Cajamarquilla, o qual trouxe a denúncia feita por Don Juan Tocas, fiscal maior do povoado de Ticllos, contra Alonso Ricary do povoado de Otuco. O maior problema desse povoado era o assalto aos corpos que os índios realizavam, pois não aceitavam o costume da igreja católica de enterrar os defuntos, pois isso não fazia parte da tradição dos povos andinos. E as plantas aparecem nesse documento como parte integrante dos rituais indígenas. Os vegetais eram importantes nas tradições de todos os índios que foram visitados por este extirpador, a coca e o milho são venerados e estão em destaque em diversas cerimônias ameríndias, seja como oferenda ou método de cura.

As ofertas eram variadas, mas os Incas sempre sacrificavam elementos naturais para que nunca lhes faltasse água, comida e saúde. Para curar os enfermos não se utilizavam somente das plantas, mas também de outros elementos biológicos como, por exemplo, o sangue de animais. Cabe salientar que as cerimônias eram executadas em uma mescla: os remédios naturais eram empregados juntamente com os ritos, somente com essa união poderia haver a cura. Um exemplo é o que se segue:

---

**da idolatria”** (Nova Espanha- início do séc. XVII). XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. Anpuh-SP. São Paulo, 2008. p.3.

<sup>65</sup> NOBOA, Bernardo. **24 abril – 7 Agosto 1656 (Sta Catalina de Pimachi) Causa hecha a los yndios camachicos del pueblo de Santa Catalina de Pimachi anejo de la doctrina de San Pedro de Hacas por aver sacado los cuerpos de layglesia y llevados a sus machayes y aver adorado ydolos y otros ritos y sereminias antiguas** apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit. p. 124.

(...) Y em agrabandole la enfermedad cogia um cui Blanco y asi bibo le traiya por encima de la barriga del enfermo y le hacia fricaciones y em uma callana quemaba maiz blanco prieto dulza y lo machaba y estrujaba entre las manos y com aquella arina y ago de Chile le hacia la dicha fricacion y llebaba el dicho cui al camino donde lo degollaba com las uñas y arrojaba la sangre por el (...) señora enfermedad com esta ofrenda idos y luego bio esta testigo que sacaba los ygados y bofesos del dicho cui y los miraba y si estaban prietos era señal que abia de morir y si blancos que abia de sanar (...)<sup>66</sup>.

Este ritual mencionado reflete a combinação entre as crenças e a medicina, ao matarem o pequeno animal chamado cuy<sup>67</sup> e esfregá-lo na barriga do adoentado, tratava-se da execução de um costume dos nativos que, ao olhar do outro, no caso dos colonos causava muita estranheza, além de que não compreendiam como queimar o milho poderia ajudar o enfermo a sanar-se, mas muitos desses atos eram as próprias formas de cura que eram diferenciadas dos métodos do Velho Mundo. Em primeiro momento o cuy e o milho foram utilizados com a finalidade de se aproveitar suas virtudes medicinais, como por exemplo, a farinha do milho que dispõe de inúmeras vitaminas tais como A, B1, e C, porém ao final são também venerados por sua importância para a saúde dos índios.

Podemos perceber no próximo excerto testemunhas que afirmaram terem visto índias que já haviam sido batizadas praticando rituais de cura que além de efetuarem ensinavam a outras nativas a praticarem o que era tido como idolatria os realizava para que aos conhecimentos nunca morressem. A execução do que era tido como “feitiço” se dava quase que da mesma forma que o rito acima em que se ofereciam animais e plantas. Aqui temos o relato;

(...) la dicha Guacayllano enseño a curar cassi a todo el pueblo y a esta testigo y en el pueblo de Guamgri a Ines Mayhuay y a Francisca Quillaysuyu Francisca Missa y a Ines Yalpocolcha y a otras mucho le bio curar este testigo y el modo que tenía era asi que la llamabam para curar el enfermo pedia um cui y lo llebaba a ofrecer a los dichos ydolos Choqueruntu y Raupoma y sobre ellos degolaba con las uñas y sus zeniças lo degolaba con los dedos le espejaba la sangre(...)<sup>68</sup>.

<sup>66</sup> NOBOA, Bernardo. 11—12 marzo 1656 (cajamarquilla) Denuncia que hace Don Juan Tocas principal y fiscal mayor de la doctrina de San Pedro de Ticlos contra Alonso Ricari principal y camachico del pueblo de Otuco anexo de la doctrina de San Pedro de Hacas. apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit.p.8.

<sup>67</sup> Cuy é um animal roedor típico do território peruano, parente do conhecido pelo brasileiro “porquinho-da-índia”.

<sup>68</sup> NOBOA, Bernardo. 11—12 marzo 1656 (cajamarquilla) Denuncia que hace Don Juan Tocas principal y fiscal mayor de la doctrina de San Pedro de Ticlos contra Alonso Ricari principal y camachico del pueblo



Nos rituais, para se pedir qualquer “graça” sempre utilizavam coca, milho e sangue – essa combinação irá existir em praticamente todos os relatos analisados. Para o espanhol tal fator era inaceitável, pois além de venerarem *huacas*, idolatravam plantas e sangue. Além das descrições já citadas, o extirpador nos relata nos processos como os feiticeiros se utilizavam de animais peçonhentos:

Para curar e tirar os corpos dos enfermos, os feiticeiros utilizavam de pedras e aranhas as quais tinham de três gêneros ‘guacanquis que eram chamadas de Pacha Guacan que dava roupas, Colque Guacan que oferecia prata e Micuy Guacan que não deixaria faltar comida<sup>69</sup>.

Mais adiante veremos como esses animais eram realmente importantes para o processo de cura.

Na grande parte das oferendas havia a preocupação de pedir aos deuses por comida, água e saúde. A curandeira Francisca Cocha em seus trabalhos sempre utilizava para cuidar dos enfermos cuy, milho, pedras, aranhas, cobras, coca e tinha grande reconhecimento local por seus atos<sup>70</sup>. Todos os povoados possuíam as suas feiticeiras e, segundo o processo de Noboa em Guamgri, havia a Poma Carua que era a curandeira do Don Alonso Ricary e de todo o povoado; sempre se ouvia dizer que era ótima feiticeira e que fazia pactos com o demônio. Para curar ela realizava cerimônias que utilizavam sempre cuys, milho branco e preto, assim como no ritual já mencionado se o cuy depois de sacrificado ficasse preto era sinal de morte, caso contrário o dito enfermo iria se remediar. Em seus cultos empregava o uso de aranhas, pedras e cobras. As testemunhas afirmaram que Don Alonso Ricary permitia que tudo isso acontecesse<sup>71</sup>. Após as investigações todos os índios envolvidos confessaram e reconheceram a culpabilidade e foi afirmado que Don Alonso Ricary teria a responsabilidade de todo o mal ter acontecido, por ter feito aliança com feiticeiros<sup>72</sup>.

Assim, acabaram muitos sendo induzidos a confessar tais crimes para não serem ainda mais reprimidos, pois tais delitos de forma geral eram admitidos através de torturas.

Os feiticeiros sabiam curar as doenças que permeavam o território Americano de antes da chegada dos espanhóis, estas que aconteciam de acordo com o ambiente no qual viviam ,

---

de Otuco anexo de la doctrina de San Pedro de Hacas apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit.p.8.

<sup>69</sup> NOBOA, Bernardo.11—12 marzo 1656 (cajamarquilla) Denuncia que hace Don Juan Tocas principal y fiscal mayor de la doctrina de San Pedro de Ticlos contra Alonso Ricari principal y camachico del pueblo de Otuco anexo de la doctrina de San Pedro de Hacas apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit, p..10.

<sup>70</sup> Ibidem, p.16.

<sup>71</sup> Ibidem, p.26.

<sup>72</sup> Ibidem, p.39.

tais como podemos constatar nos relatos dos porcessos de extirpação de idolatrias, eram feridas, problemas estomacais, renais, articulações e outras mais e também doenças complexas como as de coração. Com a chegada dos Espanhóis estes levaram para o Novo Mundo outras enfermidades desconhecidas dos habitantes nativos que sofreram muito com esses novos problemas e segundo Noble David Cook<sup>73</sup> essa foi a grande chave para conseguirem vencer os índios.

Igualmente, em 15 de Agosto de 1656 em San Pedro de Hacas Don Juan Tocas denunciou Hernando Hacas Cristobal Poma Libiac e outros índios daquele povoado. Além dos problemas já mencionados com o escândalo de roubos de corpos do cemitério da igreja, nessa região havia grande resistência a outras tradições indígenas. Todos os índios tinham muito respeito ao feiticeiro de seu povoado, no caso este era Hernando Hacas e todos o consultavam, até mesmo homens importantes. Este homem alertava que os costumes dos nativos e europeus não deveriam ser confundidos, pois se os índios fossem à igreja dos espanhóis de nada adiantariam os sacrifícios e os rituais de cura que realizavam, pois os malquis não aceitariam tal traição. Tais relatos estão presentes nas confissões dos índios interrogados, esta era a explicação do porquê de seguirem com suas tradições, pois o deus dos espanhóis não dava saúde e comida<sup>74</sup>. Além disso, seguiam com seus costumes porque se tratava de uma cultura enraizada. Os sacrifícios com a coca deveriam sempre existir para que nunca ficassem enfermos<sup>75</sup>. Assim, seguiam fielmente as recomendações do xamã, pois este falava com os malquis e curava aqueles que estavam doentes, e para que tal fator se perpetuasse, adoravam desde as estrelas até as plantas – para que não lhes faltasse saúde. A descrição dos feitiços se fazia verdadeira para o visitador por ser o próprio testemunho do pecador.

Bernardo de Noboa se detinha a combater a feitiçaria em Cajatambo e retratava em quase todos os processos, mesmo que de forma repetida como os índios veneravam, adoravam e glorificavam as plantas e os animais. No ano de 1657 em San Juan de Machaca temos a descrição de como os feiticeiros eram ligados à natureza. Neste documento, há a denúncia aos curandeiros que idolatravam as estrelas, a lua, o arco-íris e os pássaros. Adoravam seus malquis e deveriam sempre pedir que não faltasse saúde, sucesso e aumento

---

<sup>73</sup> COOK, Noble David. **La conquista biológica La enfermedades em el Nuevo Mundo**. Espanha :Siglo, 2005.

<sup>74</sup> NOBOA, Bernardo. **15 Agosto 1656 -11 enero 1658 (San Pedro de hacas) Denuncia que hace don Juan Tocas principal y fiscal de la dicha visita contra Hernando Hacas Cristobal Poma Libiac y muchos indios del pueblo de San Pedro de Hacas** apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit. p.156.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 160.

da quantidade de índios<sup>76</sup>. Para que não se enfermassem deveriam adorar também o mar e os rios, posto que a saúde dos índios dependia também de suas oferendas e adoração aos ídolos e malquis.

O sagrado se revelava para os povos nativos através da botânica e tal fator era de difícil compreensão para os europeus, pois apesar de também se utilizarem das técnicas da medicina natural para sanar suas doenças, como por exemplo, os monges na Idade Média que cultivavam jardins com todos os tipos de plantas para a fabricação de remédios, o europeu não tinha a visão de que esses vegetais e pedras fossem a representação de Deus na terra. As plantas eram o alimento e a cura desses povos, portanto eram sagradas por serem fonte de vida, saúde e nutrição. Os conhecimentos sobre as ervas eram obtidos muitas vezes através do uso das próprias, pois algumas dessas medicinas naturais eram alucinógenas e causavam visões que eram as respostas e os sinais que pediam aos deuses. Por isso as cerimônias eram a união de encantamentos com o conhecimento das ervas, faziam oferendas de chicha e coca para que as enfermidades os deixassem<sup>77</sup>. A fé e a ação das plantas caminhavam em união:

(...) para que traiga a sus pueblos com plata salud y vida juntan las saras mamas<sup>78</sup> y misas saras y las queman y hasen lo que tiene declarado y el rupay caray lo hacen echando em una olla nueva dos cuyes degolados com las vñas y alli escupen todos y esta la entregan a un yndio muchacho el qual la lleua a echar a el rio y quando sale ban dos quadras com el los yn.os índias se apartan y los yndios entonces asotan [a] las yndias com las mantas desiendo que con aquello salen las enfermedades (...)<sup>79</sup>.

“Misa Sara” e “Sara Mama” são os nomes dados em quéchua à mãe de todos os milhos, representava a divindade de um dos alimentos mais importantes para os Incas, juntamente com a coca e as batatas, estes que são referidos em quase todos os processos. Estes vegetais faziam parte de tais feitiçarias, por serem a fonte de maior nutrição e saúde dos povos nativos.

Os nativos se preocupavam muito com a saúde, e o que mais se pôde explorar era a

---

<sup>76</sup> NOBOA, Bernardo. 4 – 12 abril 1657 ( San Juan de Machaca) Causa de ydolatrias hecha a pidimiento del fiscal eclesiastico contra los yndios e yndias hechiseros docmatizadores confesores sacristans ministros de ydolos del pueblo de San Juan de Machaca. apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit p, 265.

<sup>77</sup> Ibidem, p.295.

<sup>78</sup> O nome que davam para o milho que para estes era uma planta sagrada.

<sup>79</sup> NOBOA, Bernardo. 4 – 12 abril 1657 ( San Juan de Machaca) Causa de ydolatrias hecha a pidimiento del fiscal eclesiastico contra los yndios e yndias hechiseros docmatizadores confesores sacristans ministros de ydolos del pueblo de San Juan de Machaca. apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit. p.298.

quantidade de conjuros e ritos que empregavam para curar a todos que precisassem de ajuda. Assim, em 1662 no povoado de San Francisco de Mangas, também foram processados índios por serem feiticeiros. A feiticeira Ana Bequecho e outros feiticeiros utilizavam coca juntamente com pedras para oferecer aos seus ídolos<sup>80</sup>. Como em outros povoados, realizavam oferendas com coca, chicha e cuyes. Cain Cahuan era curandeiro e ministrava seus feitiços com folhas de coca, cuyes e farinha. Ele passava o animal sobre o enfermo, depois o abria para analisar suas tripas e conforme estas estivessem o feiticeiro saberia se a pessoa iria se curar ou não.<sup>81</sup>

Após a retratação de todos estes processos em novembro de 1664 o extirpador relata que descobriu na província de Cajatambo grande quantidade de idolatrias e que os ídolos que estes índios adoravam tinham relação com o demônio. Por isso, necessitavam ser excluídos dos costumes locais, para que os povos nativos se reconciliassem e passassem a adorar e frequentar o que para eles era a verdadeira religião, pois o remédio para a alma e para as enfermidades é o deus dos cristãos<sup>82</sup>. Assim o licenciado visitador afirma com sua fé que todos os testemunhos narrados por notoriedade são verdadeiros, da mesma forma que as manifestações dos ídolos e malquis referidos na escrita dos documentos<sup>83</sup>.

Entretanto, temos um acontecimento que nos chama a atenção nesse momento, pois entre os anos de 1658 a 1660, Bernardo de Noboa sofreu processo dos índios dos povoados de Hacas Machaca Chilcas e Cochillas. O motivo da ação foi porque o extirpador estaria executando seu cargo com exageros em torturas e assim persuadindo vários índios a confessarem ações tal como o visitador queria. Um dos casos fora o do índio Pedro Paucar. Com atrocidades conseguia com que os índios declarassem informações falsas de forma que fosse proveitoso para o mesmo: “Ameaçava com graves torturas, executando rigorosas prisões obrigando os índios a fazerem declarações mentirosas contra si próprios<sup>84</sup>”.

Esse documento nos mostra como o mecanismo da extirpação de idolatrias algumas vezes permitiu com que os índios também acusassem os extirpadores, casos raros, mas que nos fazem pensar que a perspectiva empregada nos documentos muitas das vezes não passava da imaginação de homens que queriam tirar algum benefício de determinada

---

<sup>80</sup>NOBOA, Bernardo. **9 Agosto – 21 octubre 1662 (San Francisco de Mangas) Causa de ydolaria contra los yndios ydolatras echiceros del pueblo de San Francisco de Mangas** apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit, p.331.

<sup>81</sup> Ibidem, p.343.

<sup>82</sup> NOBOA, Bernardo. **24- 26 noviembre 1664 (Información de servicios) Información de Servicios del licenciado Bernado de Noboa (A.G.I –Lima 333)**.. apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit, p.424.

<sup>83</sup> Ibidem, p.430.

<sup>84</sup> NOBOA, Bernardo. **23 febrero 1658 – 29 enero 1660: Proceso de Boboa Provança hecha a pidimiento de los yndios de Hacas Machaca Chilcas y Cochillas provincial de Caxatambo contra el licenciado Bernado de Noboa** apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit, p. 308.

situação.

Assim, essas fontes nos permitem analisar a interação, relação, produção e recepção dos sujeitos em determinado período histórico<sup>85</sup>. O que buscamos com esta investigação é justamente compreender o diálogo entre os povos no que diz respeito ao contato com um mundo diferente, onde as plantas foram tidas como ferramentas de pacto com o demônio nas realizações das magias. As práticas para lidar com o que as ervas representavam geraram diversas representações, que acabaram por gerar novos costumes. As representações da sociedade englobam a tradição mental da realidade da qual percebemos e captamos; os elementos do imaginário daquele momento se mesclavam entre os medos do não conhecido, de criaturas mágicas e a crescente disseminação dos ideais mercantilistas e expansionistas do período moderno.

Tomamos agora os documentos que são processos os quais jesuítas fizeram parte. Em 3 abril de 1617 temos a relação de idolatrias dos índios escrita por Hernando de Avendaño. Este descreve que para todas as coisas os índios possuíam ídolos particulares, que poderiam ser desde coisas móveis a imóveis<sup>86</sup>, os quais cada qual tinha um nome e uma história que se passava de pai para filho. A sociedade indígena era composta por homens e mulheres que sabiam das medicinas (elementos de cura de doenças), “(...) y lo más son curanderos, porque conocen yerbas; algunos hay brujos y otros adivinos y otros que matan con yerbas y hechizos<sup>87</sup>”. E os extirpadores descreveram como esses homens utilizavam as plantas, muitos índios quando iam se confessar realizavam um ritual próprio deles para isto:

(...) entraban de uno em uno á confesarse, y el sacerdote , y el penitente llevaba mullu, que es una concha de la mar molida, y paria, que son unos polvos carmesíes, y llaxa verdes, y cocaques, una yerba, y sancú ó parpa, que son unos bollos de maíz, y sebo de carnero de la tierra, y chicha, los cuales polvos tomaba el confesor y los ponía por su orden sobre una piedrazuela llana (...) quiero confesar mis pecados (...)<sup>88</sup>.

Este é um exemplo em que as religiões se misturaram, pois durante o sacramento da reconciliação com Cristo utilizavam de amuletos próprios das culturas andinas e após se confessarem, faziam sacrifícios e oferendas a seus ídolos, além de usarem de ervas para

---

<sup>85</sup> BARROS, José D'Assunção. **História Cultural**. Dossiê A Justiça no Antigo Regime: Textos de História, vol. 11, nº 1/2, 2003. p. 14

<sup>86</sup> JESUITAS. **3 abril 1617 Relación de las idolatrias de los indios, de Hernando de Avedãno (Medina, J.T. “La Imprenta en Lima” 1904)** apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit. p. 443.

<sup>87</sup> Ibidem, p.444.

<sup>88</sup> Ibidem, p.445.

conseguirem seus amores, sendo que o verdadeiro amor só poderia ser adquirido através de Cristo, claro que na visão espanhola. Porém, pode-se afirmar que a frequência dos nativos nas cerimônias e sacramentos católicos não passava de um mecanismo de sobrevivência na nova configuração do Novo Mundo.

Os jesuítas reconheciam a importância da folha de coca e sua representatividade na crença dos nativos, “(...) a coca é uma folha que os índios trazem sempre consigo (...)”<sup>89</sup>. Sendo que a folha de coca já tinha sido restrita ao Sol:

Tambien cuentan que antiguamente solo el sol comia coca que son aquellas ojas que a poco diximos y que las huacas tubieron de ello gran embidia y trataron de hurtar al sol la semilla de aquellas matas para lo qual aguardaron ocasion em que el sol estubiesse borracho y estando embiaron vn recaudo com vna llana Vrau a la luna muger del sol em que su nombre le pedian la bolsa en que guardaba aquellas ojas. Reuso la luna el darla la primera y segunda vez hasta que a la tersera con cierta señal falsa se la sacaron supolo el sol quando desperto lo que habia passado y determido matar a Urau y vbieralo hecho si no fuera por interces [i] ones de uma índia de buen parecer(...) <sup>90</sup>.

Os visitantes relatavam que os curandeiros não se detinham a conhecer somente as plantas de sua região, pois também buscavam ervas de outros locais para realizar seus rituais, “Ervas trazidas de muito longe e as guardavam para experimentar<sup>91</sup>”, além de que retratam como o recurso de cura que esses povos possuíam era a partir dos conhecimentos dos curandeiros: “*Cuentan los viejos que cuando sientian estar enfermos o tenian alguna necesidad de socorro venian com los hechiceros los cuales asimilandose a la Tanta Carhua les respondian (...)*”<sup>92</sup>.

Tentavam convencer os índios de que as *huacas* jamais falavam e que estas não eram fruto do deus verdadeiro<sup>93</sup> e seguiam com o discurso de que havia bruxos que faziam pactos com o demônio e por isso os ameríndios estavam sofrendo, por acreditarem em uma falsa religião estavam passando por grandes danos. Muitos índios foram convencidos por meio de tortura como já referido que se continuassem com suas tradições idólatras ficariam

---

<sup>89</sup> JESUITAS.1619 (Ocos) **Mision a las provincias de Ocos y Lampas del Corregimiento de Cajatambo( Letras Annuas de Compania de Jesus Provincia del Peru. Real Academia de la Historia, Madrid)** apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit., p.452.

<sup>90</sup> Ibidem, p. 453.

<sup>91</sup> JESUITAS. 30 **julio 1621 (Ocos) Idolatria del pueblo de Ocos cabeza desta comunidad (Inca I 1923): PP.50-64** apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit.. p.468.

<sup>92</sup> Ibidem, p.475.

<sup>93</sup> JESUITAS.1619 (Ocos) **Mision a las provincias de Ocos y Lampas del Corregimiento de Cajatambo( Letras Annuas de Compania de Jesus Provincia del Peru. Real Academia de la Historia, Madrid)** apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit p.457

doentes e não seriam curados de suas enfermidades: “Olha que agora é o bom Deus que eu sirvo, pois se me vê todo bom e sarado de minha enfermidade na qual as huacas não puderam me livrar<sup>94</sup>”.

Portanto, para o espanhol extirpador o demônio cegava esses povos e por isso possuíam tanta ignorância e realizavam tais atos como “(...) *haziendo culto y adoración al demonio, en piedras, cumbres de cerros, cuerpos muertos, fuentes, lagunas, árboles y otras muchas cosas, lo qual causa debido sentimiento (...)*<sup>95</sup>”. Por isso, deveriam os visitantes ter como premissa sempre combater o mal e descobrir onde ele estava.

A Extirpação de Idolatrias serviria para os religiosos ensinarem o caminho do que para eles representava a verdade absoluta da vida, portanto estavam os índios proibidos de colocar em prática seus antigos costumes, sendo somente perdoados caso ainda fossem ignorantes; pelo contrário, se já tivessem sido catequizados e batizados e mesmo assim seguissem com suas tradições deveriam ser castigados por direito<sup>96</sup>.

Vetado aos nativos estava o fato de continuarem a ser feiticeiros, realizar malefícios ou terem pacto com o demônio (figura que não existia na cultura inca), bem como continuar a fazer oferendas de animais como lhamas, cuyes, coca e qualquer outra coisa. Proibiam-nos também que confessarem seus pecados com feiticeiros e quando estivessem enfermos não deveriam buscar os feiticeiros, para que não realizassem seus rituais<sup>97</sup>. Arriaga já em 1621 advertia em seu manual que:

Quiten de aqui adelante los Indios Hechizeros ministros de idolatria, por ningún modo curarán a los enfermos; por quanto la experiéncia a enseñado, que quando curan hazen idolatrar a los enfermos, y lês confiessan sus pecados a su modo gentílico; y si otros Indios uviere que sepan curar porque conocen las virtudes de las yerbas, examinará el Cura de este pueblo el modo com que curan que sea ageno de toda supertición<sup>98</sup>.

Assim, naquele momento nenhum índio ou índia deveria carregar consigo ervas, “(...) *ny guardará el maíz que llaman Huantay, o Ayrigua, o Misazara, o Callauzara, y lo mismo en las papas, Ocas, Camotes, y Yucas; y al que quebrantara esta constitucion (...)*<sup>99</sup>”. Se

---

<sup>94</sup> JESUITAS.30 julio 1621 (Ocros) **Idolatria del pueblo de Ocros cabeza desta comunidad (Inca I 1923): PP.50-64** apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit..p. 470.

<sup>95</sup> ARRIAGA. **Constituciones sinodales Lima 1614** apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit..p.511.

<sup>96</sup> *Ibidem*, p.512.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p.515.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p.518.

<sup>99</sup> ARRIAGA. **Constituciones sinodales Lima 1614** apud DUVIOLS, Pierre. Op. cit..p. 518.

os antigos feiticeiros, e ministros de idolatrias que a igreja já tiver anotado, faltarem com as leis, serão dadas doze chicotadas; e, se voltarem a realizar mesmo assim suas tradições e seus feitiços, com maior rigor ainda serão castigados<sup>100</sup>.

As plantas fizeram parte de uma das mais variadas formas de se condenar a cultura andina e também como justificativa de todas as atrocidades e torturas realizadas pelos espanhóis, para que ao final conhecessem o verdadeiro Deus bom, manso e humilde de coração na visão dos europeus. Para isso utilizaram-se de um discurso que refletia a verdade dos fatos, pois era carregado de testemunhos e confissões.

Temos a seguir uma das dezenas de imagens feitas pelo índio Guoma Poma de Ayala, estas foram feitas com intenção de que chegassem ao Rei Espanhol para que ele intercedesse pelos nativos maltratados, porém estes textos e desenhos jamais chegariam ao seu real destino, porém nos oferece hoje uma perspectiva muito rica sobre aquele tempo, dado que, Ayala já era catequizado e em sua escrita percebe-se que defende os seus conterrâneos, porém nega os costumes que foram catalogados como idolatrias pelos extirpadores, como, por exemplo, o de sacrificar animais. Conforme ilustra a imagem<sup>101</sup>:

---

<sup>100</sup> Ibidem, p.519.

<sup>101</sup> GUAMAN POMA DE AYALA, Felipe. **Nueva crónica y buen gobierno**, Edición Y Prologo. Tomo II de Franklin Peace G. Y. Lima, Peru:Fondo de Cultura Económica S. A., 1993,[1615], p.273.





### 1.3 A Feitiçaria na Conquista da América e novas perspectivas

Baseada nos mitos e explicações bíblicas dos europeus a América já existia e era chamada de Paraíso ou Éden Terrestre. Dessa forma, já ansiavam encontrar o território tão esperado em algumas das viagens durante o período das navegações. Assim o Novo Mundo foi criado a partir do que já possuíam como visão; este, portanto, não foi descoberto, mas sim encontrado e conquistado. Buscavam, desejavam e acabaram por se deparar com o céu terreno<sup>102</sup>. Ou seja, entendendo a Conquista como a obtenção daquilo que se almeja ter, o Novo Mundo foi a realização da expansão do território europeu justamente na localização do Éden mencionado nas lendas e antigos mitos, ocasionada pela persistência por buscar novos mercados proporcionado pelo surgimento das navegações e pelas insistências em rastrear novas rotas marítimas; além disso, também pela curiosidade de talvez se deparar com terras jamais conhecidas pelo homem do velho continente.

A partir do momento em que os espanhóis se defrontaram com a nova porção de terra trataram de planejar projetos para explorar economicamente o recente continente. Cada coroa traçou seu projeto colonizador, cada qual em um momento diferente, mas não deixaram de abusar de tudo o que poderiam aproveitar nos territórios das colônias Inglesas, Espanholas e Portuguesas. Na América Hispânica trataram de buscar, sobretudo ouro e prata a fim de enriquecer Carlos I, Rei Espanhol. Ao longo do tempo o território se separou em vários centros como, por exemplo, Nova Espanha e Peru.

Francisco Pizarro chegou ao Peru em 1532 e fundou a cidade de Lima em 1535. A partir de então vários planos foram delineados para as novas regiões ditas por eles colônias da Espanha e que em um primeiro momento tinha como finalidade ser extensão da metrópole e reproduzir sua cultura e economia com as ferramentas que o Novo Mundo poderia oferecer. Sendo assim, reproduzindo no paraíso os fatores culturais europeus e partindo da bagagem já vivenciada no Velho Mundo, passaram a duplicá-las em solo novo. Com isso, levaram para a América interpretações prontas sobre os costumes dos povos que já habitavam a colônia.

O histórico de lutas do Tahuantinsuyo foi longo e árduo, porém mesmo que derrotados ao final de toda essa história de massacre, estes conseguiram intervir na cultura europeia da

---

<sup>102</sup> O' GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**. São Paulo, UNESP. 1992.

mesma forma que os espanhóis o fizeram, fazendo com que esse momento se caracterizasse por trocas, que ocorriam de forma natural ou forçada, transformando a sociedade colonial em um agrupamento com características diferentes e únicas. Desse modo, com a necessidade de evangelizar os nativos, o Concílio de Lima, já referido acima, delimitou em suas reuniões de forma específica como se daria o projeto doutrinador da igreja católica, para assim darem início a proposta das extirpações de idolatrias.

Chegamos assim a uma conclusão neste primeiro capítulo, que teve como propósito refletir acerca das extirpações de idolatrias que ocorreram no Peru nos séculos XVI e XVII, ferramenta esta advinda das convicções de uma ideologia religiosa, marcada pelas regras da religião Católica Apostólica Romana e suas doutrinas que interpretaram a Bíblia literalmente, e fizeram com que os nativos considerados pecadores fossem torturados, presos, escravizados e até mesmo mortos.

Destarte, como Michel de Certeau esclarece a partir dos escritos de seu livro “A escrita da História”, o historiador traz à tona todas as problemáticas daqueles assuntos dos quais o outro se cala; e nesse trabalho “o outro” se trata do nativo. Porém, não é nosso propósito retratar somente os documentos que dão valor a um só tipo de perspectiva desses tempos históricos, mas sim dar voz ao outro lado, este onde o nativo se destaca por ter seus elementos culturais se mesclando aos costumes dos colonos e colaborando não só com o crescimento econômico, mas também científico, pois levou através das plantas, animais e minerais a possibilidade de acréscimo de conhecimentos para a medicina, farmácia e química na Europa.

Entretanto, como já nos advertiu Certeau, o lugar social é o que permite que possamos pensar e questionar determinados assuntos acerca do contexto no qual vivemos, ou seja, é ele que faz com que surjam as indagações e com que nasçam as nossas pesquisas que se realizam através de métodos criados muitas vezes por nós mesmos:

Constrói representações com materiais passados, de se situar, enfim, nesta fronteira do presente onde simultaneamente é preciso fazer da tradição do passado (excluída) sem perder nada dela (explorá-la por intermédio de métodos nossos)<sup>103</sup>.

Dessa forma, no século XVI, com o auge das navegações, descobertas científicas e do Renascimento na Itália, ao mesmo tempo pudemos constatar a convicção de que bruxas, feiticeiras, monstros e demônios assombravam a imaginação dos homens desse tempo. A

---

<sup>103</sup> CERTEAU, M. Op. cit., p. 17.

Europa, em seu período Moderno não poderia dar outro destino aos nativos assim que estes se depararam com o Novo Mundo, como Michel de Certeau afirmou: “A história combina o pensável e a origem, de acordo com o modo através do qual uma sociedade se compreende<sup>104</sup>”.

A religião Católica Apostólica Romana era a instituição definidora da maior parte das atitudes dos homens daquele período, uma vez que “as práticas religiosas diferenciam as pessoas na história<sup>105</sup>”, tal fator explica a insistência em quererem gerar nos índios uma consciência cristã. Naquele tempo a sociedade era religiosa, sendo que como já mencionado as crenças eram todas comandadas por somente uma instituição que não aceitava as tradições pagãs dos antepassados, dessa forma norteava os temores, os trabalhos, as alegrias e sobretudo a fé da população europeia. Nesse sentido, a igreja construiu lugares próprios e vigorosos possuindo uma força grandiosa se portando como ameaçadora, pois possuía um conjunto de grupos e corpos constituídos<sup>106</sup>. Certeau já questionava: “Quais são as condições de compreensão de uma época?<sup>107</sup>”. São justamente aquelas das quais os lugares sociais de onde são produzidas as fontes históricas que nos permitem compreender certa perspectiva do passado e onde o limite do pensável para determinado objeto histórico está disposto por situações e contextos que a tornaram possíveis<sup>108</sup>. Assim, analisando as fontes em meio à inibição e à permissão<sup>109</sup> exploramos o universo dos séculos XVI e XVII que nos mostraram um tempo onde era possível razão e imaginação caminharem simultaneamente.

A extirpação de idolatrias foi o instrumento utilizado pelos religiosos com base nos dogmas, ideologia e teologia cristã daquela época, como já mencionado, a Bíblia Sagrada dava embasamento para justificar a destruição ocorrida contra tudo àquilo que “não era vontade de Deus”. Com a análise realizada dos documentos de processos podemos notar que a maioria dos índios que foram indiciados e condenados somente estava praticando costumes rotineiros para um morador do Novo Mundo. Tal fator nos leva a refletir o que significava “o outro” naquele período, levando em consideração que este era distinto, diferente e contrário a tudo que antes se tinha contato.

Assim, a partir de 1492 o mundo não seria mais o mesmo, século este no qual Leonardo da Vinci iniciou as pinturas do quadro conhecido mundialmente como “Monalisa”, onde

---

<sup>104</sup> CERTEAU, M. Op. cit., p.33.

<sup>105</sup> Idem.

<sup>106</sup> Ibidem, p.43.

<sup>107</sup> Ibidem, p.45

<sup>108</sup> Ibidem, p.53.

<sup>109</sup> Ibidem, p. 76.

também se vivenciou o rompimento de Henrique VIII com a Igreja Católica Apostólica Romana, fundando a Igreja Anglicana e, além disso, a era em que se inauguraram as explorações ao Novo Mundo: Inglaterra, Portugal e Espanha tiveram que lidar com outro ambiente, natureza, clima e, sobretudo, com outra cultura vivida pelos homens, mulheres e crianças que foram chamados de índios.

No início do século XVI, os índios da América estão bem ali, presentes, mas deles nada se sabe ainda que, como é de esperar, sejam projetadas sobre eles seres recentemente descobertos imagens e ideais relacionados a outras populações distantes<sup>110</sup>.

As comunidades de indivíduos que já habitavam a América deveriam representar para os espanhóis um “outro” palavra esta que segundo o dicionário Aurélio<sup>111</sup> significa: “Caráter ou qualidade do que é outro” além de ser sinônimo dos seguintes termos: oposto, desigual, diverso e distinto”. Porém ao notarem os povos andinos, relacionaram-nos com as suas visões e imagens:

Quando tratamos da cosmovisão dos primeiros anos da renascença europeia, que são caracterizados pela realização de grandes descobertas científicas que possibilitam aos países da Europa conquistar novas terras ou novos mundos humanos acompanhados com novos saberes e sabores. Esses novos horizontes que se abrem são concomitantemente conflitivos para a experiência humana daquela época<sup>112</sup>.

Constatamos dessa forma que a alteridade não se realizou, mesmo com a noção de que se tratava de outra cultura. Mas o que seria a alteridade? A alteridade é a capacidade se questionar sobre a sua existência única e assegurar a presença de um não idêntico, estabelecendo que o outro faça parte de uma constituição cultural<sup>113</sup>. No entanto, o que implicaria o reconhecimento dos espanhóis para com os ameríndios? Mudaria de fato os caminhos da colonização? Pois ela pode ser revelada e recusada<sup>114</sup> e possui três alicerces segundo Todorov: “Os três eixos da alteridade são os seguintes; o primeiro é o julgamento

<sup>110</sup> TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América; a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p.8.

<sup>111</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.34.

<sup>112</sup> SIDEKUN, Antônio. **Cultura e Alteridade**, In: TREVISAN, Amarildo. L. e TOMAZETTI, Elizete. M. **Cultura e Alteridade Confluências**. Rio Grande do Sul, 2006.p.53.

<sup>113</sup> Ibidem, p.58.

<sup>114</sup> TODOROV, Tzvetan. Op. cit., p.47.

de valor, o segundo é a aproximação ou distanciamento e o terceiro é o conhecer ou ignorar<sup>115</sup>”. Apuramos que o juízo sobre os índios foi negativo, a aproximação ocorreu, todavia com outras intenções, não obstante foram ignorados, pois planejaram todo um programa de combate às práticas locais. Assim, se a vida indígena tivesse sido reconhecida e respeitada como diferente, implicaria em conformidade, pois “O pleno reconhecimento da alteridade, faz com que se perca a vantagem de ser o eu, ou a cultura mais avançada e superior a outra<sup>116</sup>”. Respondendo então nossos questionamentos, a alteridade não se tratava de somente distinguir outros costumes, pois ela provocaria a aceitação das tradições incas, assim sendo não teriam ocorrido as extirpações de idolatrias, evangelização e catequização dos nativos para que seguissem a “verdadeira religião”, provavelmente não estaríamos discutindo tal problemática no presente trabalho. Porém, devemos refletir que não podemos generalizar que a alteridade nesse período não existiu, posto que quase sempre se constata que se admitida fora indeferida a fim de diminuir os locais:

O sujeito humano não reconhecera mais o outro como um igual, mas como sendo alguém mais poderoso ou menos, e, dependendo disso, fazia seus cálculos e estabeleceria a relação que mais lhe conviria: poder, pacto e submissão cultural. E com isso seria imposta a negação da alteridade e a negação da cultura do outro<sup>117</sup>.

Todorov, em sua obra “A Conquista da América: a Invenção do outro”, nos auxilia na compreensão do que fora a alteridade nesse período de conflitos de ideais e entendimentos onde o homem se encontrava em concomitância entre dois pólos. Nas palavras do filósofo:

Ou ele pensa que os índios (apesar de não utilizar estes termos) são seres completamente humanos com os mesmos direitos que ele, e aí considera-os não somente iguais, mas idênticos e este comportamento desemboca no assimilacionismo, na projeção de seus próprios valores sobre os outros ou então parte da diferença, que é imediatamente traduzida em termos de superioridade e inferioridade (no caso, obviamente, são os índios os inferiores): recusa a existência de uma substância humana realmente outra, que possa não ser meramente um estado imperfeito de si mesmo. Estas duas figuras básicas da experiência da alteridade baseiam-se no egocentrismo, na identificação de seus próprios valores com os valores em geral, de seu eu com o

---

<sup>115</sup> TODOROV, Tzvetan. Op. cit.p.158.

<sup>116</sup>SIDEKUN, Antônio. Cultura e Alteridade, In: TREVISAN, Amarildo. L. e TOMAZETTI, Elizete. M. **Cultura e Alteridade Confluências**. Rio Grande do Sul, 2006. p.60.

<sup>117</sup> Idem.

universo; na convicção de que o mundo é um<sup>118</sup>.

A através da cultura há a vivência de uma constante formação e rememoração e pela alteridade a consciência histórica é estimulada, sendo que os costumes são as díspares maneiras do transcurso da mitologia, da teologia, da cosmovisão e do antropocentrismo<sup>119</sup>. Dessa maneira, o colono repelindo a tradição dos incas se coloca em posição etnocêntrica difundindo a sua supremacia no Novo Mundo. Agindo de tal forma temos mais um eixo para interpretar tal era, pois: “A pedra de toque da alteridade não é o eu presente próximo, mas o ele ausente ou afastado<sup>120</sup>”, uma vez que quando não ocorre se evidencia o diagnóstico da opressão<sup>121</sup>.

A alteridade assim como o “lugar” de Certeau nos alumbra sobre esse tempo, compreendendo as diversas disputas que tiveram advento em 1492 e são constantes até a atualidade. Há, portanto, no Novo Mundo a resistência à alteridade, tanto do europeu para com o nativo e vice-versa, claro que o segundo pela imposição extrema dos extirpadores de idolatrias, assim não se pode desenvolver relações sociais que poderiam ocasionar no aperfeiçoamento dos elementos culturais de ambas<sup>122</sup> possibilitando uma experiência ética. Obviamente, esta não era uma preocupação desse período histórico, pois o “lugar” e a ideologia cristã não motivaram de forma alguma tal realidade, pois a experiência da alteridade permite que se rompa com a totalidade de um sistema cultural<sup>123</sup>.

A feitiçaria foi posta aos ameríndios como influência do demônio, mas os nativos nem ao menos conheciam tal figura tão temida pelos espanhóis. O Diabo fora personagem primordial para ser o representante do mal, por medo de ir para o inferno e ter que se subordinar ao príncipe das trevas, por isso que muitos dos cristãos seguiam fielmente as doutrinas impostas pela religião. Em nosso trabalho destacamos os ritos andinos que se utilizavam de plantas para a sua realização. Nos processos de extirpação de idolatrias analisados podemos constatar que a crença de que os ameríndios eram feiticeiros foi algo comum na sociedade colonial, mas não podemos averiguar se todos os juízes realmente os condenavam por acreditarem em feitiçaria, ou se o faziam para utilizar de pretexto para autuar os índios, pois assim conseguiriam enfraquecê-los para que não se unissem em

---

<sup>118</sup>TODOROV, Tzvetan. Op. Cit., p.40.

<sup>119</sup> SIDEKUN, Antônio. Cultura e Alteridade, In: TREVISAN, Amarildo. L. e TOMAZETTI, Elizete. M. Op. cit., p.60.

<sup>120</sup> TODOROV, Tzvetan. Op. Cit., p.160.

<sup>121</sup> SIDEKUN, Antônio. Cultura e Alteridade, In: TREVISAN, Amarildo. L. e TOMAZETTI, Elizete. M. Op. Cit., p.62

<sup>122</sup> Ibidem, p.58.

<sup>123</sup> Ibidem, p. 53

revolta contra os colonos, fazendo com que eles tivessem medo de continuar com suas tradições. Entretanto é sucedido que o demônio estava presente nos textos dos processos ocorridos no Peru, seja por meio de confissão forçada ou manipulação conseguiram com que os próprios nativos admitissem. No entanto, ao verem a ocorrência dos ritos e principalmente aqueles nos quais que utilizavam plantas funcionarem, pois sanavam os doentes e com a crença de que somente Deus poderia curar as enfermidades e se não acreditavam na mesma divindade, atribuíram a responsabilidade ao demônio.

As plantas, animais e minerais possuíam papel importante nas cerimônias dos Incas, essas tidas pelos colonos como feitiçaria como já referido, pois com o conhecimento sobre suas propriedades que eram passados para os descendentes eram essenciais para o cotidiano dos nativos, pois eram responsáveis além de curar, alimentar e nutrir proporcionando saúde e bem-estar. A tradição andina buscava com tais compostos não somente a cura, mas também saber sobre o futuro com os ritos de previsões, confissões, agradecimentos e pedido aos deuses, todos eles estavam em conjunto e eram considerados pelos extirpadores como magia.

Porém, os espanhóis sentiram a necessidade de buscar medicamentos para as suas dores de cabeça ou picadas de insetos, porque sabiam que os moradores do paraíso terrestre saberiam o melhor procedimento e assim se surpreendiam ao verem em si próprios a comprovação de aquelas plantas sagradas realmente funcionavam e com eficácia magnífica. Como o processo de cura estava atrelado aos ritos, os espanhóis enxergavam nessa situação idolatria, já que na Europa interpretavam tais ocorrências como tal e a igreja que era a controladora da fé pregava que aquele costume era uma forma de pecado.

Os documentos de extirpação de idolatrias foram as fontes utilizadas neste trabalho e se tornaram especiais por nos permitir analisar a partir da visão dos extirpadores a cultura andina, como se davam seus costumes, tradições e ritos que, apesar de terem sido interpretados como idolatrias e tidos como feitiçaria, temos nessas fontes históricas descrições minuciosas de como eram tais tradições e como os incas tinham adoração pelos elementos da natureza, como, por exemplo, citado muitas vezes o milho e a coca, e como utilizavam esses vegetais em suas rotinas para curar, alimentar ou até mesmo envenenar colonos.

Como a história é simultânea, iremos apresentar no próximo capítulo desse trabalho outra ótica sobre este mesmo período a partir da seguinte indagação: seria possível que os elementos distintos da fauna e flora americana fossem relacionados somente à feitiçaria? Adiante teremos a constatação de que não. Ao mesmo tempo em que tanto na colônia



quanto na Europa acontecia a caça às bruxas, ou feiticeiros e magos, visto que esse foi o período em que mais pessoas foram mortas por acusações de bruxaria, principalmente na Espanha, tem-se concomitantemente tanto no Novo e Velho Mundo pessoas que perceberam na natureza americana uma nova oportunidade de cura e avanço científico, claro que nesse momento de forma singela, mas que com o passar do tempo se expandiu para a Europa e outros territórios além-mar, nos mostrando que a alteridade aconteceu em determinados lugares e por pessoas específicas nos levando a outra perspectiva desse tempo.

Jesuítas como Bernabé Cobo, José Acosta e o dominicano Bartolomé de las Casas, que apesar de serem religiosos, escreveram sobre como a natureza do Novo Mundo possuía propriedades incríveis de cura e nutrição quando utilizadas em harmonia com as crenças cristãs, pois se assim manuseadas, ou seja, fora dos ritos ameríndios não seriam caracterizadas como pecado, já que na visão bíblica fora Deus o criador de todo o Universo, incluso a natureza, sendo assim as plantas do “Edén Terrestre” conseqüentemente eram geração divina para os homens de bem utilizarem ao seu favor e em honra do “verdadeiro” Deus dos cristãos. Outro personagem de destaque no qual abordaremos trata-se do médico Sevilhano Nicolás Monardes, que se dedicou a escrever um livro relatando de forma detalhada os atributos e propriedades da natureza americana, principalmente a flora, principalmente as que estão localizadas em território peruano. Com este livro Monardes marcará influência em diversos cursos de medicina na Europa, ocasionando melhorias na farmácia e química para a fabricação de remédios mais eficazes para aquela época.

Desse modo, a cultura abordada em um primeiro momento como processo de dominação de uma cultura sobre a outra<sup>124</sup> nos mostra a partir do próximo capítulo outra face dessa era, pois exploraremos este outro prisma dos séculos XVI e XVII, que nos diz como diversos ângulos podem transcorrer e se esbarrar em um mesmo período histórico.

---

<sup>124</sup> SIDEKUN, Antônio. Cultura e Alteridade, In: TREVISAN, Amarildo. L. e TOMAZETTI, Elizete. M. Op. Cit., p.52.

## CAPÍTULO II – NOVOS PRISMAS PARA A FEITIÇARIA- MEDICINA E CURA

### 2.1 Nicolás Monardes, o homem que deu luz a natureza do Novo Mundo.

Diante das conjunturas já refletidas, onde as plantas se tornaram elemento integrante da idolatria, ferramentas para a realização de feitiços e tais práticas seguiram sendo condenadas, abominadas e extirpadas pelos colonos espanhóis que assim a traduziram, temos em contrapartida do outro lado do Oceano, na Europa, especificadamente em Sevilha, na Espanha, um homem que, apesar dos limites impostos pela religião naquele período, enxergou nas plantas, minerais e animais americanos uma forte propensão a potencializar e inovar a medicina europeia.

Neste capítulo iremos explorar a outra face da dita “feitiçaria” na conquista da América, o lado onde alguns homens foram além da condenação e se interessaram pela cultura ameríndia. Não se trata de diferenciar um lado como bom e o outro como ruim, pois nesse período ninguém fugia do pensamento em Deus vinculado à religião católica, mas sim de refletir as particularidades de um período tão complexo como foi o momento da expansão marítima.

Mas de quem se trata esse homem de Sevilha? Nicolás Monardes foi médico e viveu na Espanha entre os anos de 1508 e 1588. Realizou seus estudos na Faculdade de Medicina de Alcalá, graduando-se no ano de 1533 e se doutorando em 1547 no Colégio de Medicina de Santa Maria. Monardes seguia algumas vertentes da medicina que foram cruciais para a escolha dos caminhos tomados no futuro em relação às plantas. As correntes das quais seguiam eram as do Canon de Avicena (Cânone da Medicina), Hipócrates e Galeno<sup>125</sup>.

O primeiro se trata de uma enciclopédia médica composta por 14 volumes, que fora escrita pelo árabe conhecido como Avicena no ano de 1020, este compilado seguiu sendo importante para a medicina, pois tratava de diversos princípios das alopáticas, além de introduzir diversos assuntos, sendo o que nos interessa aqui, foram os seus inéditos tratamentos de cura, pois este acreditava que muitas doenças estariam ligadas com as emoções, então, para curá-las, os tratamentos deveriam ser com música e benevolência, ou seja, metodologias diferentes – e tais fatores marcaram a formação de Monardes. O segundo, Hipócrates, filósofo grego<sup>126</sup>, mais conhecido como “Pai da Medicina Ocidental” tornou-se

---

<sup>125</sup> UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. **Plantas Medicinales Del Perú. Antología I.** Lima, 2006. p. X.

<sup>126</sup> RIBEIRO Jr., W.A. Aspectos reais e lendários da biografia de Hipócrates, o "pai da medicina". In: **Jornal Brasileiro de História da Medicina**, v. 6, n. 1, p. 8-10, 2003. p. 7.

importante por não se contentar com explicações que não fossem racionais para os malefícios e curas, pois era costume relacionar as atitudes das pessoas com as doenças que possuíam, assim passou a analisar fatores práticos do corpo e a relacionar as doenças com o meio, à alimentação e outros elementos externos. Para os parâmetros atuais Hipócrates ficou atrás com suas descobertas, pois hoje se sabe que muitas de suas pesquisas trabalhavam com elementos equivocados, porém este homem trouxe inspiração para Monardes e tantos outros médicos posteriores por analisar diferentes elementos para curar as patologias e ser pioneiro em examinar os acontecimentos do corpo humano não pensando de forma religiosa, mas separando suas pesquisas das superstições, ou seja, da Teurgia, excluindo os milagres das explicações cabíveis ao seu pensamento. Contudo, Hipócrates trabalhava o seu saber articulando com os saberes filosóficos sobre os elementos como o ar, a terra, o fogo e a água:

Toda gestação se encontra nos quatro elementos. A origem do homem encontra-se neles e, por extensão, os quatro elementos aparecem misturados em cada criatura<sup>127</sup>.

Assim, os seus pensamentos não estavam desarticulados com o tempo no qual vivia, apesar de investigar uma explicação racional para as enfermidades. Por último, o filósofo romano Cláudio Galeno, posterior a Hipócrates, fora reconhecido por suas contribuições importantes para os conhecimentos sobre anatomia e fisiologia, seus experimentos foram realizados em macacos já que as leis da época não permitiam utilizar o corpo de seres humanos, efetuou diversas descobertas em relação às artérias, veias e o coração. Dizia que o bom médico seria aquele que também fosse filósofo e baseava seu conhecimento em empirismo, elementos estes que foram estímulos para Monardes que também se fundamentou em tais premissas. Galeno sistematizou pela primeira vez as matérias primas necessárias para a fabricação dos remédios. Uma das bases para a preparação de seus fármacos eram as plantas existentes na Europa, além de descrever perto de quinhentos preparados vegetais e a utilização de alguns animais que contribuíram para a feitura dos seus remédios. Para a fabricação de tais medicamentos ele empregou técnicas diferentes, tais como infusões, pastilhas, pílulas, supositórios dentre outros.

Tais correntes médicas-filosóficas fizeram com que fosse possível surgir ao pensamento do médico Sevilhano ideais para pesquisar os princípios ativos das plantas para a fabricação

---

<sup>127</sup> ALZINA, Antonio. **Hipócrates**: Filosofia e mistérios na medicina grega. Revista *on line* Nova Acrópole. Espanha. p. 2.

de remédios mais eficazes, potentes e novos para o Mundo Antigo. Além de buscar nas tradições indígenas como estes povos manipulavam, lidavam e operavam com essas plantas que ele acabara de obter contato, para curar os seus enfermos.

A fabricação de remédios com ervas já existia na Europa, esta tradição veio da cultura árabe, pois estes divulgaram a alquimia que era praticada em laboratórios, marcando assim uma nova forma de elaboração dos medicamentos que antes eram preparados pelos monges nos mosteiros e em conventos que passaram a ter hortos botânicos.

Nesse contexto, com a difusão sobre as notícias da chegada em um “Novo Mundo” foram despertados interesses em diversos ramos econômicos dos habitantes europeus com a finalidade de obtenção de lucro ou expansão religiosa. Com Nicolás Monardes não foi diferente, assim com a repercussão das “maravilhas do paraíso terrestre” e com o lançamento de alguns livros no período que falavam sobre a fauna e a flora da América, tais como “História geral e natural das índias” de Gonzalo de Fernández de Oviedo, o médico Sevilhano se sentiu estimulado a estudar cientificamente as plantas americanas. Sem nunca ter pisado em solo Americano, Monardes buscou as tais ervas e sua utilização no Porto de Sevilha, este que era o principal porto do período, pois era deste que se chegavam e se mandavam objetos, animais, ouro, prata e tudo o que deveria ser transportado para a América ou levado à Espanha. Influenciado por todos os médicos mencionados, Monardes aplicou seus conhecimentos junto aos aprendizados advindos do que pôde saber dos rituais dos ameríndios, realizou seus estudos, e publicou seu famoso livro, este que será estudado por nós. Monardes não fora o único a se interessar, estudar, manipular e escrever sobre as plantas do Novo Mundo, porém escolhemos sua obra por ter sido destaque naquele tempo nos cursos de medicina em toda a Europa.

O livro se intitula “*Primera Segunda y Tercera partes de la historia Medicinal de las cosas que se traen de nuestras índias occidentales, que sirven en medicina*”. Esta obra possuiu grande importância na época e foi destaque em vários cursos de medicina na Europa, em menos de cem anos obteve quarenta e duas edições e fora traduzida para pelo menos seis línguas. Destacando a utilidade das ervas como terapêuticas estimulantes e alucinógenas, Monardes foi e ainda é sempre citado como referência no estudo da farmacopéia americana, pois em seu livro exemplifica as formas biológicas das plantas, suas utilizações e seus importantes atributos medicinais. Além de que, através de seus estudos, também pôde contribuir para a compreensão da sociedade daquele tempo, pois encurtando as distâncias entre as culturas do velho e do novo mundo trouxe uma nova percepção do contato com os costumes dos povos nativos, que produziam seus remédios de uma maneira nova e mais

eficaz, além de relatar as relações de troca de saberes entre os ameríndios e os espanhóis ao enfatizar que eram as mulheres que preparavam tais medicamentos à base de ervas e que estas passavam o conhecimento que possuíam para os espanhóis.

Muitos dos recursos naturais que o médico descreveu em seu livro podem ser encontrados nos documentos já explorados nesse trabalho sobre as extirpações de idolatrias, ou seja, em dado momento foram elemento da “feitiçaria”, porém simultaneamente podemos constatar a importância dada para o estudo científico de seus componentes.

Trataremos aqui de apresentar algumas das variadas plantas estudadas por Monardes em sua carreira; aqui estão principalmente aquelas que foram julgadas pelos extirpadores como ferramenta para colocar em prática o que eles diziam ser “feitiçaria” ensinada pelo demônio.

O primeiro elemento que iremos evidenciar é a canela. Está documentado por Monardes como a canela era importante, não só para os espanhóis, mas também para os índios, esta especiaria específica do território peruano era diferente da encontrada nas Índias Orientais, porém da mesma forma possuía propriedades importantes e apresentava virtudes medicinais:

En el año de quinientos y quarenta, proveyo Francisco Pizarro, a su Hermano Gonzalo Pizarro, de la gobernación de Quito; yvan de buena gana los Españoles à Ella, porque yvan assi mismo a la tierra que llamavan dela Canela, que era outra provincia adelante de Quito. Era lo dela Canela cosa muy divulgada entre los Españoles, porque se entendia de los Indios que era cosa de gran riqueza<sup>128</sup>.

Escreveu o médico Monardes em seu livro a descrição detalhada de cada uma das plantas das quais estudou; segue um pequeno excerto de como era descrita a fisiologia da canela:

Son lo arboles que la llevan de mediana grandeza, llevan la hoja como laurel, estan todo el año verdes, que nunca pierden la hoja, que es cosa comun en todos, los arboles delas Indias; echa un fruto à manera de un sombrero pequeño, que tiene su copa y falda del tamaño de un real de à ocho, y algunos mayores, es de color morado oscuro, assi por defuera como por dedentro, y partido assim ismo es dela misma color, es liso por la parte de dentro y áspero por la parte de fuera, enlo alto della copa tiene un pezon que es de do depende enel arbol, es de dordor por la falda de un real de à ocho, y lo alto es mas corpulento; gustado tiene el mismo haze moliendola que respira aquel que haze la muy fina Canela, y en los guisados do ella se hecha lês da el mismo gusto y olor que

---

<sup>128</sup> UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. **Plantas Medicinales Del Perú. Antología I.** Lima, 2006.p.89.

haze la Canela de la India; tienen estos arboles corteza gruesa, pero sin gusto ni sabor ni olor de Canela, no se si la película interior tendrá, q' solo la corteza (...)<sup>129</sup>.

Monardes, após explicar de forma minuciosa sobre a canela abriu destaque para seus atributos medicinais, a canela peruana, por exemplo, se aproveitava para a saúde e resolução dos problemas estomacais, pois amenizava as dores e se tomada com vinho se tornava um ótimo purgante para as mulheres, além de ser eficaz contra o mau hálito; também a manipulavam para deixar o rosto corado e com aspecto saudável<sup>130</sup>.

No decorrer do primeiro capítulo, pudemos perceber como a ditas “*arañas*”, que nada mais são tais como as aranhas por nós conhecidas, possuíram destaque nos processos de extirpação de idolatria, sendo uma das características das quais os colonos mais desaprovavam, por parecer estranho e se relacionar com o que diziam serem uns dos instrumentos dos quais os feiticeiros se utilizavam para suas poções a mando do demônio. Monardes as tratou tais como mais uma especificidade peruana por conta da utilização dos índios. Destacou como na América esses animais eram grandes como uma laranja e tão perigosos que com uma única picada poderia levar uma pessoa a óbito. Entretanto, os nativos sabiam como curar essas mordeduras, sendo assim, os espanhóis precisavam quase sempre dos serviços dos índios para que não morressem. O cuidado após o ato se dava da seguinte forma:

(...) el Español picado de este animal van a las higueras y ponen se la leche q' sale de las hojas de ella dos o três veces en la picadura, y hace esto tan grande efeto que se remedia totalmente del veneno y ponzoña que el animal echo en la llaga que hizo, y se remiten los accidentes que padecen de muchos Dolores y desmayos, quedando solamente que curar la pintura, que como es pequeña luego sana, aunque procuran tenella abierta mucho tiempo, que nunca pierdan las higuerias las hojas em todo el año, que siempre estan verdes<sup>131</sup>.

Assim, as plantas eram as que curavam as picadas das aranhas que ameaçavam os colonos. Porém, temos sempre que nos atentar que o processo da utilização dos vegetais não se dava se forma simplificada, pois eram atreladas aos rituais de cura; a medicina não se diferenciava de religião, tal como na Europa, que por um longo tempo acreditou que a ira de

<sup>129</sup> UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. **Plantas Medicinales Del Perú. Antología I.** Lima, 2006, p.89.

<sup>129</sup> Ibidem, p.90.

<sup>131</sup> Ibidem, p.101.

Deus ou o pacto com o Diabo que sanava ou adoecia as pessoas. Assim, esses espanhóis que buscavam os índios para não morrerem das feridas ocasionadas pelas aranhas, presenciavam tais cerimônias para se medicarem. Temos então o encontro de duas perspectivas, pois de um lado o medo da execução de tal ritual, mas a certeza de que o dito “feiticeiro” sabia o que estava fazendo, pois sempre vivera em tal território e conhecia seus animais e suas plantas; e, de outro, a concepção do médico que estudou o que os colonos lhe disseram e selecionou o fato de ser incrível curar ataques de animais peçonhentos com determinadas plantas.

Este trabalho não poderia deixar de relacionar e dar atenção a uma das plantas mais sagradas e importantes para os incas, a coca. Monardes falava sobre o desejo que possuía de conhecer e ver a utilização de tal erva em seu território natal, esta que era respeitável e celebrada pelos incas. Dessa maneira, como os outros elementos que relatou ao longo de seu texto, Nicolás Monardes descreveu suas formas biológicas:

Es la Coca una yerva de altor de una vara poço mas o menos; lleva las hojas como el Arrayhan algo mayores, y en la hoja hay señalada outra hoja a la misma forma con una línea muy delgada, son blandas, de color verde claro, lleva la simiente em razimos, que vienen ha ser quando esta tan maduta tan colorada como la simiente del Arrayhan quando esta madura, y es del mismo tamaño; quando esta sazónada<sup>132</sup>.

No período em que o Tahuantinsuyo não havia sido desconstituído a folha de coca era de exclusividade do Inca, filho do deus Sol, já que a lenda conta que as sementes haviam sido presentes do deus Sol ao seu filho Inca. Porém, com o passar do tempo, com a expansão territorial e com a chegada dos espanhóis a erva passou a ser manuseada pelos povos de maneira geral, já que sabiam de suas propriedades medicinais, além de que para eles também haviam atributos ritualísticos.

Monardes explicou em seu livro de maneira especial quais eram as utilizações da coca no cotidiano dos incas. Estes a manuseavam de diversas maneiras; um dos exemplos era no caminhar, em razão de estarem em uma região de elevada altitude a respiração se tornava difícil e com o simples ato de mascar as folhas de coca, o fôlego se dava de forma mais leve e facilitado. A erva era empregada de diferentes maneiras: pura, mascando suas folhas ou em formato de chá com água quente; moída, em forma de pasta como se fossem balas. “*Toman almejas, ò conchas de ostias y queman las muelenlas despues de quemadas, quedan como cal*

---

<sup>132</sup> UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. Op. cit.,p. 102.

*muy molida; y toman unas hojas dela Coca y mascanlas y como las van mascando (...)*<sup>133</sup>”. Utilizavam principalmente em longas caminhadas, por trajetos onde não havia comida ou água, pois alguns dos atributos da coca eram a retirada da fome e sede trazendo a sensação de saciedade. Mesmo quando estavam somente sem energia para realizar suas atividades diárias, mascavam algumas folhas, para assim a vitalidade retornar.

Monardes explicou sobre as virtudes alucinógenas da planta, pois a utilizavam também quando queriam se embriagar, ou ficar “fora do juízo” como diziam os espanhóis, para isso misturavam a coca com folhas de tabaco e as chupavam todas juntas; após isso “ficavam em grande contentamento” e permaneciam privados de discernimento sobre seus atos, sem razão ou consideração pela realidade<sup>134</sup>. Durante todo o período colonial e principalmente durante o momento das extirpações de idolatrias a utilização da folha de coca foi combatida, porém foi reconhecida em 1569, pelo Rei Felipe II da Espanha<sup>135</sup> que o ato de mascar a folha de coca era essencial a saúde do índio, já que os nativos estavam trabalhando de maneira abusiva para os colonos que perceberam que com a utilização da planta os índios trabalhavam de forma mais produtiva, dando mais lucros para o dono da terra. Assim podemos constatar a importância da folha de coca para os rumos do tempo, já que atualmente ainda existem diversas problemáticas políticas e culturais em torno da planta sagrada dos Incas.

O milho, alimento originado da América, proporcionou não somente nutrição aos povos andinos, mas também possibilitou que fossem agricultores. O grão fora cultivado com afinco pelos ameríndios, já que o milho necessitava de aprimoramentos para que o grão pudesse brotar nas espigas – tal fator esclarece as diversificadas variedades de tamanhos, sabores e cores que podem ser encontrados em território peruano já que tal modificação se deu na América ao longo de 3.000 a.C.<sup>136</sup>. Além disso, o milho fora importantíssimo para os incas para a fabricação da Chicha, bebida sagrada dos incas que é feita da fermentação da semente. O milho também é muito citado nos documentos de extirpação como um dos ingredientes para a realização de feitiços foi relatado no tratado do sevilhano que o exaltou como era importante para os povos nativos e poderia ser encontrado de forma abundante em quase todos os lugares, pois era um alimento que dava sustância, assim como o trigo na Europa.

<sup>133</sup> UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. Op. cit.,p.102.

<sup>134</sup> Idem.

<sup>135</sup> FERREIRA, Pedro E. M.; MARTINI, Rodrigo K. Cocaína: lendas, história e abuso. In: **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v.23, n.2. 2001.

<sup>136</sup> KALIL, Luis G.A e SILVA, Renato. D. O pão das índias: o milho nos relatos de Diego de Dúran e José de Acosta. In: **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica**, n. 32.1. 2014.p.30



Faziam com ele também pão, que apesar de duro era nutritivo, (vitaminas já citadas anteriormente).

Outro vegetal apreciado pelos nativos e que tomou proporções gigantescas de importância para o resto do mundo posteriormente é a batata originada do Peru. Monardes explana em seu livro detalhadamente como era este legume:

La Batata, que es fruta comun en aquellas tierras, tengo por mantenimiento de mucha sustância, y que son medias entre carnes y frutas, verdad es que son ventosas pero esto se les quita con asarlas, mayormente si se echaren en vino fino; hazen ‘potages, cozinias, tortas dellas muy excelentes; son sujeto para hazer sobre ellas qualquier conserva y qualquier guisado; ay tantas em España que traen de Velezmaga, cada año aqui en Sevilla, diez e doze Caravelas cargadas dellas, siembran se dellas mismas puestas las mas chicas, o pedazos de las grandes em sus camellas de tierra labradas, y nascen, muy bien, y en ocho meses estan las rayzes muy gordas, que se pueden comer y usar dellas; son templadas, y guisadas, o assadas ablandan el vientre, crudas no son buenas de comer porque son muy ventosas y duras de digistion<sup>137</sup>.

Assim como o milho, os povos andinos cultivaram e modificaram a batata para que pudessem utilizá-la na alimentação durante cerca de oito mil anos chegando até os tempos Incaicos, onde estes também realizaram melhorias na planta. Estes criaram armazéns onde os vegetais eram desidratados e guardados para serem distribuídos em épocas difíceis. A batata proporcionou o crescimento desses povos, uma vez que é rica em nutrientes, por isso era tratada com benevolência por estes sendo chamada “*Mama Jatha*” (Mãe do Crescimento) sendo oferecida em rituais para Pachamama, por sua grande importância<sup>138</sup>.

Nas montanhas peruanas, os povos desde antes dos incas e depois conquistados por estes possuíam várias tradições e ritos com as rochas, práticas essas que os extirpadores condenaram. Monardes destacou sobre um tipo específico de pedras chamadas de *bezoares*, específicas do território peruano. Ao se deparar com estas pedras Monardes colocou em seu livro “*Y abren aquel receptáculo y sacan del las piedras, q’ cierto es cosa maravillosa lo que crio alli naturaleza para nuestra salud y remedio de nuestras enfermedades*<sup>139</sup>”. Pois o médico espanhol ficou encantado com as virtudes medicinais que estas pedras

<sup>137</sup> KALIL, Luis G.A e SILVA, Renato. D. Op. cit., p. 98.

<sup>138</sup> GRAVES, C. **The Potato**. Treasure of the Andes. From Agriculture to Culture. Lima, Peru: International Potato Centre. 2001. p.30.

<sup>139</sup> UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. Op. cit.,p. 98.

proporcionavam ao corpo humano. Descreveu sobre os efeitos que ele experimentou para dizer com segurança que tudo era verdade. Os atributos medicinais destes pedregulhos remediavam pessoas com enfermidades no coração. Nicolás realizou o teste com vários pacientes e os efeitos e recuperações foram os melhores possíveis, pessoas que padeciam de desmaios foram livradas deste mal e, segundo o doutor, da morte. O tratamento se dava da seguinte maneira “*estando con el, y antes que venga, tomandola por la mañana en ayunas: con agua rosada si uviere calentura, y sino la uviere, con agua Azahar, cantidad de quatro granos cada echa polvos.*” Colocavam as pedras em determinadas águas específicas para que liberassem as substâncias que curavam e auxiliavam as pessoas doentes.

Esses são alguns elementos destacados por Nicolás em seu livro: a canela, a folha de coca, a batata, o milho e as pedras foram destacados aqui por serem mencionados nos documentos de extirpação de idolatrias, porém de forma a condenar os nativos pela utilização atrelada aos seus rituais, assim como Roger Chartier cita: “A história cultural tem como objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler<sup>140</sup>”. E a proposta deste trabalho é justamente refletir sobre essas perspectivas que fizeram parte do século XVI e XVII.

Monardes nos apresenta em seu livro não somente as virtudes medicinais das plantas e suas explicações fisiológicas e botânicas, mas também explica como as pedras e animais proporcionavam experiências científicas diversificadas das que experimentavam na Europa; todavia, dado que para além do seu propósito medicinal, o médico nos trouxe conhecimentos sobre a língua indígena por apresentar muitas das plantas com seu nome original, nos oferecendo saberes sobre os rituais, fazendo com que nós historiadores pudéssemos ter uma perspectiva menos marcada pela religião.

Discutindo com as concepções de Roger Chartier, entende-se que a representação é fundamentalmente objeto da história que procura distinguir a forma como os personagens de determinado período histórico dão significação as suas práticas, assim o nosso objeto elegido está diante da tensão do que os nativos já tinham como tradição e daquilo que realizavam posteriormente diante das limitações impostas pelos espanhóis<sup>141</sup>. Assim, diante das análises já empreendidas e das que virão que abarcarão a perspectiva dos jesuítas, podemos averiguar a sintonia dos prismas.

Dessa forma o livro do médico sevilhano Monardes possibilitou naquele período de forma pioneira um novo olhar aos rituais ameríndios, pois estudando os fármacos e não os

---

<sup>140</sup> CHARTIER, Roger. Op. cit., p.16.

<sup>141</sup>Idem..

relacionando a bruxaria elevou as ervas, os alimentos e as rochas americanas a outro nível, dando significância elevada aos predicados de cada uma e mesmo sem nunca ter pisado no Novo Mundo, ele pode proporcionar um novo valor a elementos tão desprezados pela grande parte dos extirpadores de idolatrias. Monardes, portanto, possui grande destaque não somente na esfera do campo da medicina, mas também ao da História, e as Ciências Sociais por conduzir uma nova direção ao século das transições sociais, políticos, culturais e econômicas.

No próximo tópico trataremos de abordar o entendimento de alguns jesuítas sobre a natureza americana e o destaque que deram para os novos elementos do Novo Mundo. Os religiosos elegidos são José de Acosta e Bernabé Cobo, que a despeito de serem crentes na fé cristã observaram, escreveram e refletiram sobre as propriedades especiais que a América poderia oferecer para uma melhor qualidade de vida para o corpo e alma.

## 2.2 O olhar dos jesuítas

Logo que o processo colonizador se iniciou no Peru, a Igreja já tinha o seu papel primordial diante das novas mudanças que estavam ocorrendo de expansão territorial espanhola. A Instituição Católica e o Estado estavam atrelados ao mesmo empreendimento chamado por eles de Novo Mundo. As Grandes Companhias de Comércio juntamente com os reinados europeus buscavam com as expansões marítimas, sobretudo lucro e riquezas, e com a associação que tinham com a Igreja Católica Apostólica Romana, poderiam efetivar de forma mais estável tais conquistas, pois o ideal evangelizador não tinha somente um propósito:

Não era somente um elementar sentimento de caridade cristã, mas também estava em causa, em conluio com o governo de Madri, a posse da terra e a vigilância permanente (através da Inquisição) aos protestantes, judeus e inimigos do Estado, que pudessem ameaçar o governo ou autoridades constituídas<sup>142</sup>.

Viajaram para o Vice-Reino do Peru cinco ordens religiosas, os mercedários, jesuítas, agostinianos, franciscanos e dominicanos, sendo que dissertaremos sobre os jesuítas, estes que chegaram ao território peruano no ano de 1568 com o lema intitulado pelo fundador Inácio de Loyola de “Perfeição cristã para maior glória de Deus<sup>143</sup>”; e, aqui em terras americanas, ganharam a fama de protegerem os povos nativos, por isso obtiveram mais tarde a inimizade do governo espanhol, todavia, por assim serem conseguiram conquistar o assentimento dos índios e dessa forma expandiram o trabalho catequético, através da criação de escolas e trabalhando por meio da educação.

Tais relações entre a Igreja e o Estado somente foram possíveis por conta do Real Patronato, que estabeleceu como se dariam as relações entre a Igreja e o Estado nas colônias americanas. No ano de 1493, através na *Bula Intercoetera*, foi confiado pelo Papa Alexandre VI aos reis espanhóis a responsabilidade de realizarem as evangelizações no Novo Mundo e a estes também a incumbência de administrar o dízimo que sustentava a igreja as missões e o próprio Estado.<sup>144</sup> Conseqüentemente a igreja e o governo eram somente um, o plano espiritual também fazia parte da administração pública e possuíam poderes. Isto posto,

---

<sup>142</sup> GONÇALVEZ, Ronaldo Pereira. Ordens religiosas e missões no vice-reino do Peru. In: **Revista Uni- Oeste**. Volume 14 – Número 20– Jul/Dez 2012 – pp. 177-198. p. 179.

<sup>143</sup> Ibidem, p. 181.

<sup>144</sup> Ibidem, p.183.

aqueles que ofendessem os Reis espanhóis estavam também insultando a Igreja e assim sendo Deus levando aqueles que fossem contra a serem julgados e condenados, uma vez que, monarquia e religião tinham o propósito de caminharem em sintonia.

Dessa forma, os jesuítas possuíam papel fundamental no processo de colonização das Américas, no território peruano agiram firmemente com o propósito de evangelização, pois trabalharam de forma constante na catequização dos povos nativos e através desse mecanismo conheceram muitos dos rituais e métodos de curas dos incas. Um desses jesuítas foi Bernabé Cobo que escreveu em 1653 o livro *“La Historia del Nuevo Mundo”*; trabalharemos aqui com as citações dos livros IV, V e VI que se referem às plantas medicinais.

Bernabé Cobo foi um religioso que chegou ao Novo Mundo muito cedo, com dezesseis anos já vivia na América; Cobo percorreu grande parte do território americano, sendo que permaneceu cerca de dez anos no Peru, transitando pelas regiões de Puno, La Paz, Potosí, Cochabamba, Oruro, Arequipa e Pisco

De forma científica – e poética<sup>145</sup> –, o jesuíta escreveu sobre as plantas, animais e pedras e investigou sobre as propriedades medicinais de cada um destes elementos naturais, ato bem parecido com o do médico sevilhano Monardes, porém o jesuíta Cobo esteve em território americano e estava próximo dos nativos que o ensinaram a como utilizar a farmacopéia peruana pessoalmente. Assim como Monardes, este jesuíta nos contribui com ensinamentos sobre os costumes indígenas, por ter tido a experiência de convivência com os nativos, pois por onde andou pôde experimentar, vivenciar e explorar. O que mais nos chamou a atenção neste jesuíta é o fato de não ter sido médico, contudo mesmo sendo religioso descreveu sobre as plantas como se possuísse conhecimentos biológicos de tais vegetais, se tornando assim como Monardes importante para as pesquisas sobre medicina natural<sup>146</sup>.

Em seu livro IV Bernabé se ocupa de distinguir as plantas do Novo e do Velho Mundo, de como se deveria proceder para tal comparação, para isso ele descreveu de forma comparativa como cada uma delas eram. Apesar de trazer à tona as propriedades medicinais das plantas por onde percorreu, na sua escrita percebe-se que quando há o confronto entre as espécies americanas e europeias, há a tendência de exaltar as que eram do velho mundo, ou de falar que as finalidades utilizadas de um lado e do outro do oceano eram distintas, como por exemplo, a “chicha”, bebida feita do milho como já referida neste trabalho. O religioso apontou que na América o objetivo ao tomar tal líquido era de se embriagarem, assim como

<sup>145</sup> Termo dado pelo historiador Raúl Porras a obra do jesuíta Bernabé Cobo referenciado no livro *Plantas Medicinales del Perú*. Antología I.

<sup>146</sup> UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. Op. cit., p. 113-114.

na Espanha, porém: “*Los españoles también suelen hacer chicha de maíz por regalo, pero hácenla con más limpieza y curiosidad que los indios (...)*”<sup>147</sup>, ou seja, o fato de fazerem de forma na qual dizia ser mais limpa e interessante, segundo o jesuíta já se tratava de uma vantagem. Cobo explica como os índios faziam para apreciar sua bebida tradicional:

Esta se hace de muchas maneras, y en lo que se diferencian unas de otras es en ser unas chichas más fuertes que otras y de diferentes colores; porque se hace chicha coloradas (...) Una muy fuerte llamada sora, que hacen de maiz tostado (...) La más ordinaria que beben los indios del Peru es la que se hace del maíz mascado; para lo qual se ven no solo en sus pueblos<sup>148</sup>”.

Assim, como Monardes exemplificou os benefícios medicinais do milho, aqui também iremos descrever outros fatores nos quais o jesuíta destacou, pois se aproveitava a chicha não somente para se embriagar, mas também para lutar contra problemas de retenção de urina, pedras, areia nos rins e bexiga, tanto que ele apontou que nunca presenciou nenhuma destas disfunções nos povos nativos, justamente pelo costume de tomar a *chicha*. Para isso bebiam cerca de meio quarto da bebida nos recipientes próprios para tais rituais<sup>149</sup>.

As aranhas que foram mencionadas desde o início deste trabalho também possuíram destaque no livro IV de Bernabé. Ele registrou sobre a erva da aranha, o nome foi colocado pelos espanhóis, porque com esta planta se curava as picadas do animal peçonhento. Este vegetal nascia em lugares escondidos e se encontravam em maior quantidade do Vale de Lima e algumas outras localidades. A planta era colocada sobre a picada e ao mesmo tempo a apertam para que saísse o veneno, assim as propriedades da erva curavam a lesão<sup>150</sup>.

Cobo aprendeu também sobre uma erva chamada Viñayguayna que, segundo o jesuíta, significava “sempre jovem”. Colocavam esse nome a uma planta que possuía talos, folhas pequenas, raízes coloridas e algumas partes ficavam à mostra sobre a terra<sup>151</sup>, nas palavras do próprio religioso seus proveitos medicinais eram:

Sus raíces majadas tienen facultad de consolidar heridas frescas, si el zumo delas hojas se mezcla con aguardiente,

---

<sup>147</sup> UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. Op. cit., p. 124.

<sup>148</sup> Ibidem, p.123-124.

<sup>149</sup> COBO, Bernabè. Historia Del Nuevo Mundo. In: UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. **Plantas Medicinales Del Perú. Antología I.** Lima, 2006. p. 124.

<sup>150</sup> Ibidem, p.141.

<sup>151</sup> Ibidem, p. 134.

mundifica y deseca las llagas húmedas. Traídas las raíces en la boca, confortan la dentadura, y el agua cocida con ellas, bebida de ordinário, conforta el estomago y estanca la sangre que suele salir por la via dela orina<sup>152</sup>.

Outro vegetal referido em seu livro específico peruano nomeado de *Lacrataruca*, que na língua dos índios tinha o significado de “língua de cervo”, assim como, a Viñayguayn, nascia em lugares sombrios. Suas folhas mediam um palmo de comprimento e tinham um dedo médio de largura, eram típicas de lugares de temperatura amena e suas virtudes medicinais eram:

su cocimiento hecho con la invidia y bebido de ordinário, vale contra la itiricia y flema salada, y contra las obstrucciones del hígado y bazo y mal color del rostro; los polvos mezclados con miel de abejas hacen crecer los pelos<sup>153</sup>.

O tabaco será a próxima planta a ser relatada em nosso trabalho, esta que se tornou atualmente costume mundial. Os índios o utilizavam com finalidades medicinais contra o mal de várias doenças. Uma das primeiras utilizações era contra a retenção de urina, para isso bebiam a erva que era misturada em um jarro de água quente e lá ficava cerca de três ou quatro dias, após tal procedimento bebiam e se curavam. Diferentemente também manuseavam o tabaco paratomá-lo na forma líquida, porém pelo nariz, segundo o jesuíta tal procedimento sanava as dores de cabeça e enxaquecas e por consequência melhorava a visão. Outra técnica era o emprego desta erva com vinho e um pouco de sal de “*compas*”, após realizar tal mistura a colocavam sobre os olhos, pois fazia com que a visão se clareasse e não ficasse mais embaçada. Adicionalmente, mais um método era a utilização da água da raiz do tabaco misturada com mel, no qual se aplicava sempre quente, lutava contra as dores de “mal de bubas” que eram as agonias causadas pela sífilis<sup>154</sup>. Assim, eram incontáveis as melhorias que o tabaco poderia proporcionar aos enfermos naquele tempo, como colocou Bernabé:

Son innumerables las curas que se hacen con las raíces y hojas del tabaco. Pero el modo más general de tomarlo, es en humo; la cual costumbre se les pego a los españoles delos indios dela isla Española, en la cual los caciques y mas

---

<sup>152</sup> COBO, Bernabè. Historia Del Nuevo Mundo. In: UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. **Plantas Medicinales Del Perú. Antología I.** Lima, 2006.p.134.

<sup>153</sup> Ibidem, p.139.

<sup>154</sup> Ibidem, p.31.

principales usaban tomarlo desta manera: metían sus hojas, después de secas y curadas en unos palillos huecos curiosamente labrados para este efecto, y encendiéndolo por una parte, por otra bebían su huma<sup>155</sup>.

O religioso que se aventurou a descrever as plantas do Novo Mundo, também se ocupou das grandes: as árvores e em grande parte do seu livro tratou sobre variados tipos e quais eram as suas qualidades para a melhoria da saúde dos homens. A primeira que explanaremos aqui se chamava “quina” uma árvore frondosa e bonita, que possuía folhas no tamanho grande e com tronco resinoso<sup>156</sup>, seus atributos medicinais estavam concentrados na resina na qual ela expelia, pois este azeite era bom para se colocar em feridas recentes, em razão de que o azeite secava o machucado retirando a umidade. Foi muito utilizado em Potosí. Além de curar cortes este azeite se fora tomado juntamente com vinho curava as dores de cabeça e inchaços; o processo de manejo deste óleo se dava da seguinte forma:

(...) hácese desta manera: majadas cuatro onzas destas pepitas, se echan en la cuarta parte en cuartillo de vino añejo por espacio de dos horas, y luego se echa todo em dos libras y media de aceite, y a fuego manso cuese hasta que se consume el vino; y quitado del fuego y frio, se cuele y se vuelve a la olla o cazo, y se añade una libra de trementina común, y con ella da un hervor no más; y apartado del fuego manso(...) <sup>157</sup>.

A vilca era outra grande árvore com folhas medianas que produzia vagens que continham propriedades medicinais, pois diziam eles que curavam febre, problemas com o sangue e uma doença local chamada “*mal del Valle*”, a qual se tratava de uma febre ocasionada por fungos, e para que melhorassem tomavam tal vagem fornecida pela árvore juntamente com a *chicha*. Além de tais fatores tinha a especialidade de ser laxativa, lutar contra a cólera e vômitos e provocar a urina, e alguns afirmavam, segundo Cobo, que tornava as mulheres fecundas<sup>158</sup>

Mais uma importante árvore medicinal era a “siaya”, que colaborava para com a saúde dos índios, sendo favorável em tratamentos para o coração. Utilizavam as pequenas folhas

---

<sup>155</sup> COBO, Bernabè. Historia Del Nuevo Mundo. In: UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. **Plantas Medicinales Del Perú. Antología I.** Lima, 2006. p.131.

<sup>156</sup> Ibidem, p.181.

<sup>157</sup> Idem.

<sup>158</sup> Ibidem, p.183.



amarelas que saíam dela e a cozinhavam, pois assim era proporcionado a retirada de fraqueza do coração, além de causar bom hálito e bem estar<sup>159</sup>. Ainda sobre a relevância das árvores, abordaremos a “*sigá*”, que era uma árvore de onde também nasciam flores amarelas, aplicavam sobre o corpo um emplasto feito com as flores desta árvore, com a finalidade de retirar dores e inchaços causados pelo frio, pois esta se localizava em lugares de temperatura baixa. As que produziam flores rosadas eram aplicadas sobre os estômagos fraquejados por conta de vômitos e assim que a aplicavam confortava o abdômen e o dava força para melhorar a digestão. Além de também aproveitarem as cores variadas que a *sigá* produzia, para gerar um sebo que agia contra as dores de coluna e mal estar<sup>160</sup>.

Por último trataremos aqui da “*tipa*”, que se localizava na província de Charcas, era uma árvore muito grande e frondosa, sua copa era grandiosa com folhas bem verdes, nas palavras do próprio jesuíta tinha como benefício:

El cocimiento de sus hojas y corteza, bebido de ordinario, estanca el flujo del sangre assí del pecho como del estómago y el que sale por la vía de la orina; y añadiendo al cocimiento basntante sal, y lavando conél las piernas hinchadas, las seca y deshinchá, y conforta las delos gotosos; mayormente si para este efeto se añaden al dicho cocimiento hojas de molle, ramas de pinço-pinco y un poço de vino. Allende delo dicho, el cocimiento dela resina con agua de cebada o de llantén con unas gotas de vinagre, un poco de allumbre y azúcar, lo que basta a endulzar el cocimiento es maravilloso gargarismo para inflamaciones delagarganta<sup>161</sup>.

Bernabé Cobo nos apresentou em seu livro uma infinidade de outras plantas, árvores e azeites. O que nos interessou mostrar aqui foram os relatos com as plantas exaltando a importância destas para a cura das enfermidades, notável as explicações sobre como os nativos realizavam o processo de cura, não exaltando a idolatria, mas sim a terapia.

Outro jesuíta de grande destaque, que não poderia deixar de estar presente neste trabalho foi José de Acosta. O religioso escreveu o livro “*Historia Natural y Moral de las Indias*” em 1590, onde o retratou a presença de um Novo Mundo e o que tal fator representou em mudanças naquele período. Dentre os variados assuntos que abrange em seu livro, Acosta reconheceu e abordou as plantas medicinais, mencionando muitos nomes que as estudaram,

---

<sup>159</sup> COBO, Bernabè. *Historia Del Nuevo Mundo*. In: UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. **Plantas Medicinales Del Perú. Antología I**. Lima, 2006. p.186.

<sup>160</sup> Idem.

<sup>161</sup> Idem.

inclusive o médico sevilhano Monardes.

As vertentes de Acosta chocaram naquele período histórico por terem a ambição de retratar a vida dos índios peruanos e mexicanos, pois ele admitiu que dentre aquelas plantas e natureza do Novo Mundo, estariam talvez novas tendências medicinais para serem utilizadas no Velho Mundo. Porém, mesmo assim enxergava na cultura andina a atuação da idolatria que era influenciada pelo demônio. Porém, ao identificar que tais fatores como as plantas pudessem melhorar a saúde dos europeus e de todos os cristãos, foi de uma visão inovadora para aquele momento histórico, pois se apresentou como pensador avançado da Contra reforma espanhola, empenhado como tantos outros ilustres contemporâneos seus irmãos de religião em admitir aqueles novos rumos; todavia até onde permitiram a fé religiosa e a imagem do mundo fundada em dogmas<sup>162</sup>. Tal fator nos é interessante por ser a abordagem de mais um prisma do período da modernidade, pois o religioso reconheceu a importância das ervas, mas ao mesmo tempo condenava a utilização quando atrelada aos rituais.

O Jesuíta teve como propósito delinear em seu livro a história e descrever sobre a natureza americana em todos os aspectos das Novas Índias Ocidentais, tratando de diferenciar essa nova porção de terra do resto do mundo já conhecido.

Para Acosta a América fazia parte de um plano maior de Deus, no qual todo o mundo (planeta) estava presente. Assim, portanto, o Novo Mundo também deveria ser catequizado para estar em sintonia com a vontade de Deus, e de acordo com a sua crença ele como religioso deveria levar a verdadeira religião a todos deste diverso território que não a conheciam. Ao falar da natureza deste novo pedaço de terra recém encontrado, este exaltava aos leitores do livro como as maravilhas do Criador eram perfeitas, e ao mesmo tempo reforçava a ideia da catequização dos nativos que foram influenciados pelo “demônio” a seguirem deuses errados e a realizarem idolatrias que eram obras do “anjo caído” que queria imitar a religião católica em todos seus princípios, porém para maldades.

Esta era a visão daquele jesuíta naquele momento, enxergavam os nativos como povos ignorantes que possuírem uma religião na qual o demônio que chegara antes do Velho Mundo já houvesse influenciado a seguirem. Seu propósito era então que todos os povos da Terra conhecessem e seguissem a “verdadeira” religião: “(...) *todos los pueblos de la tierra tengan conocimiento del evangelio*<sup>163</sup>”. E, ao conhecer o paraíso terrestre, Acosta assim como outros religiosos da mesma ordem pensavam em como Deus e suas criações eram maravilhosos e, já

---

<sup>162</sup> ACOSTA, Joseph de. **História Natural y Moral de las Indias**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.p. XXXII.

<sup>163</sup> Ibidem, p. LIII.

que tudo foi criado por Ele, a América também o fora, pois todos os territórios eram parte integrada da criação de Deus<sup>164</sup>.

Joseph Acosta tratou sobre diversas plantas, legumes, vegetais que eram importantes para o cotidiano dos nativos. Em um momento apresentou detalhes sobre a coca, no capítulo 22 o religioso descreveu a planta que era uma folha verde e muito apreciada pelos índios, se criava em terras úmidas e calmas onde a cada quatro meses esta nascia<sup>165</sup>. A erva da qual ele trata era a coca, muitos espanhóis não acreditavam nos efeitos da folha de coca e falavam que era pura imaginação, porém Acosta em seu livro manifestou que:

Yo, por decir verdad, no me persuado que sea pura imaginación; antes entiendo que en efecto obra fuerzas y aliento en los indios, porque se ven efectos que no se pueden atribuir a la imaginación, como es con un puño de coca caminar doblando jornadas sin comer a las veces otra cosa, y otras semejantes obras. (...) Los señores ingás usaban la coca por cosa real y regalada, y en sus sacrificios era la cosa que más ofrecían, quemándola en honor de sus ídolos<sup>166</sup>.

No capítulo 28 Acosta destacou sobre como as plantas não serviam somente para comida e recreação, mas também eram importantes para a medicina daqueles povos, e afirmou que todas as propriedades dos vegetais eram medicinais e possuíam composições de cura, pois fora Deus que os criou para que pudessem ser utilizados para a saúde dos homens<sup>167</sup>. Além da manipulação convencional da erva, havia o costume de “sacrificar” e oferecer aos deuses não só pessoas, mas também tais plantas:

En el Pirú usaron sacrificar coca, que es una yerba que mucho estiman, y maíz, que es su trigo, y plumas de colores y chaquira, que ellos llaman mollo, y conchas (...) Eran estas ofrendas o sacrificios para alcanzar buenos temporales o salud, o librarse de peligros y males<sup>168</sup>.

Apesar de destacar algumas das propriedades das plantas como divinas, de forma abundante por conta de sua formação católica, Acosta nos trouxe informações importantes de como os povos nativos lidavam, utilizavam e para qual finalidade as plantas serviam, material este que colabora para com as pesquisas dos investigadores.

Outro exemplo de elemento importante para a cura, já mencionado neste trabalho é o

---

<sup>164</sup> ACOSTA, Joseph de. Op. cit., p.LVII.

<sup>165</sup> Ibidem, p.203.

<sup>166</sup> Idem.

<sup>167</sup> Ibidem, p. 211.

<sup>168</sup> Ibidem, p.275-276.

Bálsamo do Peru, no qual Acosta também destacou:

El árbol de donde se trae el bálsamo de Indias, yo le he visto y es tan grande como gramado, y aun mayor, y tira algo a su hechura, (...) es en olor admirable, en curar heridas, en el color y modo de sustância; pues lo que refieren del outro bálsamo que lo hay blanco y bermejo, y verde y negro, lo mismo de halla en el de Indias. Y como aquél de sabaca, hiriendo o sajando la corteza, y destilando por allí el licor<sup>169</sup>

Além do bálsamo que mais tarde se tornou popular na Europa como pomada para curar feridas<sup>170</sup>, havia outro licor chamado “*liqedámbar*” que possuía propriedades medicinais quando utilizado em forma de pasta e aplicado nas feridas, também era utilizado como perfume. Apesar de ressaltar a importância medicinal, o jesuíta não deixou suas origens, pois seguia evidenciando que o mais importante foi que estes óleos passaram a ser utilizados no sacramento da crisma, passo importante na caminhada de quem é católico. Outro elemento de cura que o jesuíta destacou foram as “*águas que curam*”:

En el Pirú hay de esta zarzaparrilla, mucha e muy excelente en tierra de Guayaquil, que está debajo de la línea. Allí se van muchos a curar, y es opinión que las mismas águas simples que beben, les causan salud por pasar por copia de estas raíces<sup>171</sup>.

Esta dita *zarzaparrilla* se tratava de uma raiz importante, que possuía propriedades curativas assim como diversas outras nas quais Bernabé Cobo e Monardes deram importância em seus livros, e estas passaram mais tarde a serem essenciais para a medicina do Velho Mundo.

As pessoas que sabiam o manejo com as plantas eram chamadas de “*aqueles que sabiam curar*” e consistiam em figuras importantes para Acosta por terem tamanho conhecimento sobre as plantas e como curar de forma simples doenças e feridas se utilizando somente de ervas e raízes distintos daquelas encontradas no Velho Mundo. Nas palavras de Acosta: “*Y para purgar hay mil cosas de estas simples, como raíz de Mechoacán, piñones de la Puna y conserva de Guanuco (...)*<sup>172</sup>”. Porém este elogio não era dado de forma a engrandecer os ameríndios que viviam de modo mais organizado que os

<sup>169</sup> ACOSTA, Joseph de. Op. cit., p.212.

<sup>170</sup> THORWALD, Jorgen. **O segredo dos médicos antigos**. Melhoramentos, São Paulo 1990. p. 294.

<sup>171</sup> ACOSTA, Joseph de. **História Natural y Moral de las Indias**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.p.214.

<sup>172</sup> Idem.

colonos, pois Acosta esclarece que estes conhecimentos só poderiam ser possíveis porque Deus os dera de forma gratuita a estes povos que não possuíam outros meios para sobreviver em meio à selva. O jesuíta destacou ainda que a terra americana era melhor que a da Europa, pois o que aqui se plantava nascia com maior facilidade, porém na terra europeia as plantas americanas não se adaptavam de imediato<sup>173</sup>. Sendo assim, o Novo Mundo na visão deste religioso se tratava de um paraíso que apesar das idolatrias cometidas pelos índios sob “influência do demônio”, tinham muito a oferecer ao Velho Mundo, com sua natureza que proporcionavam cura e nutrição.

O intuito do jesuíta era de ajudar as populações nativas a encontrarem a salvação de Deus, para que estes pudessem glorificar o “verdadeiro Criador” e por isso anunciava a estes o evangelho. Para o religioso os ameríndios eram uma nação cega, cujo demônio com toda sua soberba fez com que estes se tornassem povos pagãos. Por isso, na visão de Acosta havia muita idolatria no paraíso terrestre.

Para os jesuítas havia dois tipos de idolatria: “*Hay dos linajes de ella: una es cerca de cosas naturales; otra cerca de cosas imaginadas o fabricadas por invención humana*”<sup>174</sup>. A primeira maneira de idolatrar foi utilizada no Peru com grande excesso e se chamava de “*guaca*”; esta forma de pecar estava em adorar elementos da natureza tais como o sol, a lua, fogo, terra, rios, montanhas e as árvores<sup>175</sup>. A “*guaca*” não nos é estranha, pois nos documentos de extirpação de idolatrias era uma das palavras mais referenciadas para se tratar das profanações dos nativos que foram condenados. Todos estes elementos dos quais adoravam possuíam nomes próprios, o Senhor que fazia tudo para os nativos que era o criador do céu e da terra se chamava “*Viracocha*” “*Pachacamac*” ou “*Pachayachachic*”, a terra em sua totalidade, por exemplo, se chamava Pachamama<sup>176</sup>.

E seguiam nomeando e adorando todos os elementos naturais reais que eram importantes para a sobrevivência, como o sol, a lua e a natureza, porém no olhar do jesuíta tais atos eram encarados como idolatria: “*Después del Viracocha o supremo Dios, fue en los infieles el que más comúnmente veneran y adoran, el sol, y trás é esas otras cosas que en la naturaleza celeste o Elemental se señalan, como luna, lucero, mar, tierra*”<sup>177</sup>. Acosta chegou até a fazer uma comparação das formas de adorações a esses deuses com a maneira como os romanos e gregos adoravam seus deuses na antiguidade.

<sup>173</sup> ACOSTA, Joseph de. **História Natural y Moral de las Indias**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006. p.218.

<sup>174</sup> Ibidem, p. 245.

<sup>175</sup> Ibidem.p.246.

<sup>176</sup> Idem

<sup>177</sup> Ibidem, p.247.

Como já mencionado anteriormente os incas conservavam os defuntos, pois acreditavam que para a outra vida precisariam do mesmo corpo para realizar as atividades no “infra-mundo”, assim na crença destes, os reis que morriam permaneciam com a mesma riqueza, para que pudessem usufruir dela na outra vida. Portanto, todos aqueles que serviam ao Inca deveriam também morrer para continuar a servir em outra existência. Assim, acreditavam que o corpo não poderia ser enterrado, mas conservado. Dessa forma muitos familiares continuavam a levar comida e bebida para os defuntos familiares. Por isso, quando passaram a batizar os índios e a enterrar seus corpos depois de mortos, os nativos não concordavam:

indios infieles desentierran secretamente sus defuntos, de las Iglesias y cementerios, y los intierran en cerros o quebradas, o en sus próprias casas. Usan también ponerles plata en las bocas, en las manos, en los senos, y vestirles ropas nuevas<sup>178</sup>.

Segundo Acosta, o demônio procurava imitar Deus para confundir os incas, por isso os ameríndios realizavam suas curas atreladas a rituais que eram ao olhar do jesuíta uma forma de se aproximar e chamar Lúcifer. Quando os incas realizavam seus cultos de adivinhação que, segundo o jesuíta, era por persuasão do tentador, ou quando queimavam suas plantas para ver através da fumaça, exalando ou tomando algumas ervas que eram psicoativas para obter suas respostas, Acosta afirmava que era o Diabo quem dava respostas em seus oráculos para que estes pensassem que sua religião fosse verdadeira:

(...) visiblemente el demônio, y daba respuestas desde su oráculo (...) El modo como tenían de consultar a sus dioses los ministros infieles hechiceros, era como el demônio les enseñaba: ordinariamente era de noche, y entraban las espaldas vueltas al ídolo, andando hacia atrás, y doblando el cuerpo e inclinando la cabeza, poníanse en una postura fea, y asi consultaban.<sup>179</sup>

Por isso, muitos dos atos dos povos nativos foram relacionados ao que estava acontecendo simultaneamente na Europa, os feitos que não puderam ser explicados por ações de Deus tanto no Novo quanto no Velho Mundo foram tidos como feitiçaria. Acosta nos relatou em seu livro:

---

<sup>178</sup> ACOSTA, Joseph de. **História Natural y Moral de las Indias**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006. p.255.

<sup>179</sup> Ibidem, p.264.

Señaladamente hubo um gênero de hechiceros entre aquellos índios, permitido por los reyes Ingas, que son muy brujos y toman la figura que quieren, y van por el aire en breve tiempo largo camino, y ven lo que pasa, hablan con el demônio, el cual les responde en ciertas piedras o en otras cosas que ellos veneran mucho<sup>180</sup>.

Segundo Acosta, os feiticeiros eram também adivinhos de todos os aspectos da vida das pessoas, sabiam sobre coisas perdidas, sobre as mortes e as enfermidades, para assim fazerem falavam com o demônio que dava as respostas das quais precisavam, por isso a comunidade de feiticeiros era bem grande sem todos os povoados. Acosta descreveu que quando iam invocar o Diabo faziam da seguinte forma: *“para este oficio particular usan de una yerba llamada villca, echando el zumo de ella en la chicha, o tomándola por outra via<sup>181</sup>”*. Como já relatamos através dos tratados do médico Monardes e do Jesuíta Cobo esta erva “Villca” possuía propriedades de curar febres ocasionadas por fungos, agia contra vômitos e diarreias. Para os povos nativos os rituais e a cura estavam interligados, não se tratava de ações separadas e, para Acosta, na realidade os índios eram homens que tinham falta de entendimento das coisas corretas, por isso praticavam tais atos, mas possuíam a natural capacidade de serem ensinados<sup>182</sup>. Monardes produziu seu livro no ano de 1574 e mais tarde Cobo escreveu sua obra sobre o Novo Mundo em 1653 também com o intuito de abordar as características de uma nova natureza advinda de terras americanas, e com isso nos trouxeram o mais importante: outro panorama de visão para com os nativos, pois são textos que não tratam sobre idolatria e a cura dos nativos como feitiçaria, mas sim se deu o devido nome às virtudes das ervas chamando-as de medicina natural. José de Acosta, apesar de deixar clara a existência do demônio nos rituais andinos, aceita que as plantas, minerais e até mesmo animais utilizados na América possuíam propriedades importantes para a medicina, se fossem utilizadas fora do contexto das cerimônias indígenas. Tal fator nos é muito rico, pois nos elucida sobre as possíveis perspectivas desse tempo histórico, o que os personagens produziram cada qual a sua representação.

---

<sup>180</sup> ACOSTA, Joseph de. Op. cit.,p.296.

<sup>181</sup> Idem.

<sup>182</sup> Ibidem, p.313.

### 2.3 Medicina e Religião: Uma síntese de suas contribuições

Como foi possível refletir nos dois últimos tópicos, tivemos a intenção de demonstrar outras perspectivas que lidavam com as plantas, minerais e animais no Novo Mundo. Monardes e Cobo nos apresentaram uma visão voltada para objetivos mais científicos realizando uma produção cultural e intelectual de suas pesquisas levando a conhecimento público os elementos culturais que curavam as enfermidades. Monardes trabalhou a partir dos mecanismos da medicina e os jesuítas com a preocupação de curar as enfermidades do corpo e da alma. Estes saberes colaboraram para que posteriormente (no século XVIII) se montasse um acervo significativo sobre conhecimento a cerca das ervas no Novo Mundo contribuindo para novas tecnologias. Segundo Fleck:

Produziram notável conhecimento científico baseado na observação e na experiência e fundamentado no produtivo diálogo que mantiveram entre a ciência e a filosofia”<sup>183</sup>.

Nicolás Monardes aproveitou-se de sua localização privilegiada, a cidade de Sevilha, aonde os produtos de todos os lugares chegavam, já que a cidade era escala de todas as rotas das Índias Ocidentais, para ter a possibilidade de ter contato com os produtos medicinais que eram advindos de todas as partes do mundo, sendo que se destacaram dentre estes os que chegavam da América. Cultivou estas ervas em seu horto, estudando cada um de seus componentes, contribuindo, como já mencionado, para a farmacologia da época, acrescentando novas substâncias curativas aos remédios já fabricados europeus, sendo referência para todos que tratariam sobre plantas, como, por exemplo, José de Acosta que relatou que Monardes se tratava de leitura obrigatória quando o assunto era sobre ervas que sanavam os enfermos. O médico de Sevilha nos apresentou inúmeras contribuições com sua obra “*Primera Segunda y Tercera partes de la Historia de las cosas que se traen de nuestras Índias Occidentales, que sirven em medicina*”. Além de levar a toda Europa conhecimentos sobre a natureza americana e renovar a medicina renascentista, também possibilitou que se conhecesse a língua dos nativos, pois os elementos naturais chegavam da América com seus nomes originais e com os rituais que utilizavam para conceberem a cura com tais substâncias naturais. Segundo Galeote: “*Estos tratados tienen un valor incuestionable para la divulgación*

---

<sup>183</sup> FLECK, Eliane Cristina Deckmann. A medicina da conversão: apropriação e circulação de saberes e práticas de cura (Província Jesuítica do Paraguai, século XVIII). In: **Revista de Estudos Marítimos y Sociales en línea**, v. 11, p. 34-80, 2017. p.36.



*europaea del conocimiento científico de los vegetales que se enumeran y describen, acompañados de estimaciones culturales y sociolingüísticas*<sup>184</sup>”.

Bernabé Cobo com seus escritos, da mesma maneira, propiciou muitos conhecimentos sobre a natureza na América, mas também saberes sobre os rituais andinos e um pouco mais sobre o comportamento dos próprios jesuítas quanto ao trato com os povos nativos. Através dos colégios que criaram para catequizar os índios originaram um espaço de trocas de saberes entre os nativos e eles religiosos, viabilizando o nascimento de conhecimentos, não sendo, portanto, local somente de recepção da cultura europeia, mas também de construção de saberes, pois tinham a consciência de que para efetivarem a sua catequese precisavam ter conhecimento sobre a cultura dos nativos, mas, além disso, perceberam que poderiam aprender sobre os compostos naturais, para então curarem as almas e os corpos<sup>185</sup>.

Estudos recentes apontam que além dos jesuítas colaborarem para a conversão dos povos nativos e com a criação de compêndios, receituários e livros sobre a cura dos enfermos com ervas americanas que influenciaram a medicina moderna, também favoreceu para que fosse implantada posteriormente na América uma cultura científica (mais tardar no século XVIII)<sup>186</sup>, dado a quantidade de estudos que realizaram e a criação de hospitais que construíram no Novo Mundo, sendo que grande parte de todo o mérito por eles adquiridos em espalhar o entendimento das plantas americanas foi graças aos saberes adquiridos dos povos andinos sobre a sua própria natureza.

Procuramos evidenciar nesse segundo capítulo como a feitiçaria tomou diferentes proporções dados os distintos espaços onde a história aconteceu nos mostrando que as instituições de onde advêm as fontes marcam os caminhos do que nós historiadores podemos explorar. Longe de causar anacronismos, pois essa não era uma preocupação da época, porém, “O reconhecimento da alteridade do outro homem possibilita a experiência ética<sup>187</sup>”. Ou seja, os conhecimentos aproveitados pelas ciências do período puderam gerar um respeito não pelos povos, mas pelos elementos que estes utilizavam e pelo conhecimento que possuíam. Entretanto, temos seguindo a mesma corrente religiosa de José de Acosta que, assim como Cobo, nos forneceu conhecimentos sobre os elementos naturais desse Novo Mundo, contudo deixou muito claro que os rituais eram idolátricos e que estes deveriam ser condenados, ou

---

<sup>184</sup> GALEOTE, Manuel. **La herbolaria de Indias en los tratados científicos de Nicolas Monardes (1507-1588)**. Revista del Centro de Lingüística Hispánica “Juan M. Lope Blanch” Instituto de Investigaciones Filológicas, México, 1998.p. 69.

<sup>185</sup> FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Op. cit., p. 53.

<sup>186</sup> Ibidem, p. 69.

<sup>187</sup> SIDEKUN, Antônio. Cultura e Alteridade, In: TREVISAN, Amarildo. L. e TOMAZETTI, Elizete. M. **Cultura e Alteridade Confluências**. Rio Grande do Sul, 2006. Acesso em 13 de Março de 2017. p.61

melhor, eliminados, apoiando o massacre das extirpações de idolatrias.

Do lado não jesuítico, seguindo outra ordem religiosa, temos Bartolomé de Las Casas. Este partiu rumo ao Novo Mundo em 1502 com o propósito de enriquecer já que sua família vivenciava dificuldades financeiras, chegou primeiramente ao território de Santo Domingo incumbido de cuidar de uma *encomienda*, porém em 1514 renunciou seu cargo para defender os nativos<sup>188</sup> e lutar contra os colonos que abusavam do poder e maltratavam os índios. Este homem não poderia deixar de ser citado neste trabalho: ficou conhecido como defensor dos índios; em sua obra intitulada “Obra indigenista” podemos constatar muito dessa característica, pois escreveu como em todo o Novo Mundo os “colonos tiranos” maltratavam os índios. Nesse excerto que se segue está se referindo ao Peru:

En el año de mil quinientos e treinta y uno fue outro tirano grande con cierta gente a los reinos del Perú donde entrando con el título e intención e con los principios que los otros todos pasados (porque era uno de los que se habían más ejercitado e más tiempo en todas las crueldades y estragos que en la Tierra Firme desde el año de mil quinientos y diez se habían hecho), creció en crueldades y matanzas y robôs, sin fe ni verdad, destruyendo pueblos, apocando, matando las gentes (...) <sup>189</sup>.

Destacou então como Francisco Pizarro foi cruel em sua chegada nas terras dos incas, sem respeitar as pessoas que já moravam no paraíso terrestre e que posteriormente transformaram na concepção dos extirpadores de idolatrias, o Edén Terrestre em trevas. Interessante para nossa pesquisa também é que Las Casas não via como crime mortal o fato de os nativos serem infiéis e por tal motivo serem condenados ou mortos sem defesa; podemos refletir sobre isso em: “*El dominio de las cosas que son inferiores al hombre corresponde a todos los hombres del mundo, sin exclusión de fieles o infieles, según la justicia y disposición divinas en lo común, y con arreglo al derecho natural y de gentes en lo particular*”<sup>190</sup>. Ou seja, Las Casas não fazia divisão entre católicos e não cristãos, todos iriam ser julgados da mesma forma por Deus, através de seus atos bons ou ruins e matar os índios sem motivo maior, ao olhar do direito divino defendido pelo padre dominicano era

---

<sup>188</sup> SOUSA, Renata Floriano. DOMINIUM E IUS: CONTROVÉRSIAS EM TORNO DA FUNDAMENTAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, A PARTIR DA RECEPÇÃO DA POLÍTICA DE ARISTÓTELES EM FRANCISCO DE VITÓRIA (1483-1546) E DA INFLUÊNCIA DE SUA INTERPRETAÇÃO SOBRE PENSADORES LATINO-AMERICANOS DOS SÉCULOS 16 E 17. In: **Anais XIII semana de filosofia**. PUC-Rio Grande do Sul.2014. p.3.

<sup>189</sup> LAS CASAS, Bartolomé de. **Obra Indigenista**. Madrid, 1985. p.132

<sup>190</sup> Ibidem, p. 453.

algo elegido com condenação:

(...) o sea que el domínio de las cosas que son inferiores al hombre pertenece a éste en virtud del derecho de gentes, se evidencia así: Tolo lo creado há sido concedido por la bondad Divina Providencia en común a todos los hombres desde el principio mismo de éstos y em su primera instutución, y se les há dado poder y facultad para tonarlo y usar de ello<sup>191</sup>.

Dada a faculdade aos homens fornecida por Deus sobre os atos bons e ruins de forma singela exploramos aqui os dizeres de Bartolomé de las Casas acerca dos massacres cometidos pelos espanhóis aos nativos, claro que tal opinião não exclui que a religião pagã deveria ser convertida, porém o trato em defesa dos nativos fora diferenciado. O historiador Varella, em sua obra “A embriaguez na Conquista da América”, faz um amplo debate entre estes dois jesuítas que forneceram através de suas escritas fontes para analisarmos este tempo histórico. Varella explorou as duas abordagens destes homens quanto aos costumes indígenas no México e Peru:

A abordagem de Acosta parece expressar o limiar do racionalismo, contudo está envolta na perspectiva tradicional, teológica da ciência. De um lado o jesuíta questionaria os filósofos gregos e crenças da Igreja Católica, confortando a tradição com o poder da experiência, colocando à prova ideias que descansavam a tempos como dogmas, algumas já completamente insustentáveis<sup>192</sup>.

E entre semelhanças e diferenças Las Casas possui em seus escritosa ideia de que os nativos no Novo Mundo seriam melhores que os povos pagãos no Velho Mundo, dado que a idolatria cometida pelos ameríndios era “natural”<sup>193</sup>:

Las Casas fabrica aparências de igualdade, concebe analogias onde não há equivalências de códigos e sentidos<sup>194</sup>. Argumentou pela superioridade dos índios, porque expressariam melhor que os povos da Europa antiga o louvável ‘sentimento religioso’. Sentimento manifesto em uma idolatria que informa, afinal, desvio do culto ao verdadeiro Deus<sup>195</sup>

<sup>191</sup> LAS CASAS, Bartolomé de. **Obra Indigenista**. p. 455

<sup>192</sup> VARELLA, Alexandre C. **A embriaguez na conquista da América – Medicina. Idolatria e Vício no México e Peru, Séculos XVI e XVII**. São Paulo: Alameda, 2013. p.71.

<sup>193</sup> Ibidem, p.72.

<sup>194</sup> Idem.

<sup>195</sup> IBidem, p.71.

Em cada relato tanto de Acosta quanto no de Las Casas temos ora a defesa dos povos nativos, ora a argumentação de que os costumes destes eram idolátricos. Porém seus textos foram marcantes naquele período histórico, pois sinalizaram problemas quanto ao trato para com os povos nativos e a interpretação de tantas ambigüidades daquela era de fantasia: “Entre os dois polos (Deus e Diabo) veiculam-se várias oposições: bem e mal, virtude e vício, temperança e embriaguez, transcendência religiosa e idolatria perante as coisas, razão e superstição<sup>196</sup>”. Acosta escrevera sua obra com a intenção de ser vinculada na Espanha e por isso a traçou de forma a se repercutir com maior facilidade: “Acosta construíra uma generalização das culturas indígenas que se enquadrava nas tradições e expectativas desse público leitor<sup>197</sup>”. E assim conseguiu frisar naquele tempo seus questionamentos e suas noções sobre o que estava se passando na América. “Acosta apresentou características emblemáticas de mentalidade medieval com o frescor dos signos da modernidade. De toda forma, é fruto de uma geração atenta às tendências racionalistas também presentes naquele contexto<sup>198</sup>”.

Las Casas e Acosta advinham da mesma formação intelectual, a escola de Salamanca, que pregava a visão do clérigo Francisco de Vitoria que lutava a favor dos índios na América<sup>199</sup>, este que acabou por influenciar estes religiosos que escreveram e buscaram alternativas para o trato para com os nativos, para que a evangelização se desse de forma menos destrutiva. Como exemplo, temos a crença de Las Casas que não pensava que o demônio agia sobre os ritos dos ameríndios:

Las Casas acreditava que os rituais andinos não advinham de pacto demoníaco “Las Casas aproximou-se das manifestações sobrenaturais das culturas indígenas desde um ponto de vista essencialmente naturalístico, cara herança tomista. Apesar dos gentios terem sido provados de “graça”, seu culto não tinha origem diabólica, e, aliás, o “desejo” que havia debaixo das práticas idolátricas era algo a ser admirado (o sentimento religioso), prova que os índios queriam muito a evangelização.<sup>200</sup>

Percebendo nos povos nativos americanos a forte crença em suas tradições, Las Casas enxergou como tal fator poderia ser vantajoso para quando estes percebessem qual era a

---

<sup>196</sup> VARELLA, Alexandre C. **A embriaguez na conquista da América** – Medicina, Idolatria e Vício no México e Peru, Séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2013. p. 60.

<sup>197</sup> Ibidem, p.61.

<sup>198</sup> Idem..

<sup>199</sup> SOUSA, Renata Floriano. Op. cit., p.5

<sup>200</sup> VARELLA, Alexandre C. Op. cit., p.72.

verdadeira religião e o Deus em que poderiam se sentir seguros, pois seus costumes advinham da natureza, única dádiva da qual conheciam e obtinham seus alimentos, suas casas e a cura de suas enfermidades. Dessa forma não julgava os rituais de cura os colocando como feitiçaria, assim como fizeram os extirpadores de idolatria como Bernado de Noboa em Cajatambo.

O médico sevilhano Monardes apreciava sem maiores preconceitos as ervas andinas e da América de forma geral:

Monardes pondera que nem sempre é necessário ponderação para proveito da medicina. Os usos que podem ser considerados extravagantes para o europeu (ao menos para o cristão erudito) teriam total cabida para os povos considerados bárbaros<sup>201</sup>.

O médico é bastante livre para opinar a respeito dos deleites com tais medicinas que embriagam, sem se deixar dominar pelas visões mais condenatórias e definitivas, de constrição moral do abuso ou do uso demoníaco por índios do Oriente ou Ocidente<sup>202</sup>.

Dessa maneira, temos que nos confins do Paraíso Terrestre homens religiosos ou não visionaram que o demônio não havia chegado antes das naus de Cristóvão Colombo, este ainda se localizava na Europa, onde caças às bruxas eram constates. No Novo Mundo ao contrário habitava um universo de novas possibilidades, não somente econômicas, mas também de renovação científica, e um dos fatores que poderiam ser aperfeiçoados eram os compostos utilizados na medicina, que proporcionaram uma medicina mais elaborada, graças à fauna, à flora e a minerais encontrados na América. Cada qual dos personagens por nós estudados contribuíram da sua forma para que a América fosse vista de maneira diferenciada. Não queremos aqui colocar que estas figuras estavam com seus pensamentos desvinculados do período no qual viveram, porém era o advento de ideais que foram luz para que posteriormente o Novo Mundo pudesse se mostrar como talvez mais forte que o Velho Continente que acabara por se tornar dependente das riquezas de suas colônias.

---

<sup>201</sup> VARELLA, Alexandre C. Op. cit, p. 83.

<sup>202</sup> Idem.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os séculos XVI e XVII nos trouxeram um misto de experiências, entre os dois lados do oceano Atlântico, diversos roteiros foram traçados levando a destinos que foram memoráveis, após o confronto entre o Velho e o Novo Mundo a história destes dois territórios jamais seria a mesma. O encontro entre as culturas se deu mais como um choque, porém nos cabe o questionamento: eram tão diferentes assim? Costumes, tradições eram distintos, porém a comunidade nativa estava bem instituída a sua agricultura com tecnologias muito além do que se empregava na Europa, com as plantações nas montanhas e as técnicas de irrigação inovadoras as quais são utilizadas até os dias atuais; assim como os aperfeiçoamentos e metalurgia e na administração de todos os territórios e a distribuição de alimentos que ficavam alocados em armazéns – além disso, também o mecanismo de contagem: os *quipus*.

Dessa maneira, podemos constatar que os incas possuíam uma organização social bem estabelecida tanto que formaram o Tahuantinsuyo compondo quatro territórios como Antisuyu, Colassuyo, Contisuyo e Chincassuyu voltados à cidade principal que era Cusco.

Ao longo do tempo, foi apresentada uma imagem dos incas que fora adquirida através dos relatos dos cronistas da época, os quais transcreveram as cerimônias, rituais e costumes com que tinham contato; e, por meio de tais escritos, os incas foram mostrados às outras sociedades ao longo do tempo. Porém, nem mesmo as crônicas estão em sintonia com as explicações sobre os costumes, dado que as populações nativas não eram somente de incas, mas também de povos advindos anteriormente que foram agregados ao Thuantisuyu com as expansões territoriais ao longo da América, as quais seguiam constantemente. Dessa forma, os espanhóis no início do processo de colonização não sabiam distinguir os povos, dado o tamanho e vastidão de populações que habitavam o Novo Mundo, ademais que estes nativos viviam em locais de altitude mais elevada e os espanhóis por falta de preparo não chegaram a tais localidades de imediato e assim não conheceram todos os povos que ali habitavam.

A Europa acabou por reproduzir no Novo Mundo as mesmas problemáticas que possuíam em sua terra natal. Na obra “História Noturna”, de Carlo Ginzburg, há mencionada a inquietação de Trevor Hoper: “Como uma sociedade culta e desenvolvida como a europeia tinha desencadeado, exatamente na época da chamada Revolução Científica, uma perseguição baseada numa delirante noção de feitiçaria?<sup>203</sup>”. Com os esclarecimentos de Carlo Ginzburg, podemos refletir que tal fator seria possível por determinadas razões, sociais, intelectuais, psicológicas, mas, sobretudo, os saberes populares sobressaíam na sociedade, ainda mais em

---

<sup>203</sup> GINZBURG, Carlo. **História Noturna: Decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 1939.p. 14.

um tempo em que a Igreja Católica Apostólica Romana determinava os medos. No entanto, essa cultura se formou em cada lugar de forma heterogênea<sup>204</sup>.

No Velho Continente, em cada localidade seus mitos estavam instaurados e as lendas consolidadas no imaginário da população. A feitiçaria não se tratava de uma dúvida, mas sim de uma certeza, esta que fora julgada através do sistema jurídico da igreja católica, o tribunal da Santa Inquisição, e cada nação recém formada ou não teve suas especificidades. Em Portugal trabalhavam de forma distinta da Espanhola, sendo que a segunda matou milhares de pessoas, nem todos os julgados eram condenados e mortos, porém a busca por prender e executar feiticeiros e bruxas foi real no período moderno com o advento da figura principal a qual acreditam estar combatendo: o Demônio. No espaço da colônia outras especificidades aconteceram, como pudemos refletir ao longo deste trabalho; na obra “*Los curacas hechiceros de Jauja*”, de José Carlos de la Puente Luna, há o seguinte excerto que nos alumbrava sobre este tempo:

La época colonial fue profundamente osmótica y dio lugar a un sinnúmero de fenómenos y situaciones de reinterpretación, transfiguración, transcuración, sincretismo, hibridación, mestizaje u aculturación los cuales por lo demás delatan la vitalidad, la fuerza creativa y la capacidad de adaptación, de los hombres y los pueblos del Andes, tanto o más que cualquier manifestación cerrada defensa a ultranza de formas de vida, y costumbres atávicas<sup>205</sup>.

Nesta obra podemos ter a ideia de que as batalhas ditas como “mágicas” passaram a ser de ordem “legal”, ou seja, realizadas nos tribunais e na América colonial julgadas pelas extirpações de idolatrias. Aqueles que já haviam sido batizados estavam sujeitos a serem julgados caso praticassem idolatrias. Como podemos constatar nos relatos de Noboa, muito se pode retirar para compreender aquele momento e o que consideravam como pecado. É certo que os relatos foram produzidos em condições de tomadas realizadas pelos extirpadores de idolatrias, perante juízes que conduziam interrogatórios a partir de modelos já estabelecidos. Os extirpadores buscavam em seus questionários a idolatria e, quando não havia tortura, muitos dos índios relatavam simplesmente ritos e cerimônias que os era comum

---

<sup>204</sup> GINZBURG, Carlo. **História Noturna: Decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 1939. p.15.

<sup>205</sup> LUNA, José Carlos de la Puente. **Los curacas hechiceros de Jauja Batallas mágicas y legales em el Perú colonial**. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica Del Perú, 2013.p.12.

em seu cotidiano, seus costumes herdados dos antepassados. E tais narrações são as ferramentas que nós historiadores utilizamos para perceber essa era de medos de feiticeiros. Assim, este trabalho buscou explorar sobre umas das vertentes dessa onda de medo do desconhecido através da medicina natural, em um tempo onde a Europa estava imersa num período de dúvidas: de um lado medo, da escuridão e do incógnito; de outro, a busca por luzes e inovação.

A feitiçaria foi uma perturbação e motivo de preocupação na sociedade colonial, pois havia substratos comuns da feitiçaria europeia<sup>206</sup>. Como acabamos de refletir, viviam um período agonizante com medo dos mistérios que os mares poderiam revelar, porém ao mesmo tempo se lançaram em busca de novos mercados, produtos e terras.

No Peru, a feitiçaria gerou a especificidade das extirpações de idolatrias como podemos constatar nos escritos de Noboa. A utilização de plantas como instrumento nos rituais veio desde estes povos antigos que habitavam o Peru, temos fontes que nos mostram como em Chavín de Huántar (1.500 a.C.) utilizavam ervas não somente para curar as enfermidades, mas também com finalidades alucinógenas, como o famoso Chá de São Pedro<sup>207</sup>. As plantas possuíram ampla importância em todos os povos nativos da América, dada a riqueza e diversidade da natureza do Novo Mundo.

Nesse amplo contexto, uma velha palavra conhecida na Europa surgiu no Novo Mundo para caracterizar os rituais indígenas, este foi o termo “feitiçaria” que deu título a esta dissertação. Segundo Varella, esses tempos eram de confusão:

A especulação e a experimentação científica viviam certo caos epistemológico. Em tempos de tanta incerteza sobre casualidade, e mesmo de incerteza de que há causas num mundo de magias, analogias e mistérios, havia a preocupação de enquadrar os mais estranhos ou incompreensíveis fenômenos do mundo natural<sup>208</sup>.

O conjunto entre a incompreensão e a certeza colocada no imaginário dos espanhóis daquele tempo se deu pela forte influência da igreja católica na sociedade moderna, alegando que tudo o que não fosse explicado pela graça de Deus, só poderia ser obra do demônio. Tal crença acarretou nas extirpações de idolatrias na América com o intuito de extinguir a

---

<sup>206</sup> SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a terra de santa cruz**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

<sup>207</sup> O nome possui referência a um Santo Católico, nos mostrando as relações desse tempo, onde tradições indígenas foram com o tempo sendo nomeadas com santos católicos.

<sup>208</sup> VARELLA, Alexandre C. **Ver em visões: a filosofia natural entre práticas e saberes com plantas dos índios**, sécs. XVI e XVII. XXVII. In: **Simpósio Nacional de História**, Anpuh: Natal, 2013. p.6.



religião pagã como já exploramos em nossa pesquisa. Porém, a história desse tempo não se resumiu somente a um único sentido, como também se objetivou explicar nesta pesquisa.

Assim como nos inspirou o livro *“Los curacas hechiceros de Jauja”*, de José Carlos de la Puente Luna, as batalhas travadas durante o tempo das extirpações de idolatrias se davam em dois âmbitos, mágico e legal: o primeiro por ser o motivo das condenações dos visitantes aos nativos recém convertidos de que estariam realizando feitiçarias, porém tais combates se efetivavam num segundo âmbito, o da legalidade, por meio de processos judiciais que foram todos catalogados nos arquivos eclesiásticos como os de Cajatambo, os quais utilizamos neste trabalho. As curiosas histórias ocorridas em Cajatambo nos dão aporte para a compreensão de que as ditas “batalhas legais” foram o mecanismo utilizado para barrar as tradições locais e levar os costumes europeus ao Novo Mundo, mas o que vemos acontecer é os conhecimentos sobre a natureza dos povos andinos continuarem a serem propagandas e estes conhecimentos, que passou muitas das vezes a se misturar com a religião católica como pudemos constatar com o nome de algumas bebidas indígenas que passaram a possuir nomes de santos como o mencionado “Chá de São Pedro”. Assim mesmo que, de forma imperceptível gerando uma nova sociedade com uma cultura mesclada entre as tradições dos povos nativos e as impostas pelos colonos.

Primeiramente abordamos como o embate entre os povos andinos, os quais possuíam conhecimentos especiais sobre a natureza, fizeram com que os espanhóis, que não tinham tal sabedoria, os caracterizassem como feiticeiros e assim utilizaram uma noção europeia para representar o ato de curar dos índios, pois no cenário idolátrico o âmbito terapêutico é raramente encontrado. Assim na conjuntura da idolatria a importância medicinal não foi dada às plantas, animais e minerais americanos como pudemos notar nos processos de extirpação de idolatrias de Bernardo de Noboa, que aconteceram no povoado de Cajatambo. Baseados nos contextos sociais das Instituições de onde vieram os espanhóis antes de se depararem com o Novo Mundo, o resultado não seria outro a não ser a extirpação de idolatrias. Dentro dos documentos tivemos a oportunidade de saber um pouco mais sobre as cerimônias e como elas se davam, claro que o texto no qual abordamos se trata de um documento judicial que muitas vezes o seu conteúdo foi adquirido através de torturas, não obstante ele tenha nos oferecido o entendimento de como se deram os processos de extirpações de idolatrias e quais fatores os espanhóis utilizavam de motivo para poder condenar os nativos.

Muitas das tradições andinas não foram compreendidas por falta de vontade de haver a percepção do outro, o que denotamos neste trabalho como “alteridade”; um exemplo são

sobre os sacrifícios, pois os nativos para obterem saúde, alimentação e água, imolavam os animais como, por exemplo, o cuy, referido diversas vezes no primeiro capítulo, além de oferecerem sangue, folha de coca e pedras aos seus deuses e os espanhóis não compreendiam tais atitudes. Cabe aqui citar outro caso ilustrativo, o relato em que a curandeira Francisca Cocha necessitava de um animal morto, milho e folhas de coca para curar seus enfermos, muito do que utilizavam eram simplesmente simbologias do ritual e outros elementos possuíam os compostos curativos, como já discutimos, pois, o milho, por exemplo: “As panículas da espiga de milho ainda verdes atuavam como diurético, e, portanto como curativos dos males da bexiga, sendo usadas também contra a hidropisia<sup>209</sup>”.

Bernardo de Noboa teve como ideal combater a idolatria em Cajatambo, já que os nativos insistiam em permanecer com os seus costumes e tradições. Há inúmeros casos que poderiam dar origem a diversos trabalhos que conseguiriam especificar cada caso de feitiçaria ocorrido somente nos arredores do Arzobispado de Lima, porém aqui nos coube tratar sobre as diversas faces da feitiçaria.

Os personagens deste trabalho são figuras que nasceram em contexto onde a imaginação se voltava a favor do medo do desconhecido, mas que, ao mesmo tempo emergia a vontade de conquistarem o almejado Paraíso Terrestre em busca de uma terra de muitas riquezas. A Bíblia sagrada dos cristãos alimentava a imaginação dos homens daquele tempo, porém, como refletimos, alguns homens pensavam de maneira diferente e aproveitaram os elementos naturais julgados como feitiçaria para ser fonte de renovação científica.

O nosso objetivo não foi somente o de acrescentar maiores apreciações sobre o assunto, mas também buscar compreender melhor as particularidades desse tempo em que as plantas em dado momento foram instrumentos de feitiçaria e em outro era objeto inovador da medicina. No segundo capítulo tivemos a oportunidade de nos debruçar sobre fontes que nos mostraram que as plantas, pedras e animais utilizados nas práticas tidas como feitiçaria se tratavam de novas formas para preparar remédios e curar os enfermos. O médico sevilhano Nicolás Monardes espalhou através de sua obra os saberes sobre a natureza americana que serviria para curar os enfermos e fabricar novos remédios, e por assim o fazer transmitiu conhecimentos sobre a cultura ameríndia.

Há nas áreas da medicina profissionais que enxergam os feiticeiros, bruxos e magos que existiram ao longo da história como os primeiros pesquisadores e cientistas, precursores do que viria ser a medicina, química e demais ciências que lidam com os compostos naturais,

---

<sup>209</sup> THORWALD, Jurgen. **O segredo dos médicos antigos**. Melhoramentos, São Paulo 1990. p.293.

dado que estes homens e mulheres buscavam compreender, perceber e captar a natureza e procuravam retirar proveito dela para sanar as doenças, assassinar algum inimigo ou até mesmo, como os alquimistas, tentar encontrar o elixir da juventude e aprender a fabricar ouro: “(...) com o tempo, muitos desses magos se especializaram em determinadas técnicas, e a partir daquelas relacionadas aos mineiros e ferreiros, formou-se um corpo de especialistas, mais conhecidos como alquimistas<sup>210</sup>”. Estes poderiam ser considerados como os precursores da busca pelo saber no Ocidente:

(...) os magos, as bruxas, os feiticeiros, pois todos interpretavam os acontecimentos da natureza e suas conseqüências, e expressavam uma determinada compreensão do universo e do relacionamento desde com o homem, muito próxima da compreensão que os pesquisadores hoje possuem<sup>211</sup>.

Os alquimistas representaram em sua época o advento do que futuramente chamariam de feiticeiros e bruxos, pois a busca de seus objetivos estava atrelada à índole fantástica, à razão e os devaneios do mítico:

Paralelamente os alquimistas buscavam, preservando o caráter mágico, mítico, ritualístico, a cura de doenças do corpo, buscando os produtos de origem natural para alcançar a longevidade e até mesmo a imortalidade, o que lhes daria mais tempo para desenvolver a proposta de seu trabalho que se encontrava na perfeição anímica<sup>212</sup>.

O que nos demonstra tais citações é que a busca pela cura e saúde são preocupações que foram existentes em todos os períodos históricos e em todas as sociedades, seja as tidas naquele momento dos séculos XVI e XVII civilizadas como a europeia ou pagãs no Oriente, ou dos povos andinos que habitavam o Novo Mundo. O que transfigurou e condenou tal prática que continha também rituais foi a igreja católica, ou seja, o poder das instituições de definir o que se pode ou não em determinado local, como Certeau já nos advertiu: “Práticas religiosas diferenciam as pessoas na história (...) sempre importante relembrar a situação presente do cristianismo<sup>213</sup>”, no caso o

---

<sup>210</sup> DI STASI, Luiz Claudio. **Plantas medicinais: arte e ciência**. Um guia de estudo interdisciplinar. Editora da Universidade Estadual Paulista, São Paulo 1996.p.17.

<sup>211</sup> Ibidem, p.15.

<sup>212</sup> Ibidem, p.17.

<sup>213</sup> CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.p.33.

papel delimitadora da instituição católica no século XVI, deliberadora das maiores atitudes naquele período, pois queriam formar nos índios um espírito cristão.

E trabalhando em meio ao que seria ao impedimento e as possibilidades que as fontes nos puderam oferecer de saberes sobre o período por nós proposto, trouxemos para este trabalho as concepções das visões acerca da feitiçaria ou medicina natural, pois “O limite do pensável para o objeto histórico está disposto por situações e contextos que a tornaram possíveis<sup>214</sup>”. O possível para nós e todos historiadores graças aos diversos contextos é perceber como a nossa ciência é incrível e nos proporciona distintos saberes sobre um mesmo tempo, sendo o universo rico em compreensões, já citamos tal elucidação, porém nos cabe como justificativa para a realização de tal pesquisa:

O historiador pode transformar em cultura os elementos que extrai de campos naturais. Desde a sua documentação (onde ele introduz pedras, sons, etc.) até o seu livro (onde plantas, micróbios, geleiras, adquirem o status de objetos simbólicos), ele procede a um deslocamento da articulação natureza/cultura. Modifica o espaço, da mesma forma que o urbanista, quando integra o campo no sistema de comunicação da cidade, o arquiteto quando transforma o lago em barragem (...)<sup>215</sup>.

Até os dias atuais a considerada feitiçaria ainda sobressai ao longo do mundo. Principalmente nos locais onde a medicina não consegue chegar, ou não há hospitais, os saberes dos antepassados são colocados em prática e muitas vidas são salvas, pois se fossem esperar as providências das instituições do governo muitos provavelmente morreriam:

Lo cierto es que hás el día de hoy los curanderos ejercen sus oficios en Perú y continúan practicando sus artes en los lugares donde no existen médicos, o bien donde los precios por las consultas y los remedios son demasiado elevados para los médios económicos de la población<sup>216</sup>.

Assim, podemos nos certificar da importância da medicina natural para as populações peruanas, que obtiveram conhecimentos sobre os elementos culturais advindos de seus antepassados incas. Ademais, não são somente as populações mais simples que apreciam os

<sup>214</sup> CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.p.53.

<sup>215</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>216</sup> ROSTWOROWSKI, María. **Ensayos de historia andina II: Panpas de Nasca, género, hechicería**. Lima: IEP, 2006.p.128.

saberes e utilizam ervas para curar suas enfermidades “(...) informações sobre os usos de plantas medicinais e suas virtudes terapêuticas foram sendo acumulados durante séculos, e muitos desse conhecimento empírico se encontra disponível atualmente em vários laboratórios científicos<sup>217</sup>”.O que nos comprova que as extirpações de idolatrias não foram tão efetivas, quanto pretenderam ser naquele tempo. Claro que, como pudemos explorar diversos clérigos, como Bartolomé de Las Casas, José de Acosta e Bernabé Cobo aprovavam o uso de plantas para curar (lembrando que deveriam ser retirados os rituais considerados idólatras); e, além de autorizarem tal prática, aprenderam com os nativos como melhorar a medicina por eles já conhecidas, aprimorando os resultados para que os enfermos fossem curados em corpo e alma.

Pretendemos aqui expor uma pequena parte do que fora o universo das extirpações de idolatrias, naquilo que condiz a chamada “feitiçaria”, que obteve várias faces. Nos detivemos então a explorar sobre a utilização de ervas, animais e minerais em rituais que foram repreendidos por determinado contexto religioso, mas que ao mesmo tempo proporcionou saberes para que ciência moderna pudesse renovar sua medicina, através dos elementos naturais advindos do Paraíso Terrestre.

---

<sup>217</sup> DI STASI, Luiz Claudio. Op. cit., p.18.

## REFERÊNCIAS

### a. Documentação

ACOSTA, Joseph de. **História Natural y Moral de las Indias**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

A BÍBLIA. **Bíblia Sagrada contendo o novo testamento**. Tradução portuguesa pelos monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Ave Maria, 2004.

ARRIAGA. **Constituciones sinodales Lima 1614**. In: DUVIOLS, Pierre. *Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII*. Cusco: centro de estudios rurales andinos “bartolomé de las casas”, 1986.

COBO, Bernabè. **Historia Del Nuevo Mundo**. In: UNIVERSIDAD DE SAN MARTÍN DE PORRES INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE MEDICINA HUMANA. **Plantas Medicinales Del Perú. Antología I**. Lima, 2006.

GUAMAN POMA DE AYALA, Felipe. **Nueva crónica y buen gobierno, Edición Y** Prologo Tomo II de Franklin Peace G. Y. Lima, Peru:Fondo de Cultura Económica S. A., 1993.

JESUITAS. **3 abril 1617 Relación de las idolatrias de los indios, de Hernando de Avedãno (Medina, J.T. “La Imprenta en Lima” 1904)**. In: DUVIOLS, Pierre. *Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII*. Cusco: centro de estudios rurales andinos “bartolomé de las casas”, 1986.

\_\_\_\_\_. **1619 (Ocros) Mision a las provincias de Ocros y Lampas del Corregimiento de Cajatambo( Letras Annuas de Compania de Jesus Provincia del Peru. Real Academia de la Historia, Madrid)**. In: DUVIOLS, Pierre. *Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII*. Cusco: centro de estudios rurales andinos “bartolomé de las casas”, 1986.

\_\_\_\_\_..**Julio 1621 (Ocros) Idolatria del pueblo de Ocros cabeza desta comunidad (Inca I 1923): PP.50-64**. In: DUVIOLS, Pierre. Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII. Cusco: centro de estudios rurales andinos “bartolóme de las casas”, 1986.

LAS CASAS, Bartolomé de. **Obra Indigenista**. Madrid, 1985.

MONARDES, N. **Historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que sirvem em medicina**. Sevilla, 1574. Instituto Mexicano del Seguro Social.

NOBOA, Bernardo. **11—12 marzo 1656 (cajamarquilla) Denuncia que hace Don Juan Tocas principal y fiscal mayor de la doctrina de San Pedro de Tiellos contra Alonso Ricari principal y camachico del pueblo de Otucu anexo de la doctrina de San Pedro de Hacas** In: In: DUVIOLS, Pierre. Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII. Cusco: centro de estudios rurales andinos “bartolóme de las casas”, 1986.

\_\_\_\_\_. **15 Agosto 1656 -11 enero 1658 (San Pedro de hacas) Denuncia que hace don Juan Tocas principal y fiscal de la dicha visita contra Hernando Hacas Cristobal Poma Libiac y muchos indios del pueblo de San Pedro de Hacas**. In: DUVIOLS, Pierre. Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII. Cusco: centro de estudios rurales andinos “bartolóme de las casas”, 1986.

\_\_\_\_\_. **4-12 abril 1657 (San Juan de Machaca) Causa de ydolatrias hecha a pidimiento del fiscal eclesiatico contra: los yndios e yndias gechiseros docmatizadores confesores sacristans ministros de ydolos del pueblo de San Juan de Machaca**. In: DUVIOLS, Pierre. Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII. Cusco: centro de estudios rurales andinos “bartolóme de las casas”, 1986.

\_\_\_\_\_. **9 Agosto – 21 octubre 1662 (San Francisco de Mangas) Causa de**

**ydolatria contra los yndios ydolatras echiceros del pueblo de San Francisco de Mangas**, In: DUVIOLS, Pierre. *Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII*. Cusco: centro de estudos rurales andinos “bartolóme de las casas”, 1986.

\_\_\_\_\_. **23 febrero 1658 – 29 enero 1660: Proceso de Boboa Provança hecha a pidimiento de los yndios de Hacas Machaca Chilcas y Cochillas provincial de Caxatambo contra el licenciado Bernado de Noboa**. In: DUVIOLS, Pierre. *Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII*. Cusco: centro de estudos rurales andinos “bartolóme de las casas”, 1986.

\_\_\_\_\_. **24 abril – 7 Agosto 1656 (Sta Catalina de Pimachi) Causa hecha a los yndios camachicos del pueblo de Santa Catalina de Pimachi anejo de la doctrina de San Pedro de Hacas por aver sacado los cuerpos de layglesia y llevados a sus machayes y aver adorado ydolos y otros ritos y sereminias antiguas**. In: DUVIOLS, Pierre. *Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII*. Cusco: centro de estudos rurales andinos “bartolóme de las casas”, 1986.

\_\_\_\_\_. **24- 26 noviembre 1664 (Información de servicios) Información de Servicios del licenciado Bernado de Noboa (A.G.I –Lima 333)**. In: DUVIOLS, Pierre. *Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII*. Cusco: centro de estudos rurales andinos “bartolóme de las casas”, 1986.

## **b. Bibliografias**

ALZINA, António. **Hipócrates: Filosofia e Mistérios da Medicina Grega**. Revista on line Nova Acrópole. Disponível em: <[http://nova-acropole.pt/a\\_hipocrates.html](http://nova-acropole.pt/a_hipocrates.html)>. Acessado em 02/02/2017.

BARROS, José D’Assunção. **História Cultural**. Dossiê A Justiça no Antigo Regime: Textos de História vol11, nº1/2, 2003. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:g5\\_VN1eZfX8J:periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5925/4901+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&lr=lang\\_en%7Clang\\_es%7Clang\\_pt](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:g5_VN1eZfX8J:periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5925/4901+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&lr=lang_en%7Clang_es%7Clang_pt)>. Acessado em 12/05/2016.



BRACHT, Fabiano. América Conquista o Mundo: Uma história da disseminação das especiarias americanas a partir das viagens marítimas do século XVI. In: **Revista Brasileira de Pesquisa em Alimentos**: CampoMourão (PR), v.2, n.1, p.11-16, jan./jun., 2011. Disponível em:  
<[http://www.dhi.uem.br/lhc/images/PDFs/a\\_america\\_conquista\\_o\\_mundo\\_-\\_fabiano\\_christian\\_gisele.pdf](http://www.dhi.uem.br/lhc/images/PDFs/a_america_conquista_o_mundo_-_fabiano_christian_gisele.pdf)>. Acessado em 08/08/2014.

---

**Bagas Ardentes e remédios para tudo: Uma história da peregrinação das plantas americanas nos séculos XVI e XVII.** 2013. 142f.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Maringá. Disponível em:  
<[https://www.academia.edu/15505304/BAGAS\\_ARDENTES\\_E\\_REM%C3%89DIOS\\_PARA\\_TUDO\\_UMA\\_HIST%C3%93RIA\\_DA\\_PEREGRINA%C3%87%C3%83O\\_DAS\\_PLANTAS\\_AMERICANAS\\_NOS\\_S%C3%89CULOS\\_XVI\\_E\\_XVII](https://www.academia.edu/15505304/BAGAS_ARDENTES_E_REM%C3%89DIOS_PARA_TUDO_UMA_HIST%C3%93RIA_DA_PEREGRINA%C3%87%C3%83O_DAS_PLANTAS_AMERICANAS_NOS_S%C3%89CULOS_XVI_E_XVII)> Acessado em 20/02/2016.

BRINGMAN, Fernando Sandor. Quando a História e a Antropologia se unem para contar uma nova história dos índios no Brasil. In: **Mosaico** - Revista de Mestrado em História: Goiásv. 4, n. 2, 2011. Disponível em:  
<<http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/issue/view/143/showToc>>. Acessado em 25/05/2015.

CARRO, Venancio Diego. **España en America ... sin leyendas.** Madrid : Libreria Ope, 1963.

CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Papirus, Campinas. 1995.

\_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

\_\_\_\_\_. **A História ou a leitura no tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COOK, Noble David. **La conquista biológica La enfermedades em el Nuevo Mundo**. Espanha :Siglo, 2005.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800 Uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1923.

DI STASI, Luiz Claudio. **Plantas medicinais: arte e ciência Um guia de estudo interdisciplinar**. Editora da Universidade Estadual Paulista, São Paulo 1996.

DUVIOLS, Pierre. **Cultura Andina e Represion: Procesos y visitas de idolatrias y hechicerías Cajatambo, siglo XVII**. Cusco: centro de estudos rurales andinos “Bartolomé de las Casas”, 1986.

ELLIOTT, Jonh .H. A conquista espanhola e a colonização da américa. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina**, v.1 América Latina Colonial. 1997.

FABREGUES, M. Pons. **Los conquistadores de América**. Barcelona: Imprenta de Henrich y Cia. en Comandita, [1912].

FERNANDES, José Lucas Cordeiro. **Abençoados e Condenados: As representações nos escritos demonológicos medievais**. Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas. Ceará, 2014. Disponível em:

<[http://www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/anais/trabalhos\\_completos/52-12632-18102012-162833.pdf](http://www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/anais/trabalhos_completos/52-12632-18102012-162833.pdf)>. Acessado em 20/05/2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERNÁNDEZ, Macarena Cordeiro. Rol de la Compañía de Jesús en las visitas de idolatrías. Lima Siglo XVII. In: **Anuario de Historia de la Iglesia**, vol 21, 2012.

Disponível em:

<[https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:do7HTsDTh0wJ:https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3915383.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&lr=lang\\_en%7Clang\\_es%7Clang\\_pt](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:do7HTsDTh0wJ:https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3915383.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&lr=lang_en%7Clang_es%7Clang_pt)>. Acessado em 20/10/2013.

FERREIRA, Pedro E. M.; MARTINI, Rodrigo K. **Cocaína: lendas, história e abuso**.

**Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v.23, n.2. 2001. Disponível

em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462001000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462001000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 25/05/2016.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **A medicina da conversão:**

**apropriação e circulação de saberes e práticas de cura (Província**

**Jesuítica do Paraguai, século XVIII)**. In: *Revista de Estudios Marítimos*

y Sociales en línea, v. 11, p. 34-80, 2017

GALEOTE, Manuel. La herbolaria de Indias en los tratados científicos de Nicolas Monardes (1507-1588). In: **Revista del Centro de Linguística Hispánica** “Juan M. Lope Blanch”, Instituto de Investigaciones Filológicas, México, 1998.

GONÇALVEZ, Ronaldo Pereira. **Ordens religiosas e missões no vice-reino do Peru**.

*Revista Uni-Oeste*. Volume 14 – Número 20– Jul/Dez 2012 – pp. 177-198. Disponível em

<<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/viewFile/8725/6725>>.

Acessado em 05/05/2017.

GRAVES, C. The Potato. **Treasure of the Andes. From Agriculture to Culture**.

Lima, Peru: International Potato Centre. 2001. Disponível em:

<<https://www.cambridge.org/core/journals/experimental-agriculture/article/potato->

treasure-of-the-andes-from-agriculture-to-culture-edited-by-c-graves-lima-peru-  
international-potato-centre-cip-2001-pp-208-no-price-quoted-isbn-  
9290602058/59D6D16297FB1BCF4FC663854B5FF3D3>.Acessado em 10/10/2016.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. **A Análise do Discurso: Conceitos e Aplicações**. Alfa, São Paulo, 39: 13-21, 1995. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3967/3642>>. Acessado em 20/10/ 2015.

GRUZINSKI, Serge. **La colonización de lo imaginário, sociedades indígenas y occidentalización em el México español**. Siglos XVI-XVIII. Fondo de Cultura Económica, México. 2000.

G.Y.PEASE, Franklin. **Los Incas**. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica Del Perú, 2015.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna: Decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 1939.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: \_\_\_\_\_ **Os andarilhos do bem: Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1966.

GIRALDI, Alice. **O demônio dos Andes**. Revista UNESP Ciência, São Paulo, p. 36- 41, nov 2012. Disponível em: <[http://www.unesp.br/aci\\_ses/revista\\_unespciencia/acervo/36/incas](http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unespciencia/acervo/36/incas)>. Acessado em 05/06/2013.

HENRI, Favre. **A civilização Inca**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1972. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/2279379/a-civilizacao-inca---henri-favre-pontos-chaves>>. Acessado em 07/08/2015.

JUNIOR, Avelar Araújo Santos. Cosmovisão e Religiosidade Andina: Uma dinâmica histórica de encontros, desencontros e reencontros. In: **Interações: Cultura e Comunidade**. v.4. n5. p.149-162. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/viewFile/6692/6124>>. Acessado em 25/05/2016.

JUNIOR, José Petrúcio de Farias. **História, Discurso e memória: concepções de linguagem e trajetórias de análise documental**. Revista de Artes e Humanidades, n.7,

Nov-Abril, 2001. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n7/dossie/discurso-memoria-concepcoes-linguagem-trajetorias-analise-documental.pdf>>. Acessado em 02/02/2016.

KALIL, Luis G.A e SILVA, Renato. D. **O pão das índias: o milho nos relatos de Diego de Dúran e José de Acosta**. CLIO: Revista de Pesquisa Histórica, n. 32.1. 2014.

Disponível em:

<<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/view/389>>. Acessado em 20/12/2017.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

LIMA, Elda Cássia de. **A correspondência jesuíta José de Anchieta e a missão de evangelizar**. II Seminário de Pesquisa da Pós Graduação em História UFG/UCG.

Goiania, 2009. Disponível em:

<[https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09\\_EldaCassia.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_EldaCassia.pdf)>. Acessado em 03/02/2016.

LOHMANN VILLENA, Guillermo. **Inquisidores, virreyes y desidentes**. El Santo Oficio y la sátira política. Lima: Congresso Del Perú, 1999.

LUNA, José Carlos de la Puente. **Los curacas hechiceros de Jauja Batallas mágicas y legales em el Perú colonial**. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica Del Perú, 2013.

MAGASICH-AIROLA, Jorge, BEER, Jean Marc de. **América Mágica: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o paraíso**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MAHN-LOT, Marianne. **A conquista da América espanhola**. Campinas: Papirus, 1990.

MARTINS, Pedro Fredson. **Mestiçagens cosmológicas nos processos de Extirpação de Idolatria de Bernado de Noboa (Séc. XVII)**. XXVIII Simpósio Nacional de História:

Florianópolis, 2015. Disponível em:

<[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434405829\\_ARQUIVO\\_Mesticag](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434405829_ARQUIVO_Mesticag)

enscosmologicasnosprocessosdeExtirpacaodeIdolatriadeBernadodeNoboa.pdf >.

Acessado em 04/04/2016.

NOGUEIRA, Carlos. R. F. **Bruxaria e História: As práticas mágicas no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1991.

O' GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**. São Paulo: UNESP, 1992.

PORTUGAL, Ana Raquel M. da C. M. **Mitos e fatos nas crônicas da conquista do Antigo Peru**. História Unisinos, 2010, vol. 14, n. 2, p 112-120. Disponível em: <file:///C:/Users/Gabriela/Downloads/4712-15386-1-SM.pdf>. Acessado em 03/01/2015.

\_\_\_\_\_ **A inquisição espanhola e a bruxaria andina: evangelização e resistência**. Revista de História Regional, vol. 4, n. 2, p. 9-34, Inverno 1999. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2081/1563>. Acessado em 05/01/2015.

\_\_\_\_\_ **Feitiçaria, bruxaria e o pacto demoníaco**. Revista Maracan UERJ, v. 7, n. 7, p. 137-153, Rio de Janeiro. 2011. Disponível em <file:///E:/4%C2%B0Unesp/TCC/artigo%20Ana%20Raquel.pdf>. Acessado em 05/01/2015.

RIBEIRO Jr., W.A. **Aspectos reais e lendários da biografia de Hipócrates**, o "pai da medicina". Jornal Brasileiro de História da Medicina. Disponível em: <http://warj.med.br/pdf/hipocrates.pdf>. Acessado em 02/02/2017.

SIDEKUN, Antônio. Cultura e Alteridade, In: TREVISAN, Amarildo. L. e TOMAZETTI, Elizete. M. **Cultura e Alteridade Confluências**. Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/livrocultura.pdf>. Acessado em 13/03/ 2017.

SILVA, Maria Benetida. Breve história das ervas. Users Matrix Data Center, 2003. Disponível em: <http://users.matrix.com.br/mariabene/breve\_historia\_das\_ervas.htm>

Acessado em 9/05/2016

SOUZA, Laura de Mello e. **A Feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: ÁTICA, 1987. (Série Princípios).

\_\_\_\_\_. "O conjunto: a América diabólica". In \_\_\_\_\_. **Inferno Atlântico: demonologia e colonização. Séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **O Diabo e a terra de santa cruz**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

SOUSA, Renata Floriano. DOMINIUM E IUS: CONTROVÉRSIAS EM TORNO DA FUNDAMENTAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, A PARTIR DA RECEPÇÃO DA POLÍTICA DE ARISTÓTELES EM FRANCISCO DE VITÓRIA (1483-1546) E DA INFLUÊNCIA DE SUA INTERPRETAÇÃO SOBRE PENSADORES LATINO-AMERICANOS DOS SÉCULOS 16 E 17. In: **Anais XIII semana de filosofia**. PUC-Rio Grande do Sul. 2014. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XIII/21.pdf>>. Acessado em 13/09/2017.

ROSTWOROWSKI, María. **Ensayos de historia andina II: Panpas de Nasca, gênero, hechicería**. Lima: IEP, 2006.

THORWALD, Jurgen. **O segredo dos médicos antigos**. Melhoramentos, São Paulo 1990.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América; a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

TOMÁS, José Pardo. **Oviedo, Monardez, Hernández- El Tesoro Natural de América – Colonialismo y Ciencia em el Siglo XVI**. España: Novatores, 2002.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc/175842037/THOMPSON->



Edward-P-a-Formacao-Da-Classe-Operaria-Inglesa-Vol-2-Cap-1>. Acessado em 20/05/2016.

VAINFAS, Ronaldo. **América em tempo de conquistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1992.

VARELLA, Alexandre C. **A embriaguez na conquista da América – Medicina. Idolatria e Vício no México e Peru, Séculos XVI e XVII**. São Paulo: Alameda, 2013.

\_\_\_\_\_. **Origem da Coca pelo Vício do Inca**. Vitória: Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2008. Disponível em <[http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/alexandre\\_varella.pdf](http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/alexandre_varella.pdf)> Acessado em 20/10/2014.

\_\_\_\_\_. **Ver em visões: a filosofia natural entre práticas e saberes com plantas dos índios, sécs. XVI e XVII. XXVII**. Simpósio Nacional de História, Anpuh: Natal, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364927878\\_ARQUIVO\\_VARELLA-ApresentacaoANPUH2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364927878_ARQUIVO_VARELLA-ApresentacaoANPUH2013.pdf)>. Acessado em 15/05/2016.

\_\_\_\_\_. **Sobre a resistência alucinógena dos índios através do relato dos “extirpadores da idolatria”** (Nova Espanha- início do séc. XVII). XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. Anpuh-SP. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Alexandre%20C.%20Varella.pdf>>. Acessado em 09/05/2014.

ZEA, Estela Restrepo. Del arte común de curar a españa y a las indias occidentales. In: **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**; núm. 24 (1997); 351-382 2256-5647 0120-2456 . Disponível em: <<http://revistas.unal.edu.co/index.php/achsc/article/view/16609/17518>>. Acessado em 17/10/2014.